

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

JOEL HAROLDO BAADE

DA GUERRA À UNIÃO:
uma abordagem histórica da caminhada da
Associação Evangélica de Comunidades e do Sínodo Evangélico-Luterano
até a sua fusão e formação do
Sínodo Evangélico-Luterano Unido.

São Leopoldo

2007

JOEL HAROLDO BAADE

DA GUERRA À UNIÃO
uma abordagem histórica da caminhada da
Associação Evangélica de Comunidades e do Sínodo Evangélico-Luterano
até a sua fusão e formação do
Sínodo Evangélico-Luterano Unido.

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de Mestre em
Teologia
Escola Superior de Teologia
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação
Teologia e História

Orientador: Wilhelm Wachholz

São Leopoldo

2007

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B111d Baade, Joel Haroldo

Da guerra à união : uma abordagem histórica da caminhada da Associação Evangélica de Comunidades e do Sínodo Evangélico-Luterano até a sua fusão e formação do Sínodo Evangélico-Luterano Unido / Joel Haroldo Baade ; orientador Wilhelm Wachholz. – São Leopoldo : EST/IEPG, 2007.

121 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Instituto Ecumênico de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2007.

1. Unidade cristã – Igreja Luterana – Brasil. 2. Igreja Luterana – Doutrinas. 3. Igreja Luterana – Brasil – História. 4. Associação Evangélica de Comunidades. 5. Sínodo Evangélico Luterano. I. Wachholz, Wilhelm. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da Escola Superior de Teologia

SINOPSE

A presente dissertação de mestrado é uma análise em torno da identidade confessional e do discurso étnico no contexto do processo de aproximação de dois sínodos que vieram constituir a IECLB em 1949, a saber, a Associação Evangélica de Comunidades e o Sínodo Evangélico Luterano, apontando para os conflitos no processo de convergência intersinodal em nível institucional e comunitário.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, aborda-se a questão confessional implicada na relação entre os dois referidos sínodos, sendo central a reprodução dos discursos das instituições de formação por parte dos pastores e o descompasso desse discurso em relação às ênfases comunitárias. No segundo capítulo, procura-se descrever a valorização do pensamento étnico ocorrido nos sínodos, sua relação com as conjunturas políticas alemã e brasileira e em que medida ele marca a relação intersinodal. E, no terceiro capítulo, discute-se a aproximação e fusão dos sínodos e de que forma elas foram influenciadas pelos discursos confessional e étnico. De forma geral, pode-se dizer que a caminhada convergente da Associação Evangélica de Comunidades e do Sínodo Evangélico Luterano é marcada por conflitos, divergências e "guerras", mas também se evidenciam sinais claros de compromisso cristão e busca de cooperação e unidade.

ABSTRACT

This master's thesis is an analysis dealing with confessional identity and ethnic discourse in the context of the approximation of two synods which would constitute the IECLB in 1949, these being, the Associação Evangélica de Comunidades (Evangelical Association of Congregations) and the Sínodo Evangélico Luterano (Evangelical Lutheran Synod), pointing out the conflicts in the process of intersynodical convergence at the institutional and congregational levels.

This thesis is divided into three chapters. In the first chapter the confessional issues involved in the relation between the two synods is discussed. The central part of this chapter is the reproduction of the discussions of the educational institutions on the part of the pastors and the divergence of this discussion in relationship to the congregational emphases. In the second chapter we describe the importance of ethnic thinking that occurred in the synods, its relation to the German and Brazilian political situation and to what extent this marked the intersynodical relations. In the third chapter we discuss the coming together and merger of the synods and in what way this process was influenced by the confessional and ethnic discussions. In general, one can say that the coming together of the Associação Evangélica de Comunidades and the Sínodo Evangélico Luterano is marked by conflicts, differences of opinion and "wars", but also clear signs of Christian commitment and the search for cooperation and unity are evident.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| SINOPSE | 3 |
| ABSTRACT | 4 |
| SUMÁRIO | 5 |
| INTRODUÇÃO | 7 |
| 1 – CONFISSÃO E CONFSSIONALIDADE | 10 |
| 1.1 PLURALIDADE NOS PRIMÓRDIOS DE UMA FORMAÇÃO ECLESIAL | 15 |
| 1.2 ASSOCIATIVISMO EM SANTA CATARINA | 31 |
| 1.3 ASSOCIAÇÃO EVANGÉLICA DE COMUNIDADES DE SC E PR | 34 |
| 1.4 SÍNODO EVANGÉLICO LUTERANO | 39 |
| 1.5 LUTERANO, REFORMADO, UNIDO...? | 45 |
| 1.5.1 <i>O Movimento de Reavivamento</i> | 48 |
| 1.5.2 <i>A tradição Unida</i> | 48 |
| 1.5.3 <i>A tradição Luterana e as Associações Caixa de Deus</i> | 57 |
| 1.6 CONFSSIONALIDADE E COMUNIDADES APÓS A SINODALIZAÇÃO | 61 |
| 1.7 AS RELAÇÕES CONFSSIONAIS INTERSINODAIS..... | 62 |
| 2 – GERMANISMO E BRASILIDADE | 67 |
| 2.1 A SITUAÇÃO NA EUROPA COM A ASCENSÃO DE HITLER | 71 |
| 2.2 BRASILIDADE NO BRASIL A PARTIR DE 1930 | 72 |
| 2.2.1 <i>Nativismo e Semana da Arte Moderna</i> | 72 |
| 2.2.2 <i>Situação Política</i> | 73 |
| 2.2.3 <i>A situação Eclesial</i> | 75 |
| 2.3 MANIFESTAÇÕES GERMANISTAS NOS JORNAIS SINODAIS..... | 76 |
| 2.3.1 <i>Der Christenbote</i> | 77 |
| 2.3.2 <i>Evang. Luth. Gemeindeblatt</i> | 77 |
| 2.4 GERMANISMO E ESCOLAS TEUTO-BRASILEIRAS | 80 |
| 2.4.1 <i>Uma tipologia das escolas de origem teuta em Santa Catarina</i> | 81 |
| 2.4.2 <i>A "instalação" dos imigrantes e as escolas</i> | 83 |

| | |
|---|------------|
| | 6 |
| 2.4.3 Apogeu e declínio das escolas teuto-catarinenses..... | 84 |
| 2.4.4 Preservação da Germanidade dos Imigrantes..... | 87 |
| 2.4.5 O alemão como língua de ensino e nacionalização..... | 90 |
| 2.4.6 O fim das escolas teuto-catarinenses? Algumas considerações..... | 93 |
| 2.5 GERMANISMO, BRASILIDADE E AS COMUNIDADES ECLESIAIS EM SANTA CATARINA | 95 |
| 2.6 A RELAÇÃO INTERSINODAL DO PONTO DE VISTA ÉTNICO..... | 95 |
| 3 – CONFISSÃO E ETNICISMO | 97 |
| 3.1 A IGREJA CONFESSANTE | 97 |
| 3.2 A FEDERAÇÃO SINODAL E A CAMINHADA DOS DOIS SÍNODOS DEPOIS DA SEGUNDA GUERRA..... | 99 |
| 3.3 Os DOIS SÍNODOS DEPOIS DA FEDERAÇÃO SINODAL | 101 |
| 3.4 REPERCUSSÃO COMUNITÁRIA DA IDÉIA FEDERATIVA..... | 103 |
| 3.5 SÍNODO EVANGÉLICO LUTERANO UNIDO..... | 104 |
| 3.6 AS COMUNIDADES E O SÍN. EVANG. LUT. UNIDO | 107 |
| CONCLUSÃO | 108 |
| REFERÊNCIAS..... | 110 |
| ANEXO I..... | 117 |

INTRODUÇÃO

A história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) é marcada por muitos caminhos e descaminhos. Ela não é menos complexa do que as histórias de outras instituições. Abordar a referida complexidade histórica não pode se resumir a uma simples enumeração de acontecimentos particulares e a descrição do processo de constituição da referida instituição. É preciso ir além do relato, procurando, através de um instrumental teórico-metodológico adequado, fazer análises que possam ajudar a compreender o processo de constituição e a respectiva configuração que resultou desse processo. Para isso, a presente pesquisa está inserida nas linhas de pesquisa que se convencionou chamar de nova história cultural. Procura-se, ao longo do texto, integrar narrativa histórica e análise a fim de proporcionar uma compreensão mais ampla do surgimento da IECLB.

O processo de formação da IECLB, no entanto, não termina com a formação da Federação Sinodal em 1949 a partir dos quatro sínodos surgidos no contexto da imigração alemã para o Brasil nos séculos XIX e XX, a saber, Sínodo Riograndense, Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros Estados (Sín. Evang., Lut.), Associação Evangélica de Comunidades de Santa Catarina e Paraná (Assoc. Evang. de Comunidades) e Sínodo Brasil Central. A continuidade desse processo se evidencia na não-fusão imediata da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut., que coexistiram em grande parte no mesmo território até 1962.

Na história de aproximação dos quatro referidos sínodos e formação da IECLB dois temas se fizeram presentes de diferentes formas, algumas vezes incentivando a cooperação e outras vezes sendo empecilho para um trabalho conjunto. Esses temas são, de um lado, a questão étnica, que determinou as relações inter e intra-étnicas desses grupos de imigrantes em diferentes momentos históricos; e, de outro lado, a questão confessional, que acompanhou a reflexão em torno do ser Igreja cristã num contexto de diáspora.

O objetivo da presente pesquisa, a partir do que foi dito até aqui, é o de refletir sobre o processo de aproximação da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín.

Evang. Lut. até a sua fusão em 1962 sob os aspectos confessionais e étnicos presentes nessa caminhada convergente.

De uma forma geral, no que diz respeito aos paradigmas historiográficos que compõem o pano de fundo da presente discussão, foge-se daquele modelo de historiografia que visa encaixar tudo dentro de uma ordem cronológica livre de tensões. Procura-se, isto sim, dar espaço para que os conflitos, as diferenças, as descontinuidades, os paradoxos e as "guerras" possam ter o seu lugar. Nesse sentido, a pretensão não é chegar ao final desta pesquisa com uma resposta objetiva e definitiva sobre os motivos ou mecanismos que levaram à fusão da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut., mas procurar uma história destas instituições que não as desvincule da realidade cotidiana na qual estavam inseridas.

"Da Guerra à União" é dessa forma uma alusão à diversidade que marcou as bases das respectivas instituições sinodais marcadas por uma grande diversidade que não raras vezes desembocou em conflitos e dissidências. Mas também quer lembrar os conflitos políticos e sociais mundiais que determinaram a primeira metade do século XX e que marcaram profundamente a configuração das instituições eclesiais que se formaram nesse período e no período imediatamente posterior.

Além disso, "Da Guerra à União" debate a questão confessional implicada na relação entre a Assoc. Evang. de Comunidades e o Sín. Evang. Lut. Por um lado, é uma referência às uniões ocorridas por decreto estatal entre igrejas reformadas e luteranas na Alemanha na primeira metade do século XIX, especialmente a União Prussiana (1817). As uniões provocaram profunda discussão em torno da confessionalidade e também a formação de grupos neoluteranos que a rejeitavam categoricamente. As divergências entre a Assoc. Evang. de Comunidades e o Sín. Evang. Lut. são em boa medida uma reprodução desse conflito confessional entre unidos e neoluteranos.

Por outro lado, o título da presente pesquisa também faz referência ao nome do sínodo que surgiu a partir da fusão da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut., ou seja, Sínodo Evangélico Luterano Unido (1962). Procura-se descrever ao longo da pesquisa como foi possível para esses grupos que rejeitavam tão enfaticamente uma "união" aceitar a inclusão dessa designação no nome da instituição que, aliás, surge de uma "união".

Metodologicamente, optou-se por abordar no primeiro capítulo a pergunta pela confessionalidade que acompanhou a formação das primeiras comunidades, a sua cooperação precedida por pastores para a formação de sínodos e a relação destes entre si sob o ponto de vista da confessionalidade. Pressupõe-se com isso que, em grande parte, os pastores que atuaram nesse meio reproduziram os discursos confessionais da sua terra natal, que estava marcada pelo conflito luterano X unido decorrente das uniões entre igrejas confessionalmente distintas sob uma mesma instituição. Essas uniões foram fortemente criticadas por muitos grupos luteranos ortodoxos que viam nas uniões a transformação da Igreja num cristianismo mixórdio.

A ênfase na confessionalidade tendeu a recair para um segundo plano à medida que a questão étnica ganhou força no contexto europeu, principalmente alemã. Nesse sentido, o segundo capítulo da presente pesquisa abordará essa mudança de ênfase nos discursos que determinaram a relação entre a Assoc. Evang. de Comunidades e o Sín. Evang. Lut., procurando perceber em que medida o novo discurso determinado pela etnicidade possibilitou uma aproximação e o estabelecimento de diálogo que viria a possibilitar a cooperação posterior para a formação de uma Igreja de bases evangélico-luteranas no Brasil.

No terceiro capítulo da pesquisa procurar-se-á avaliar em que medida os discursos confessional e étnico se entrelaçam e determinam a formação da IECLB bem como o Sínodo Evangélico Luterano Unido, constituído em 1962 a partir da fusão da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut.

1 – CONFISSÃO E CONFSSIONALIDADE

O Sín. Evang. Lut. e a Assoc. Evang. de Comunidades¹ dividiram, ou melhor, disputaram territórios em Santa Catarina e Paraná por décadas. Para que se possa ter uma idéia da sobreposição dessas duas instituições nos dois referidos Estados, pode auxiliar a descrição do P. Wüstner, de 1958, quando argumenta em favor da reorganização territorial dos quatro sínodos (Sínodo Riograndense, Sín. Evang. Lut., Assoc. Evang. de Comunidades e Sínodo Brasil Central) que integraram a Federação Sinodal (1949). Segundo ele:

O desenvolvimento histórico de cada um dos sínodos levou a que, no decorrer dos muitos anos – com exceção do Sínodo Riograndense, que administra uma região autônoma –, as suas comunidades, do ponto de vista regional, estivessem sobrepostas. Tomemos alguns exemplos: A comunidade de Indaial, que pertence à Igreja Luterana [Sín. Evang. Lut.], está entreposta nas comunidades vizinhas do Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná [Assoc. Evang. de Comunidades]. A comunidade filial de Benedito Novo está mais próxima ao pastorado da comunidade pertencente ao Sínodo Evangélico do que ao pastor de Indaial. Uma Igreja, que é atendida a partir de Itoupava, situa-se há apenas cerca de 500 metros da casa pastoral de Massaranduba. As comunidades do Sínodo Evangélico de Santa Catarina: Corupá, São Bento e Rio Negro-Mafra estão a beira da linha férrea Canoinhas e Porto União, cujas comunidades pertencem à Igreja Luterana. As comunidades do Paraná: Toledo, Maringá, Rolândia, Riograndense, Ponta Grossa e Castro estão filiadas à Igreja Luterana, enquanto a Comunidade de Curitiba pertence ao Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná. Entre os distritos da Igreja Luterana em Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo estão os estados de São Paulo e do Distrito Federal, nos quais trabalha o Sínodo Brasil Central (tradução própria)².

¹ Na presente pesquisa optou-se por utilizar a forma de abreviaturas alemã e não o modelo de siglas normalmente utilizado. Fez-se essa opção no sentido de facilitar a identificação das instituições as quais se faz referência.

² *"Die geschichtliche Entwicklung der einzelnen Synoden hat im Laufe der vielen Jahrzehnte dahin gefuehrt – die Riograndenser Synode ausgenommen, die ein geschlossenes Gebiet verwaltet – dass ihre Gemeinden, regional gesehen, bunt ineinander liegen. Greifen wir einige Beispiele heraus: Die Gemeinde Indaial, die zur luth. Kirche gehoert, liegt eingeklemmt zwischen den angrenzenden Gemeinden der Ev. Synode von Santa Catarina und Paraná. Die Aussengemeinde Benedito Novo liegt naeher am Pfarrsitz der zur Ev. Synode gehoerenden Gemeinde als an des Pfarrers von Indaial. Eine Kirche, die von Itoupava bedient wird, liegt kaum 500 m vom Pfarrhaus in Massaranduba entfernt. Die Gemeinden der Evang. Synode von Sta. Catarina, Corupá, São Bento und Rio Negro-Mafra liegen an der Bahnstrecke Canoinhas und Porto União, deren Gemeinden zur Luth. Kirche gehoeren. Die Gemeinden Paraná, Toledo, Maringá, Rolândia, Riograndense, Ponta Grossa und Castro sind synodal der Luth. Kirche angeschlossen, waehrend die Gemeinde Curitiba zur Ev. Synode von Sta. Catarina und Paraná gehoert. Zwischen dem synodalen Gebiet der Luth. Kirche in Sta.*

A situação de polaridade entre o Sín. Evang. Lut. e a Assoc. Evang. de Comunidades determinou profundamente a configuração e a auto-compreensão da Igreja que surgirá no seu meio. Veremos durante esse estudo que a relação estabelecida entre essas duas entidades foi marcada por ataques e acusações mútuas. Assim, por exemplo, em seu relatório sobre a sua viagem de inspeção pelas comunidades brasileiras (1907/1908), o secretário-geral da Sociedade Evangélica da Fundação Gustavo Adolfo, P. Braunschweig, diz que "seria necessário rechaçar o Sínodo de Missúri e a Caixa de Deus, bem como as tendências de autonomia das comunidades e o 'duplo regime da Igreja' do Sup. Cons. Ecles.³."4 Já do ponto de vista do Sín. Evang. Lut., enfatiza-se reiteradas vezes que "rejeitamos qualquer união"⁵.

Temos, a partir disso, o seguinte quadro: duas instituições que se caracterizam pela mútua oposição, se definindo a partir da negação do "outro", do diferente. Além disso, o que não está tão evidente ainda, é que elas o fazem com uma pretensão de universalidade, ou seja, o discurso produzido no seio dessas duas instituições pretende representar um grupo maior, comunidades eclesiais com seus membros, pastores e professores. Essas questões carecem de maior esclarecimento, detalhamento e sugerem a busca por ferramentas mais precisas de análise que possam ajudar a entender os mecanismos que produzem a situação descrita e também os que proporcionam a superação de conflitos e "guerras", possibilitando o diálogo, a cooperação, a confederação (1949) e a fusão numa única instituição (1962). A pergunta que deverá acompanhar essa análise, no entanto, que também está expressa no título, é se esse processo de centralização/cooperação/unificação não produz também um excedente. Ou seja, haveria integrantes que se encontram integrados nos respectivos grupos, mas que, com a "união", por não

Catarina, Paraná und Espírito Santo, liegen der Staat S. Paulo und der Distrito Federal, wo die Mittelbrasilianische Synode arbeitet. – WÜSTNER, Fr. São Leopoldo. **Begründung des Antrages zu Punkt 15 des Protokolls der Sitzung des Rates des Bundes der Synoden (Evang. Kirche Luth. Bekenntnisses) am 11. und 12. März 1958 in São Leopoldo.** AHIECLB – SL7/2/027/1. (Documento em anexo, veja Anexo I)

³ Conselho Superior Eclesiástico Evangélico de Berlim, daqui por diante utilizaremos simplesmente a abreviação Cons. Sup. Ecles. Evang. para nos referirmos a essa instituição. Abordaremos essa instituição mais detalhadamente abaixo.

⁴ PRIEN, Hans Jürgen. **Formação da Igreja Evangélica no Brasil:** das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 24.

⁵ PRIEN, 2001, p. 176.

compartilharem mais dos princípios que permitem a comunhão grupal, foram excluídos desta? Em se chegando a uma resposta positiva, caberá caracterizar em que momentos isso ocorreu e quais as "fronteiras" – voltaremos ao conceito mais abaixo – que ocasionaram tal desfecho.

Em primeiro lugar, colocações como "seria necessário rechaçar o Sínodo Missúri e a Caixa de Deus" e "rejeitarmos qualquer união" parecem pressupor uma homogeneidade e/ou uniformidade dos respectivos grupos que certamente não corresponde à realidade empírica. Assim, a tarefa inicial para a análise de situações e processos relacionados à história dos dois sínodos é a adoção de uma postura de relativização⁶ e questionar os discursos que tendem a esconder as diferenças, os conflitos e as "guerras" no interior dos grupos. Veremos no decorrer deste estudo que as realidades da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut. são profundamente marcados pela diversidade, tanto em nível sinodal institucional, quanto em nível comunitário local. Assim, relativizando, pode-se perguntar: quem necessita rechaçar o Sínodo Missúri e a Caixa de Deus? Quem é, ou melhor, são a Caixa de Deus e o Sínodo de Missúri? Quem é que rejeita qualquer união? E quem é ou faz parte da "união"? Através dessas questões parece ficar mais evidente que os discursos legitimados pelas respectivas instituições parecem pressupor uma clara distinção entre "nós" ("nós" precisamos rechaçar o Sínodo de Missúri e a Caixa de Deus; "nós" rejeitamos qualquer união) e "eles" ("o Sínodo de Missúri; "a" Caixa de Deus; "a" união).

A configuração nós/eles que caracteriza a relação de muitos grupos sociais foi estudada por Norbert Elias e John Scotson. Segundo eles, quando existe uma diferença de poder significativa entre dois grupos que coexistem num mesmo espaço geográfico, então se cria uma relação de estabelecidos e *outsiders*, sendo o grupo do "nós" o estabelecido e o grupo do "eles" o *outsider*, ou seja, os que estão

⁶ A idéia de relativização é empregada no contexto deste estudo a partir da definição que lhe foi dada por ROCHA, Everaldo P. Guimarães. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004. Segundo Rocha, estamos relativizando "quando vemos que as verdades da vida são menos uma questão de essência das coisas e mais uma questão de posição [...] quando o significado de um ato é visto não na sua dimensão absoluta mas no contexto em que acontece [...] quando compreendemos o 'outro' nos seus próprios valores e não nos nossos [...] Enfim, relativizar é ver as coisas do mundo como uma relação capaz de ter tido um nascimento, capaz de ter tido um fim ou uma transformação. Ver as coisas do mundo como a relação entre elas. Ver que a verdade está mais no olhar que naquilo que é olhado. Relativizar é não transformar a diferença em hierarquia, em superiores e inferiores ou em bem e mal, mas vê-la na sua dimensão de riqueza por ser diferença." – ROCHA, 2004, p. 20.

de fora, os "não-nós". A relação dos grupos que constituem uma configuração estabelecidos/*outsiders* é marcada por uma tendência de estigmatização exercida pelo grupo estabelecido sobre o grupo *outsider*. O grupo estabelecido vê no grupo do "eles" a ausência de costumes e valores que acredita dar ao próprio grupo a posse de uma honra especial⁷. Isso constitui o que Everaldo Rocha descreve como uma postura etnocêntrica. Para ele:

Etnocentrismo é uma visão do mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, medo, hostilidade, etc.⁸

A eficácia de um processo de estigmatização de um grupo (estabelecido) sobre um outro grupo (*outsider*) depende de uma diferença de poder significativa, que, por sua vez, depende em grande parte do grau de coesão interna dos respectivos grupos. Percebemos durante o estudo que a variação do grau de organização e coesão interna da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut. e suas respectivas comunidades implicará maior ou menor eficácia das críticas provenientes dos grupos adversários. À medida que começa a desaparecer o desequilíbrio de poder entre os dois grupos, a tendência passa a ser de o grupo estigmatizado responder com uma "contra-estigmatização", constituindo o que Elias e Scotson chamam de "sócio-dinâmica da estigmatização"⁹. Os conceitos até aqui esboçados nos servirão para a análise da relação entre a Assoc. Evang. de Comunidades e o Sín. Evang. Lut., bem como para a caracterização da relação desses dois grupos com a sociedade dentro da qual surgem e da qual não conseguem se manter indefinidamente alheios.

Em segundo lugar, os discursos mencionados acima ("seria preciso rechaçar [...] a Caixa de Deus" e "rejeitamos qualquer união"), que, da forma como são proferidos, reivindicam uma representatividade para a Assoc. Evang. de Comunidades e para o Sín. Evang. Lut. como um todo, sugerem que as diferenças entre as duas instituições estejam no campo confessional e, portanto, de que os

⁷ ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 19-50.

⁸ ROCHA, 2004, p. 7.

⁹ ELIAS, SCOTSON, 2000, p. 23.

fatores que impedem a cooperação sejam de ordem confessional. Mesmo que Prien afirme que o motivo para a rejeição da Caixa de Deus seja pelo fato de ela não estar etnicamente alinhada com clareza e não por razões confessionais¹⁰, ainda assim faz-se necessária uma abordagem em torno da confessionalidade, pois o discurso das instituições, principalmente por parte do Sín. Evang. Lut., pelo menos nos primeiros anos de sua existência, é marcado por uma linguagem confessional. Além disso, Prien parece desconsiderar em suas conclusões as rivalidades que marcaram, desde o seu surgimento, as Caixas de Deus, que são a favor de uma pureza confessional luterana, e a Obra Gustavo Adolfo, da qual o P. Braunschweig é secretário-geral por ocasião da visita de 1907/1908. Então, a questão é se a rivalidade confessional já está superada em 1907/1908 e não desempenha mais nenhum papel ou se ela ainda está presente, mesmo que motivações de cunho étnico também estejam em jogo.

Difícilmente será possível determinar qual o grau de motivações confessionais e étnicas presentes no discurso de Braunschweig. Pretende-se mostrar durante este estudo que há um período de transição de paradigmas nas instituições eclesiais surgidas no âmbito do protestantismo de imigração no Brasil. Gradativamente passa-se de um pano de fundo confessional para um determinante étnico, o qual, por sua vez, se revelaria insustentável com o desfecho da Segunda Guerra. Essas mudanças irão ocorrer num compasso diferente nos níveis institucional e comunitário local e serão desencadeadas por motivações internas (as reflexões no interior do grupo de imigrantes e descendentes bem como o discurso dos ideólogos da germanidade na Europa) e externas (o confronto com outros grupos sociais como luso-brasileiros, que foi muito forte no período das duas guerras mundiais e foi por elas reforçado). Nesse primeiro capítulo, entretanto, queremos esboçar e dissertar sobre a formação de comunidades e sínodos em Santa Catarina levando em conta em primeira linha o aspecto confessional. Com isso, não está dito que outros elementos não estejam presentes no processo de formação eclesial e eclesiástica, mas a abordagem confessional constitui um recorte da realidade. Mais dimensões dessa história poderão ser apontadas durante a exposição, mas terão que ser aprofundadas em outro momento.

¹⁰ PRIEN, 2001, p. 24.

Metodologicamente optou-se por iniciar a abordagem com a descrição do desenvolvimento das duas instituições em estudo a partir das comunidades eclesiais surgidas no âmbito da imigração de fala alemã nas regiões de Santa Catarina e de como, desde o seu início, elas foram marcadas por uma diversidade confessional. Ou seja, o que se pretende é partir de um cotidiano, perguntando mais adiante pelas estruturas que compõem o seu subterrâneo. Procura-se com isso "integrar narrativa e análise e relacionar mais intimamente os acontecimentos locais às mudanças estruturais na sociedade."¹¹

1.1 Pluralidade¹² nos primórdios de uma formação eclesial

Muito antes da fundação do Sín. Evang. Lut. (1905) e da Assoc. Evang. de Comunidades (1911) foram constituídas comunidades eclesiais no âmbito da imigração de fala alemã em Santa Catarina. Assim, por exemplo, desde 1848 já estava constituída a comunidade de Santa Isabel, embora recebesse um pastor somente em 1862. E, em 1857, foi fundada a comunidade de Blumenau, para a qual veio, ainda no mesmo ano, o P. Oswald Hesse¹³. Essas organizações ocorrem de forma independente uma da outra e, por isso, terão características bem locais. Além disso, como já bem observa Lauri Emílio Wirth, o protestantismo trazido para o Brasil com os imigrantes de fala alemã não era homogêneo e, em Santa Catarina, essa diversidade se fez perceber especialmente entre 1850 e 1900¹⁴. A pluralidade mencionada é confessional!

¹¹ BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992b. p. 333.

¹² No âmbito deste trabalho, os conceitos de pluralidade, diversidade e outras designações afins são usados como sinônimos.

¹³ ES NAHT DER 50. GEBURTSTAG unserer Synode. Wie kamm es zur Gründug der Synode? **Mensagem do Evangelho**, Rio do Sul, 15 jun. 1961. Aus der Synode, p. 13-14. p. 13. O P. Rudolph Oswald Hesse iniciou a sua atuação em Blumenau em 1º de agosto de 1857. Ele nasceu no dia 11 de agosto de 1820, em Reinswalde, perto de Sorau, em Nieder-Lausitz. Realizou os seus estudos teológicos na Universidade de Breslau. Após formado, atuou na comunidade de Wreschen até novembro de 1856, quando foi solicitado pelo Dr. Blumenau para que viesse para o Brasil trabalhar na colônia de Blumenau. – Blumenau 1868. Memorial histórico na pedra fundamental da Igreja Evangélica. In: FLOS, Max-Heinrich. **Nossos Pais**: um livrinho que conta da nossa história centenária. São Leopoldo: Rotermund, 1961. p. 37.

¹⁴ WIRTH, Lauri Emílio. **Protestantismus und Kolonisation in Brasilien**. Erlangen: Ev.-Luth. Mission, 1992. p. 57.

A fundação de comunidades, entretanto, não ocorre no momento da chegada dos imigrantes; há um período que antecede a organização comunitária. Segundo João Klug, os primeiros anos após a chegada dos imigrantes foram marcados pela luta pela sobrevivência e, por isso, essa primeira fase da imigração deveria ser chamada de "instalação"¹⁵. Anterior à formação de comunidades também é o início do processo de adaptação/reformulação/tradução cultural a que os imigrantes e seus descendentes no Brasil são submetidos, o qual é longo e lento. Essa dimensão da imigração pode ser evidenciada quando se pergunta, por exemplo, pela identidade teuto-brasileira.

Para Dagmar Meyer, a formação da identidade teuto-brasileira começa já antes da chegada dos imigrantes à nova terra, ela começa no momento em que eles são confrontados com a "necessidade/obrigação/desejo/disponibilidade"¹⁶ de imigrarem. Nesse sentido, algumas considerações em torno do conceito de identidade podem ser úteis, não no sentido de promover a busca por uma definição absoluta da identidade teuto-brasileira, mas para evidenciar que a formação dessa identidade é um processo que marcará de alguma forma a organização dessas pessoas em comunidades, sejam elas seculares ou eclesiais. Também quando se fala nas identidades da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut. deverá ficar claro que esta se caracteriza por ser um processo e não um conteúdo limitado que poderia ser descrito.

Segundo Henning Luther, a identidade é, ao mesmo tempo, um fragmento do passado e do futuro¹⁷. Como fragmento do passado, a identidade é um pedaço daquilo que se viveu e experimentou. O imigrante não é mais a mesma pessoa que abandonou a terra natal e se embrenhou num novo lugar, ele é apenas uma parte daquilo que ele foi outrora. Mas também não é algo completamente diferente. Ele traz na mala da sua vida aquilo que foi. Simultaneamente, cada pessoa é um fragmento daquilo que virá a ser. Somos um projeto do amanhã; um fragmento de

¹⁵ KLUG, João. **A Escola Teuto-Catarinense e o Processo de Modernização em Santa Catarina - A Ação da Igreja Luterana Através das Escolas (1871-1938)**. São Paulo: USP, 1997. p. 70.

¹⁶ MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. **Identidades Traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 48.

¹⁷ A respeito da identidade como fragmento do passado e do futuro me inspirei em Henning Luther, citado por JUNG, Jaime. **"O Inferno no Paraíso", de Oswaldo Jung**, 2004, Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura Plena em Letras, p. 16-20.

futuro já se faz presente em nós, pois amanhã não seremos mais os mesmos de hoje, mas também não seremos alguém completamente diferente. Nesse sentido, a identidade não é algo pronto, mas é um processo que se dá por toda a vida. Uma pessoa ou um grupo é somente na medida em que vem a ser. A formação da identidade só cessa com o fim da vida e da existência. Essa dimensão fragmentária da identidade também é mencionada por Stuart Hall, segundo o qual as identidades são "multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar (sic!) ou ser antagônicos."¹⁸

Se aplicarmos essas reflexões ao campo da confessionalidade, seremos remetidos a pensar que, devido à proveniência regional distinta dos imigrantes, também a confissão religiosa com a qual estavam identificados era particular. Então, na base das comunidades que virão a se constituir nesse meio, teremos uma diversidade confessional muito grande a qual se evidencia, por exemplo, na quantidade de hinários que podem ser encontrados entre os imigrantes numa mesma região ou que agora freqüentam um mesmo culto. No local de onde vieram essa diversidade não era sequer imaginada. Como se lidou com isso e como as decisões pela adesão ao hinário da maioria repercutiram entre os que tiveram de abandonar o seu hinário?

A confrontação inicial com a necessidade de reformulação de concepções, modo de vida e organização social se dá no âmbito familiar. É na família que será discutida a possível emigração; é nesse núcleo que serão compartilhadas, em primeiro lugar, as expectativas e os sonhos em relação a uma mudança tão radical de vida. Também é no âmbito da família que o hinário, que agora não será mais utilizado, pois a comunidade na nova terra irá utilizar um outro, terá que ser guardado em algum local. O passado precisa ser abandonado, mas algo dele ainda permanece e provavelmente virá à tona quando, durante a reunião em culto, for cantado algum hino que constava também no "nosso" hinário.

Nem tudo, no entanto, terá a possibilidade de ser lembrado. Cada indivíduo e grupo, que passa por um processo de imigração tem consciência de que há coisas que não podem ser levadas na bagagem; ocorre um processo de seleção.

¹⁸ HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 108.

O processo de seleção cultural que se dá, em primeira linha, no âmbito da família irá refletir diretamente na organização posterior do grupo. Aqui poderão, por exemplo, ser encontrados os aspectos da religiosidade popular do imigrante e sua compreensão de Igreja. Aliás, a religiosidade popular do imigrante e a relação desta com os sínodos que surgiram a partir da atuação de pastores, principalmente alemães, continua a ser uma dimensão ainda pouco explorada na pesquisa. É de se supor, entretanto, que a proveniência regional diversa dos imigrantes, por exemplo, tenha causado no Brasil o confronto entre diversos tipos de religiosidade. Um trabalho de campo com entrevistas e análise de objetos relacionados com a religiosidade poderia trazer uma grande contribuição para a pesquisa em torno da formação religiosa e eclesial na região leste de Santa Catarina, mais especificamente nas regiões ao redor dos dois núcleos de colonização privados de Joinville e Blumenau.

Segundo Giralda Seyferth, o isolamento e a dificuldade de implantação de serviços públicos levou à organização comunitária dos imigrantes¹⁹. Havia necessidades que não podiam ser sanadas somente no âmbito familiar. Isso levou à construção de escolas e igrejas e à busca por pessoas capacitadas para conduzirem essas atividades. Além disso, Wirth aponta para a motivação psicológica proposta por Ferdinand Schröder e Hans-Jürgen Prien, de que os imigrantes teriam sido movidos pela "lembrança do domingo de manhã na vila". No entanto, considera mais elucidativo o relato do diácono de Basiléia Christian Zluhan²⁰, de 1904/1905:

O executor de uma lei que implacável chamada de morte bate em todas as portas. Então, ali precisa ser assentado um pequeno cemitério do Senhor. Mais tarde, um colono reúne as suas crianças aptas à escola durante a hora do almoço e lhes ensina as letras e o "uma vez um". Um e outro vizinho envia também uma criança, e o início da escola está feito. Vem, certa vez, um instruído imigrante, "um alemão fresco [recém-imigrado]", a quem o trabalho duro no campo e o sol quente não agradam, então, ele é contratado como professor. "Comportando-se ele", também se lhe constrói uma casinha especial, e a escola está aí. Na maioria das vezes, também os cultos serão celebrados em tal escola. Ficando a sala muito pequena, parte-se para uma capela, a qual também passa a ser usada como escola.

19 SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade Étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 126s.

20 O diácono Christian Zluhan foi enviado pela Sociedade Missionária de Basiléia (Basler Missionsgesellschaft) – falaremos sobre esta instituição mais abaixo – e atuou em Santa Isabel (hoje Santo Amaro da Imperatriz/SC) de 1870 a 1909. – Obreiros que atuaram em Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.ieclbhistoria.org.br/modulos/obreirosEstados.php?estado=Santa+Catarina>>. Acesso em 20 mar. 2007.

Somente depois de anos chega-se à construção de uma igreja e à aquisição de objetos eclesiásticos e, eventualmente, à compra de um sino (tradução própria)²¹.

A inserção dos imigrantes, que constituem um grupo muito diverso numa realidade igualmente diversificada gerou uma situação no mínimo peculiar. Assim, no processo de organização comunitária, ocorreram muitos conflitos, pois ali começam a se evidenciar aspectos de sua vida que antes lhes eram inconscientes²². Muitas divergências ocorreram, por exemplo, por causa da localização do templo a ser construído para a comunidade, por causa da organização do espaço litúrgico da igreja, durante a escolha de quem deveria dirigir as atividades eclesiásticas, escolares, etc. Essas divergências dentro da comunidade levaram, então, à formação de novos grupos. Em movimentos sucessivos, a vida da comunidade se torna mais complexa. Também não tardou para que houvesse um aumento significativo da população dos primeiros núcleos coloniais, o que causou as migrações para o interior em busca de novas terras para o cultivo. Esse processo intensificou ainda mais a complexificação da sociedade em formação.

Além disso, a vida do imigrante não ficou restrita ao âmbito da comunidade. Nem tudo pôde ser organizado por conta própria, foi preciso iniciar relações de comércio em busca de, por exemplo, gêneros alimentícios, não encontrados no âmbito da comunidade local. Esse processo acarretou o contato com outros grupos sociais. Por um lado, construiu-se fronteiras inclusivas e exclusivas que permitiram a classificação das pessoas entre membros e não-membros da comunidade. Quando começou a ocorrer uma disputa por recursos nesses diferentes grupos, então

21 *"Der Vollstrecker eines unerbittlichen Gesetzes, Tod genannt, klopft an alle Türen. Da muß also ein kleiner Gottesacker erstellt werden. Später sammelt etwa ein Kolonist über die Mittagsstunden seine schulpflichtigen Kinder und paukt ihnen die Buchstaben und das Einmaleins ein, der eine oder andere Nachbar schickt auch ein Kind, und ein Anfang von Schule ist gemacht. Kommt dann einmal ein geschulter Einwanderer, 'ein frischer Deutscher', dem die harte Arbeit im Feld und der heißen Sonne nicht schmeckt, dann wird er als Lehrer angestellt. 'Schickt er sich', dann wird auch ein extra Häuschen gebaut, und die Schule ist da. Meistens wird in solcher Schule auch der Gottesdienst gehalten; wird der Raum zu eng, schreitet man zu einer Kapelle, diese wird dann auch als Schule benutzt. Erst nach Jahren kommt es zu einem Kirchenbau und zur Anschaffung von Altargeräten und etwa zu einer Glocke"* – Zluhan *Apud* WIRTH, 1992, p. 57s. Veja também PRIEN, 2001, p. 71.

22 Essa argumentação apóia-se em BANTON, Michael. **A idéia de raça**. São Paulo: Martins Fontes, 1979, p. 161. Segundo ele, "[...] as pessoas podem cooperar umas com as outras numa situação comunitária sem estar conscientes daquilo que há de característico no seu grupo. Quando encontram estranhos, tornam-se conscientes de aspectos a seu respeito que até então tinham tomado como seguros."

começa a haver entre eles o que denominamos de sociodinâmica da estigmatização. Por outro lado, quando a relação de poder entre esses grupos foi desigual, observa-se a formação de uma configuração estabelecidos/*outsiders*, evidenciando a situação de minoria na qual o imigrante e a sua comunidade se encontrava.

Já mencionamos algumas características sobre as relações estabelecidos/*outsiders*, entretanto, falta dizer algo sobre as motivações para a sua constituição. Segundo Stuart Hall, “as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela.” É sempre no contato com o outro, com o diferente, com o não-ser, que o ser pode encontrar ou construir a sua identidade. Fala-se, nesse sentido, de um “exterior constitutivo”²³. A análise de um grupo social nunca poderá ser feita somente a partir do próprio grupo, pois ele somente se constitui como tal em virtude dos grupos com os quais é confrontado. Dessa forma, analisar o processo de busca por identidade e auto-definição da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut. remete inevitavelmente às relações que ambas as instituições mantêm entre si e com outros grupos sociais. Stuart Hall denomina essa dinâmica de “jogo da 'différance'”²⁴. Essas relações, no entanto, segundo Hall, antes de conduzirem à homogeneização, provoca renovadamente novas identificações²⁵. Everardo Rocha diz, em outras palavras, que constitutivo para a questão etnocêntrica é o “choque cultural”²⁶. Assim, no contexto da imigração, teremos a formação de múltiplos grupos sociais que, devido aos inúmeros choques a que são submetidos, produzirão respostas múltiplas e, em geral, com a tendência de fechamento em pequenos grupos, rejeitando relações e contato com outros grupos para evitar o que poderia representar uma “contaminação”²⁷.

A condição de minoria intensifica a formação de uma identidade contrastante com os demais grupos sociais. As situações de opressão social e as dificuldades extremas às quais estavam expostos os primeiros imigrantes propiciaram a sua

²³ HALL, 2000, p. 110.

²⁴ HALL, 2000, p. 106.

²⁵ HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**. Vol. 22, n. 2, 1997. p. 19.

²⁶ ROCHA, 2004, p. 8.

²⁷ GERTZ, René. **O perigo alemão**. Porto Alegre: UFRGS, 1991. p. 19 cita um exemplo disso, falando da adoção de costumes não “originais”, como o de os imigrantes alemães tomarem chimarrão, que passam a representar uma contaminação e um risco à comunhão grupal.

organização como grupo e levaram à busca de melhoria da sua condição. A estratificação social, dessa forma, contribui para a formação de novos grupos, que puderam se configurar e reconfigurar de diferentes formas. Conforme o tipo de opressão e os estigmas lançados sobre cada grupo, eles poderiam ser classificados em minorias étnicas, religiosas, nacionais, raciais, etc. Mas esse processo de cooperação e organização entre a minoria tendeu a diminuir quando se aproximaram de seus objetivos, ou seja, de deixar a posição na qual se consideravam erradamente colocados. Assim, a tendência passou a ser a de absorção pela maioria²⁸.

Martin Dreher mostra que a história dos imigrantes alemães e de seus descendentes no Brasil é profundamente marcada por uma situação de marginalidade. Em diferentes momentos históricos, o tipo de marginalização também foi diverso. Assim, por exemplo, durante o período monárquico, os imigrantes estiveram marcados por uma dupla marginalidade. Eram, ao mesmo tempo, uma minoria religiosa e, quanto aos direitos civis, eram tidos como cidadãos de segunda categoria²⁹. Isso lhes impedia, entre outras coisas, de ter o seu casamento reconhecido, acarretando que seus filhos fossem considerados ilegítimos e não tivessem o direito à posse de terras. Com a morte, as terras não poderiam ser herdadas. A inexistência de cemitérios evangélicos também gerou um problema, sendo que os existentes eram todos católicos. Quando da morte de algum evangélico, ou se enterrava a pessoa no meio da floresta ou no campo ou então, como ocorreu em alguns lugares, o sacerdote católico "desbenzia" parte do cemitério para que este fosse usado pelos evangélicos.

O relato do P. Wilhelm Lange sobre a chegada, em 1886, do grupo de imigrantes do qual ele mesmo fazia parte e que viria a fundar a comunidade de Brüdertal (hoje Guaramirim/SC), evidencia de forma singular a situação de abandono e de marginalidade a que grande parte dos imigrantes estava submetida. Segundo Lange, o grupo chegou ao porto de São Francisco do Sul e dali assistiu a

²⁸ BANTON, 1979, p. 22.

²⁹ DREHER, Martin N. **Igreja e Germanidade**. São Leopoldo: Sinodal: 1984, p. 39ss.

partida do navio, o vapor "Hamburgo", que os havia trazido da Europa. Com isso "a última ponte com a antiga pátria estava quebrada." (tradução própria)³⁰

Dali foram levados com um pequeno vapor até a cidade de Joinville, onde permaneceram até a aquisição das terras onde o grupo poderia se instalar. A direção da colônia havia destinado terras para esse grupo de 200 pessoas, mas após o P. Lange e mais dois membros do grupo juntamente com o engenheiro responsável pela medição visitarem o local, este se revelou inviável ou, nas palavras do P. Lange: "todos os belos planos antes traçados, de como nós organizaríamos a nossa colônia, se mostraram inconciliáveis com as condições locais." (tradução própria)³¹

O sentimento diante da situação era o de impotência. A volta para a terra mãe também não era possível, pois a "ponte já não existia mais"; foi preciso comprar as terras escolhidas por outros e pelo preço que o seu "dono" considerasse justo. Como o P. Lange era provavelmente o único com mais escolaridade dentre o grupo, foi nomeado porta-voz e as terras que vieram a ser compradas foram escrituradas em seu nome. De uma hora para a outra, ele havia se tornado um "latifundiário". Ao "filho" ("Sohn", ou seja, à terra recém adquirida que passa a estar sob os seus cuidados), também se deu um nome, "Brüdertal" (Vale dos Irmãos).

O grupo estava instalado em pensões de Joinville de modo que a aquisição do local para a instalação definitiva não podia tardar. Também não se adquiriu terras pré-trabalhadas ou que já tivessem algumas instalações básicas, mas comprou-se uma área de mata virgem. Assim, diz Lange, a primeira tarefa era a de construir um rancho de acolhida ("Empfangsschuppen"), que teve a forma de uma construção longa com telhado e paredes externas feitas de folhas ("Dachblatt"). Ou seja, após a chegada, esses imigrantes, assim como os que haviam chegado antes deles e também os que vieram depois, estavam largados à própria sorte em meio à mata. Precisaram buscar por água e alimento, e muitos aprenderam com os indígenas a colher os frutos da nova terra como, por exemplo, o milho e o aipim.

30 "*die letzte Brücke zur alten Heimat war abgebrochen*" – LANGE, Wilhelm. Aus den Erinnerungen eines alten Pfarrers. **Der Christenbote**, Blumenau, n.4, 15. Jahrgang, April 1922. p. 3.

31 "*aller vorher entworfenen schönen Pläne, wie wir unsere Kolonie anlegen wollten, erwiesen sich als mit den Landverhältnissen unvereinbar.*" – LANGE, 1922, p. 3.

Por algum motivo, o pastor não podia permanecer no galpão junto com as demais pessoas, por isso também foi logo construída uma "casa pastoral". A construção foi iniciada às 7:00 horas da manhã e concluída às 4:00 horas da tarde. Segundo Lange, esta parecia um "miniatura do rancho principal", com exceção do piso de chão, pois a "casa pastoral" tinha assoalho de troncos redondos de palmito. A cama do pastor foi feita de quatro estacas e o restante tecido com cipó. A "casa pastoral" tinha três metros quadrados.

A convivência de um número grande de pessoas e as dificuldades encontradas no período de instalação levaram irrevogavelmente a conflitos e desavenças. No mesmo espaço de moradia, em meio ao borbulhar dos 30 tachos nos quais se preparava a comida, também eram celebrados os cultos. Além disso, foi preciso fazer ferramentas para o trabalho: cestos de cipó, colheres de pau, cabo de machado, bancos, cadeiras e mesas, pois "faltava tudo para a futura vida doméstica."³²

Segundo Lange, à vida humana também pertence o nascer e o morrer. Dessa forma, quando certa noite uma mulher sentiu que havia chegado a hora de dar à luz, a "casa pastoral" precisou ser usada como maternidade e assim nasceu a primeira "criança da selva" (Urwaldskind). Quatorze dias depois já nasceu a segunda, sob as mesmas condições. Nesse meio tempo, também ocorreu um caso de morte, uma criança acabou sendo morta pela própria mãe durante o sono, sendo que mãe e filho dormiam juntos. Com isso, foi preciso rapidamente escolher um lugar que pudesse servir de cemitério, derrubar a mata e limpar o local. Somente no terceiro dia a criança pôde ser sepultada; "a primeira semente da nova colônia, no cemitério, foi posta à terra." (tradução própria)³³

As terras adquiridas pelo grupo foram divididas entre as famílias e cada qual trabalhava para a construção de uma moradia própria. Esse grupo, muito provavelmente pelo incentivo do P. Lange, também iniciou logo as obras para a construção de um local que servisse de igreja e escola, o qual foi inaugurado dez

³² LANGE, 1922, p. 3.

³³ "*wurde das erste Saatkorn der neuen Kolonie auf dem Friedhof in die Erde gesenkt.*" – LANGE, 1922, p. 3.

semanas depois da chegada. Paralelamente, também não foi possível deixar de lado a construção de uma estrada que ligasse a nova colônia às demais já existentes.³⁴

O relato mostra que a infra-estrutura oferecida aos imigrantes era inexistente, tudo precisou ser construído para que a vida se tornasse viável. A situação de marginalidade de alguns grupos é gritante e certamente determinou profundamente o caráter da sua auto-organização em comunidades escolares, eclesiais, etc. Além disso, a situação de minoria aliada ao processo de seleção cultural daí resultante também deve ter marcado profundamente a espiritualidade e confessionalidade dos grupos que surgiram nesse meio.

Mesmo com a Proclamação da República, segundo Dreher, a situação não teria mudado substancialmente. Os imigrantes tinham sido defensores da monarquia e adeptos do Partido Liberal e como, a partir de 1889, a maioria dos conservadores havia passado para o lado republicano e os liberais tinham fornecido os últimos ministros do Império, ganhou-se a inimizade das forças conservadoras que simultaneamente ainda eram representantes dos latifundiários³⁵. Dessa forma, a mudança na conjuntura política do país não ofereceu novas perspectivas de recebimento de apoio do governo para a melhoria da situação de muitas colônias. O atendimento das necessidades continuou nas mãos dos próprios imigrantes e estes continuaram a ser uma minoria.

Em linguagem religiosa e teológica, se descreve uma minoria com o termo diáspora. Segundo Rieth, a "'Diáspora' acontece quando um tipo específico de crença se acha num contexto majoritariamente determinado por outra crença" e, no caso do Brasil, a diáspora evangélica teria se originado como conseqüência de crescimento econômico e comercial, emigração e colonização³⁶. Segundo Prien, a situação dos imigrantes no Brasil era inclusive de uma dupla diáspora, ou seja, "simultaneamente uma diáspora eclesiástica e uma diáspora étnica."³⁷

³⁴ LANGE, 1922, p. 3.

³⁵ DREHER, 1984, p. 41ss.

³⁶ RIETH, Ricardo W. Imigração, colonização e associativismo evangélico: acerca da presença da "Associação/Obra Gustavo Adolfo" no Brasil, **Estudos Teológicos**, v. 43, n. 1, p. 114-123, 2003. p. 116.

³⁷ PRIEN, 2001, p. 23.

Em 1890, havia dez áreas pastorais em Santa Catarina, das quais sete estavam localizadas nas duas colônias criadas a partir de iniciativas privadas, Dona Francisca e Blumenau. Em Dona Francisca, estavam as comunidades de Joinville (era o centro da colônia e tinha o caráter de uma comunidade urbana), Inselstraße (Estrada da Ilha), São Bento e Brüdertal (estas três eram comunidades de regiões rurais). E, na colônia de Blumenau, havia a comunidade de Blumenau, como centro, e as comunidades de Badenfurt e Indaial nas regiões mais interioranas. As outras três comunidades estavam em áreas de colonização do Estado: Brusque, Santa Isabel e Teresópolis. Todas essas comunidades, segundo Wirth, formavam congregações autônomas e não estavam interligadas e tampouco subordinadas a alguma organização exterior³⁸. Elas são, portanto, características do período congregacional de formação de uma igreja evangélica no Brasil³⁹.

A origem dos obreiros que atendiam as comunidades mencionadas também era relativamente diversa. Sete deles tinham sido enviados pela Sociedade Evangélica para os Protestantes Alemães na América; em 1889, o P. Faulhaber foi o primeiro enviado pelo Cons. Sup. Ecles. Evang. para Santa Catarina; a comunidade de Brüdertal, fundada em 1886, recebeu seu obreiro da Irmandade de Herrnhut [*Herrnhuter Brüder-Unität* (Wirth) ou *Deutscher Brüder-sozietät* – Sociedade Alemã dos Irmãos (Prién)]⁴⁰; e a comunidade de Santa Isabel recebeu os seus obreiros da Casa Missionária de Basiléia⁴¹. Wirth afirma que "pastores de emergência", como houve no Rio Grande do Sul entre 1824 e 1864, não teriam existido em Santa Catarina⁴². Esse, no entanto, é um argumento que precisa de algumas considerações. Além disso, a atuação de pessoas não ordenadas poderia apontar para uma diversidade confessional, marcada por características particulares, que até o momento não foi pesquisada.

³⁸ WIRTH, 1992, p. 57.

³⁹ PRIEN, 2001, p. 50.

⁴⁰ PRIEN, 2001, p. 148. Será preciso esclarecer numa pesquisa mais aprofundada as razões pelas quais Prién e WIRTH, 1992, p. 58 usam denominações diferentes para falar da instituição de proveniência do obreiro da comunidade de Brüdertal. Prién argumenta que a formação de uma igreja evangélica no Brasil a partir dos imigrantes de fala alemã se deu em princípio a partir de bases étnicas, o que poderia explicar a sua preferência pela denominação na qual consta o elemento étnico (alemã). Optamos inicialmente por não utilizar a nomenclatura de Prién no sentido de possibilitar uma relativização desta tese.

⁴¹ Mais abaixo falaremos sobre essas instituições de forma mais detalhada.

⁴² WIRTH, 1992, p. 58.

A pergunta pela atuação de pessoas não-ordenadas no exercício de ofícios eclesiais em Santa Catarina constitui-se num objeto de pesquisa inexistente nas fontes consultadas, pelo menos não se faz isso de forma explícita. As referências aparecem de forma agregada a outras abordagens. Prien faz duas referências a esse respeito em seu estudo. A primeira é proveniente do "Der Christenbote" (Assoc. Evang. de Comunidades)⁴³, segundo a qual "ainda em 1908, em SC, chamavam-se pessoas sem a devida formação e sem ordenação de 'pastores fabricados'." Após isso, ele cita como exemplo a comunidade de Picada Portuguesa/São José do Hortêncio/RS, a qual, no entanto, está no Rio Grande do Sul⁴⁴. Não se teve acesso ao exemplar do qual provém a citação de Prien, mesmo assim, a referência não deveria ser anulada, como faz Wirth⁴⁵, pois qual seria o motivo para a abordagem do assunto se ele não fosse pertinente à região que abrange a Assoc. Evang. de Comunidades?

O mesmo raciocínio vale para a segunda menção que Prien faz sobre o tema, que foi extraída do jornal "Evangelisches Gemeindeblatt" (Sín. Evang. Lut.)⁴⁶. Nesse artigo também se aborda a atuação de pessoas não-ordenadas no Rio Grande do Sul e até se emite um juízo positivo sobre esta prática: "Pode-se encontrar nesse procedimento inclusive um elemento de fidelidade de fé."⁴⁷ Infelizmente, Prien não cita os autores dos referidos artigos – que em geral eram pastores –, pois com estes nomes talvez fosse possível determinar os locais de gestação dos textos e, com isso, investigar mais detalhadamente a história da respectiva comunidade. Argumenta-se nesse sentido com o pressuposto de que um texto nunca é produzido de forma completamente atópica, ou seja, ele sempre diz respeito, de uma forma ou de outra, ao local de sua produção. Tal investigação poderá lançar novas luzes sobre o assunto.

Além disso, a partir de alguns exemplos, pode-se problematizar a questão da atuação ministerial de pessoas não-ordenadas em Santa Catarina. Como

⁴³ O "Der Christenboten" era o órgão oficial de comunicação da Assoc. Evang. de Comunidades com as suas comunidades. Falaremos mais detalhadamente sobre ele no segundo capítulo deste estudo.

⁴⁴ PRIEN, 2001, p. 73.

⁴⁵ WIRTH, 1992, p. 58.

⁴⁶ O "Gemeindeblatt" era o jornal editado pelo Sín. Evang. Lut. e se falará mais dele no segundo capítulo.

⁴⁷ Evangelisches Gemeindeblatt, v.10, p. 51, 1915 *Apud* PRIEN, 2001, p. 73.

primeiro exemplo, podemos citar a colônia de Blumenau. Segundo Prien, o Dr. Hermann Blumenau

reconheceu que, na situação de pioneiros, eles necessitavam não apenas de uma boa liderança secular, mas também de ajuda espiritual e consolação, razão por que **ele mesmo realizava cultos** e incumbiu seu substituto, o professor Ostermann, da instrução religiosa das crianças. **Ostermann também realizou os primeiros dois batismos** numa situação de emergência, em 12 de outubro de 1854, lançados no Registro de Nascimento e Batismos da comunidade (grifo nosso)⁴⁸.

O segundo exemplo provém da colônia de Dona Francisca (Joinville). Durante os primeiros anos da colônia, esta se expandiu em duas direções distintas: em direção à Serra do Mar, no sentido interior; e para o sudoeste, onde algumas famílias se reuniram, fundando a comunidade de Annaburg, hoje Vila Nova. Esta comunidade teve períodos de autonomia, momentos em que esteve vinculada à comunidade de Joinville e, em 1867, ligou-se definitivamente à comunidade de Estrada da Ilha. Durante o período de vacância de 1858 e 1860, a comunidade declarou-se independente e mantinha apenas um representante junto ao conselho colonial em Joinville na pessoa de Hugo Delitsch.

As funções cúlticas e o ensino das crianças foram delegadas durante esse período de vacância ao senhor F. Gaertner. [...] Então, nos anos posteriores, F. Gaertner mudou-se para Curitiba e foi um dos primeiros a reunir as poucas famílias evangélicas que ali moravam. Quando a comunidade-mãe Joinville, com a partida do P. Stapel, ficou vacante entre os anos de 1865-1866, o senhor Gaertner desempenhou também aí atividades e realizou por um breve período os cultos dominicais⁴⁹.

A partir das fontes consultadas, infelizmente, não é possível falar sobre as características confessionais que permeavam as atividades eclesiástico-ministeriais de pessoas não-ordenadas. Talvez uma pesquisa sobre que tipos de manuais de culto e hinários existentes nos primórdios das organizações eclesiais eram utilizados por essas pessoas poderia lançar novas luzes sobre o tema. Além de uma

⁴⁸ PRIEN, 2001, p. 69.

⁴⁹ "Die gottesdienstlichen Funktionen und der Unterricht der Kinder wurde in dieser Vakanzzeit Herrn F. Gaertner übertragen. [...] F. Gaertner verzog dann in den späteren Jahren nach Curitiba und sammelte auch dort als einer der ersten die wenigen dort wohnenden evangelischen Familien. Als die Muttergemeinde in Joinville nach dem Abgang P. Stapels, von 1865-1866 wieder ohne eigenen Pfarrer war, tat Herr Gaertner sogar dort Dienst und versah für kurze Zeit die sonntäglichen Gottesdienste." – **Lutherische Kirche in Brasilien**. Festschrift zum 50-jährigen Bestehen der lutherischen Synode am 9. Oktober 1955. São Leopoldo: Rotermund, 1955. p. 44. Veja também KRAUSE, Henrique. **Lutherische Synode in Brasilien: Geschichte und Bekenntnis**. Erlangen: Ev.-Luth. Mission, 1993. p. 64s.

diversidade maior de fontes, falta provavelmente um instrumental teórico-metodológico mais específico para acessar os elementos característicos da religiosidade em comunidades eclesiais organizadas sem a presença de um obreiro ordenado.

Além de apontar para a atuação de pessoas não-ordenadas, a história da comunidade de Annaburg suscita ainda outras perguntas relevantes sobre a formação de comunidades, cuja associação posterior viria a possibilitar o surgimento de uma igreja. Em *Lutherische Kirche in Brasilien*, por exemplo, não se menciona os motivos que levaram a comunidade de Annaburg a oscilar entre a autonomia, a filiação à Joinville e a filiação à Estrada da Ilha. Talvez uma pesquisa em atas dessa comunidade poderia lançar novas luzes sobre o ocorrido. Além disso, menciona-se que durante o período de vacância, após a saída do P. Stapel, um "pequeno grupo" buscou atendimento pastoral junto à comunidade de Estrada da Ilha⁵⁰, enquanto o restante da comunidade era atendido pelo "senhor Gaertner".

Essas considerações evidenciam que é possível uma releitura da história tradicional, procurando evidenciar elementos de descontinuidade. Não cabe no âmbito da presente exposição o esgotamento das problemáticas propostas, mas a intenção é justamente "quebrar" uma história tradicional que tende a ocultar as diferenças e os conflitos, para que estes, uma vez expostos, possam se tornar futuros objetos de pesquisa. A partir de mais um exemplo, essa intenção deverá ficar mais bem delineada.

Na pedra fundamental da igreja evangélica em Blumenau, em 1868, foi depositado um documento com informações sobre as condições da colônia naquela ocasião. No documento consta que havia "harmonia entre as diferentes confissões"⁵¹. Isso pode ser indicativo de duas coisas: primeiro, fica explícita a origem confessional diversa dos imigrantes que ocuparam a região. A diversidade confessional na colônia também aponta para a proveniência regional distinta, sendo que cada território europeu da primeira metade do século XIX estava em geral identificado com uma confissão em especial, a do seu governante. Em segundo lugar, a referida "harmonia" provavelmente é mais o fruto de uma indiferença em

⁵⁰ LUTHERISCHE KIRCHE IN BRASILIEN, 1955, p. 44.

⁵¹ Blumenau 1868, 1961, p. 35.

relação à vida comunitário-eclesiástica do que de um espírito de tolerância, reciprocidade e aceitação da alteridade.

No já mencionado artigo do P. Wilhelm Lange, de abril de 1922, no jornal "Der Christenbote" (Assoc. Evang. de Comunidades), no qual fala sobre a chegada do grupo de imigrantes que viria a fundar a comunidade de Brüdertal, transparecem alguns elementos que possam corroborar a existência desse indiferentismo à vida comunitário-elesial. Esses imigrantes haviam emigrado da região de Böhmen na Alemanha para a Rússia e depois para o Brasil como uma comunidade de irmãos [Herrnhuter Brüdergemeinde]. O grupo desembarcou no porto de São Francisco do Sul, no norte de Santa Catarina, e seguiu viagem até Joinville, onde ficou hospedado até adquirirem as terras para a instalação definitiva. A chegada havia sido num sábado, a partir daí escreve o P. Lange:

O dia seguinte era um domingo. Muitos pedestres, cavaleiros e carros vieram à cidade. Eu me alegrei com esse sinal de uma vida eclesial ativa. Mas, quando eu fui para a igreja, somente 10 pessoas nela se encontravam, as outras tinham ficado detidas nas vendas. Em conformidade com isso estavam, aliás, as condições eclesiais. A culpa por essa situação deveria principalmente ser buscada na pessoa do idoso pastor, que, conforme a sua própria confissão, valorizava mais ao Budismo do que ao Cristianismo e, além disso, cultuava o álcool⁵².

A situação das comunidades nos centros coloniais de Joinville e Blumenau não deve ter sido substancialmente diferente a ponto de esses dois relatos mencionados não poderem ser postos em relação. Ou seja, parece ser possível afirmar com base nisso que a vida comunitária e a participação dos membros não correspondem ao ideal normalmente apontado pela história tradicional. Evidencia-se a existência de modelos distintos de piedade.

Além disso, imediatamente após a menção da "harmonia religiosa" no documento depositado na pedra fundamental da igreja de Blumenau, é colocada entre parênteses a seguinte observação: "debalde procurou um sacerdote, criado e instigado num ninho de fradescos na Alemanha, perturbá-la, pois [leia-se 'mas'] sua

⁵² "Der nächste Tag war ein Sonntag. Viele Fußgänger, Reiter und Wagen kamen in die Stadt. Ich freute mich über dieses Zeichen eines regen kirchlichen Lebens. Als ich aber in die Kirche ging, waren dort 10 Personen zu finden, die anderen waren in den Vendas haften geblieben. Dementsprechend waren überhaupt die kirchlichen Zustände. Die Schuld daran war wohl hauptsächlich in der Person des langjährigen Pfarrers zu suchen, der laut seinem eigenen Bekenntnis den Buddhismus dem Christentum vorzog und außerdem dem Alkohol huldigte." – LANGE, 1922, p. 3.

posição aqui cedo ficou insustentável."⁵³ Não há maiores informações sobre o ocorrido, mas evidentemente ele não estava vinculado às lideranças da colônia, pois estas são as responsáveis pela elaboração do documento. Para que se tenha uma idéia, o diretor do conselho da comunidade evangélica era também o diretor da colônia, Hermann Wendeburg. Também não se trata de uma referência ao sacerdote católico, pois no mesmo documento se diz que "a comunidade católica daqui é servida, desde fins de 1867, pelo pároco da Freguesia S. S. Pedro e Paulo Apóstolos de Gaspar, revm.º Frei Antônio Zielynski."⁵⁴ Ou seja, houve uma iniciativa paralela às lideranças instituídas no sentido de organizar um movimento a partir de bases confessionais, que por sua vez perturbou a "harmonia" reinante. Assim, os fundamentos para divergências confessionais parecem estar lançados desde o início da imigração e não apenas terem começado a partir de 1897, com a chegada do primeiro pastor da Caixa de Deus Luterana.

A partir do que foi visto até aqui, evidencia-se no âmbito da imigração de fala alemã em Santa Catarina uma grande heterogeneidade. Na medida em que for possível contemplar novas fontes de pesquisas e diminuir o valor das fontes tradicionais ou ainda relendo-as a partir de novos paradigmas, os contextos de surgimento de comunidades evangélicas e, posteriormente, de uma igreja evangélica de confissão luterana em seu meio se revelarão extremamente ricos em diversidade, possibilitando, dessa forma, a escrita de uma "nova história".

A contraposição de diferentes fontes também pode possibilitar desmascarar discursos carregados com propósitos de auto-afirmação de determinados grupos dentro de uma sociedade. Dessa forma, põe-se uma dupla problemática para a historiografia a respeito da caminhada convergente da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut. Por um lado, será preciso relativizar a história tradicional, que em grande parte ainda está marcada pela coleta de dados. Um

⁵³ Blumenau 1868, 1961, p. 35. A tradução do artigo foi feita por Frederico Kilian, a partir do texto publicado no "Der Urwaldsbote", Almanaque para os alemães do Sul do Brasil de 1900, e apresenta algumas dificuldades. Por isso, optamos por reproduzir também o texto original: "*vergeblich suchte ein in einem deutschen Pfaffenbrutneste aufgehetzter Geistlicher sie zu stören, seine Stellung wurde ihm bald zu unheimlich, um sie fest zu halten.*" – Blumenau 1868, 1961, p. 34.

⁵⁴ Blumenau 1868, 1961, p. 39. A intenção com este estudo não é abordar a relação de comunidades católicas e protestantes no âmbito da imigração, pois isto estaria muito além do que comporta o presente estudo, mas a referência aqui é feita justamente para evidenciar que as diferenças ou a perturbação da "harmonia religiosa" não diziam respeito a um conflito entre católicos e protestantes.

trabalho exaustivo de análise de fontes ainda está por ser feito. Por outro lado, uma análise criteriosa carece de reflexão metodológica acurada. A partir disso, uma pesquisa sobre a história dos primórdios da organização eclesial em Santa Catarina poderá se revelar em terreno extremamente fértil, não somente para a historiografia, mas também para a própria compreensão da IECLB como uma igreja inserida num contexto religioso plural.

Pretendeu-se, nesse primeiro ponto, evidenciar uma pluralidade de experiências no processo início da formação de uma igreja evangélica de confissão luterana em Santa Catarina. Se a impressão até aqui é a de que os elementos apresentados não tenham muita relação entre si e que talvez alguns não mereçam ser contemplados na presente pesquisa, então isso é resultado de um processo de seleção que realizamos como pessoas marcadas por uma trajetória de vida muito particular. A tendência sempre será a de classificarmos as coisas entre mais e menos importantes, boas e más, etc. Também o que foi apresentado até aqui é um recorte, que tem as marcas de um candidato a historiador da igreja na América Latina. Os recortes são necessários numa pesquisa, pois não há como abordarmos exaustivamente os desdobramentos de um tema sequer, que dirá de vários. O que pretendemos mostrar, no entanto, é que a historiografia tradicional a respeito da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut. implicou em escolhas, publicações desses dois sínodos em seus jornais são escolhas que implicam uma ou até várias exclusões, etc. À medida que a historiografia se torna mais institucional, ou seja, que conta a história da instituição, tem-se a impressão de que o processo de seleção cultural é amenizado, não produzindo mais excluídos. Talvez isso se deva ao fato de o local em que se toma as decisões estar cada vez mais distante das pessoas e comunidades – pequenos grupos – a quem elas dizem respeito. Um forte mecanismo de seleção grupal nas comunidades eclesiais foi o associativismo.

1.2 Associativismo em Santa Catarina

Segundo Wirth, nas comunidades que foram fundadas por iniciativa das empresas de colonização, os pontos de vista colonizatórios desempenharam um papel central; e, quando estas comunidades se organizaram institucionalmente, foram marcadas por uma forte tendência associativista. Um exemplo disso seria o fato de que nos estatutos da comunidade de Blumenau de 1891 estar previsto que

cada novo membro deveria pagar uma taxa de inscrição⁵⁵. Também João Klug diz que, "as várias sociedades, como o 'Kulturverein', estariam apontando para este espírito de solidariedade e capacidade de organização."⁵⁶ Em que medida, no entanto, esse espírito associativista é levado para dentro dos sínodos que irão surgir como órgãos que visam congregar as comunidades eclesiais surgidas entre os imigrantes e seus descendentes ainda é uma questão não totalmente esclarecida.

Um outro estudo que contribui para a reflexão sobre as práticas associativistas em Santa Catarina é de Jaime Hillesheim e Camile Rebeca Bruns, ambos da FURB de Blumenau/SC. No texto utilizado, os autores fazem uma análise dos dados relativos às sociedades escolares e educativas criadas em Blumenau na década de 1920. Segundo eles, "devido a (sic.) quase total ausência do Estado, a sociedade civil em Blumenau e região cria as chamadas associações escolares para responder para as demandas educacionais."⁵⁷

Cada sócio contribuía financeiramente com mensalidades para a manutenção das escolas, no que também estava incluído o salário do professor. Conforme os estudos de Hillesheim e Bruns, as sociedades escolares aceitavam membros de diferentes confissões religiosas, com exceção da Sociedade Escolar Cedro Alto, que admitia somente "famílias vinculadas a (sic) religião protestante". Também em todas as associações somente se permitia que filhos e filhas de sócios (biológicos ou adotivos) freqüentassem a escola, salvo a Comunidade Escolar Colônia nº 58 de Massaranduba, na qual sócios que não tivessem filhos próprios poderiam pagar mensalidades para que alguma outra criança visitasse a escola⁵⁸. Se não-sócios quisessem usufruir dos serviços da escola, poderiam em geral fazê-lo mediante o pagamento de mensalidades mais caras. E em algumas sociedades valia que, quem tivesse mais de dois filhos, ficava isento do pagamento da mensalidade referente ao terceiro. Outra forma de auxílio para quem não tivesse

⁵⁵ WIRTH, 1992, p. 58.

⁵⁶ KLUG, João. **Imigração e Luteranismo em Santa Catarina**. Florianópolis: Papa-Livro, 1994. p. 50.

⁵⁷ HILLESHEIM, Jaime; BRUNS, Camile Rebeca. Associações escolares: elementos históricos para o debate sobre associativismo civil em Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XLIII, n. 03/04, p. 60-66, 2002. p. 60.

⁵⁸ HILLESHEIM, BRUNS, 2002, p. 62.

condições de pagar as mensalidades era a possibilidade de fazê-lo através da prestação de serviços para a conservação e manutenção da escola⁵⁹.

Para a vinculação às sociedades era preciso ter "boa reputação" e, em muitas, era preciso assinar um termo de compromisso e de submissão às normas estatutárias. Além disso, houve associações em que era vedado aos sócios "se meter ou criticar" a diretoria da escola. A não-observância das normas pré-estabelecidas acarretava a expulsão do associado. Além disso, a expulsão poderia ocorrer pelo atraso no pagamento das mensalidades, cujos prazos eram bem variáveis, ou então pelo "envolvimento com discussões de caráter político e religioso"⁶⁰.

Importante e elucidativa também para a reflexão sobre a formação de uma igreja evangélica de confissão luterana em Santa Catarina é a conclusão que Hillesheim e Bruns apresentam em seu artigo sobre práticas associativistas em Blumenau. Conforme eles, a partir das fontes "constata-se práticas permeadas pela contradição, que ora revelam visões inclusivas e estratégicas e ora revelam posturas conservadoras e excludentes."⁶¹

Seria, no entanto, errado supor que a solidariedade que levou à organização das associações tenha levado à formação de um bloco coeso dos teutos em Santa Catarina. Bem ao contrário, muitas rivalidades podem ser percebidas entre os imigrantes de fala alemã. Segundo Klug, muitos imigrantes acabaram reproduzindo no Brasil as rivalidades regionais da terra natal, que não desapareceram nem mesmo após a unificação em 1871. Por isso também a prática solidária de grupos organizados não se fez sentir em relação a grupos recém-imigrados como seria de supor⁶².

Após termos discorrido sobre alguns marcos nos primórdios da organização de comunidades eclesiais evangélicas, que posteriormente viriam a integrar a Assoc. Evang. de Comunidades e o Sín. Evang. Lut., e a respeito do associativismo que permeou esta organização, voltemos agora os nossos esforços para dissertar

⁵⁹ HILLESHEIM, BRUNS, 2002, p. 64s.

⁶⁰ HILLESHEIM, BRUNS, 2002, p. 64.

⁶¹ HILLESHEIM, BRUNS, 2002, p. 66.

⁶² KLUG, 1994, p. 50ss.

sobre o surgimento da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut. O esforço daqui por diante consistirá em articular e procurar manter a relação do desenvolvimento eclesial e social que ocorre em nível comunitário local com o desenvolvimento de instituições que irão exercer uma força centralizante, cuja historiografia tende a deslocar constantemente o foco da história local para as assembleias, encontros, decisões e acontecimentos que ocorreram e ocorrem em nível de macroestrutura. A pretensão com isso não é a de falar exaustivamente sobre a história de cada comunidade e grupo em particular, mas justamente apontar os possíveis descompassos entre uma história institucional e o cotidiano que esta diz representar.

1.3 Associação Evangélica de Comunidades de SC e PR

A semente organizacional que viria a facilitar o surgimento da Assoc. Evang. de Comunidades pode ser situada na criação de uma Conferência Pastoral (Conf. Past.). O início das atividades da Conf. Past. se dá com o encontro dos pastores Heinrich Runte (Badenfurt, Blumenau/SC)⁶³, Wilhelm Lange (Brüdertal, hoje Guaramirim/SC)⁶⁴ e Johannes Dehmlow (Estrada da Ilha, Joinville/SC)⁶⁵, em novembro de 1888, em Estrada da Ilha⁶⁶. Por esse motivo também iniciamos a abordagem pela Assoc. Evang. de Comunidades, sendo que o primeiro pastor que viria a constituir o Sín. Evang. Lut. chega somente em 1897.

Em 1890, os dez pastores em Santa Catarina se reuniram em dois grupos (distrito Dona Francisca e distrito Blumenau) para debaterem sobre questões de disciplina eclesiástica, do sistema escolar e, sobretudo, sobre a fundação de um

⁶³ O P. Heinrich Runte nasceu em Mengerlinghausen (Wald.) e foi enviado ao Brasil pela Sociedade Evangélica de Barmen em 1884. Ele atuou na comunidade de Badenfurt (Blumenau/SC) entre 1884 e 1909. Após retornar à Alemanha, viveu como aposentado em Hiddesen. – Henrich Runte. Disponível em <<http://www.ieclbhistoria.org.br>>. Acesso em 27 de abril de 2007.

⁶⁴ O P. Wilhelm Lange veio juntamente com a sua comunidade de teuto-russos em 1886. Esse grupo veio ao Brasil como uma comunidade de irmãos (Herrnhuter Brüder-Unität). Ele atuou nas seguintes comunidade: 1886-1896 em Brüdertal; 1896-1910 em Brusque/SC; 1910-1912 em Itajaí/SC; 1912-1925 em Pomerode/SC; e a partir de 1925 em Timbó-Benedito Novo/SC. Wilhelm Lange. Disponível em <<http://www.ieclbhistoria.org.br>>. Acesso em 27 de abril de 2007.

⁶⁵ O P. Johannes Dehmlow nasceu em Tribsees, Po.. Foi enviado ao Brasil em 1883 pela Sociedade Evangélica de Barmen. Por volta de 1937 residia em Cöthen, i.R. Anklam. Ele atuou nas comunidades: 1883-1895 em Estrada da Ilha; 1895-1905 em Cupim/PR; 1905-1906 em Taquari/RS, no Asilo Pella e Betânia; e 1906-1910 em Lajeado. Johannes Dehmlow. Disponível em <<http://www.ieclbhistoria.org.br>>. Acesso em 27 de abril de 2007.

⁶⁶ PRIEN, 2001, p. 147.

sínodo. Devido à composição bastante heterogênea de pastores e comunidades, no entanto, isso ainda não foi possível. Nem mesmo a Conf. Past., fundada formalmente em 2 de maio de 1896, foi capaz de congregar duradouramente todos os pastores⁶⁷.

Segundo um artigo no jornal da Assoc. Evang. de Comunidades, *Mensageiro do Evangelho*⁶⁸, de 1961, no qual se faz uma retrospectiva histórica da formação da instituição, são apresentados basicamente três motivos: 1) a origem diversa dos imigrantes e a atuação de diferentes instâncias alemãs em Santa Catarina sem qualquer coordenação; 2) os pastores que vieram para Santa Catarina procederem de diferentes associações eclesíásticas; 3) as dificuldades de locomoção pela ausência de ligações naturais entre os centros de colonização devido ao relevo montanhoso⁶⁹. Também problemas entre comunidades e seus clérigos dificultaram esse empreendimento. Como exemplo, pode-se citar Teresópolis, onde um movimento de despertar, liderado pelo professor Hausmann, provocou a divisão da comunidade e, após uma investigação pelas autoridades, que temiam uma reedição do levante dos *Mucker* em Santa Catarina, desencadeou a partida do clérigo da comunidade, o P. Dietegen Flury. As dificuldades para congregar todos sob uma mesma entidade aumentava ainda mais pela atuação da Caixa de Deus (Sín. Evang. Lut.) no norte e dos missurianos no sul de Santa Catarina nessa época. Havia até concorrência entre pastores das diferentes instâncias alemãs por comunidades, como ocorreu, por exemplo, em Palhoça. O diácono Christian Zluhan (Santa Isabel/Teresópolis), que também atendia a região de Palhoça, teria confirmado até crianças de 12 anos somente para evitar que elas fossem

⁶⁷ PRIEN, 2001, p. 148s.; ES NAHT DER 50. GEBURTSTAG UNSERER SYNODE, 1961, p. 13. Essa diversidade de comunidades e pastores ainda precisa ser melhor caracterizada. Quanto à diversidade de práticas e experiências em nível comunitário, não restam dúvidas de que estas foram marcadas por uma grande pluralidade. No que diz respeito aos pastores, entretanto, a pluralidade precisa ser melhor definida, sendo que sete dos dez que atuavam na região tinham sido enviados pela Sociedade Evangélica para os Protestantes Alemães na América. – WIRTH, 1992, p. 58.

⁶⁸ Antes da proibição do uso da língua alemã no Brasil, o jornal tinha o título "Der Christenbote" [Mensageiro Cristão] e era redigido em língua alemã.

⁶⁹ ES NAHT DER 50. GEBURTSTAG UNSERER SYNODE, 1961, p. 13; PRIEN, 2001, p. 151.

confirmadas pelo P. Schulz (Florianópolis/Palhoça)⁷⁰ que passaria a assistir a região⁷¹.

Em resposta a conflitos e divergências dessa natureza parece estar direcionado um artigo do P. Wilhelm Lange (Assoc. Evang. de Comunidades/Brusque) de 30 de julho de 1905, no qual comenta o trabalho da Caixa de Deus Luterana no Brasil. Para ele, a confissão/confessionalidade é constitutiva para a Igreja, valendo o seguinte: "Toda comunhão eclesial [Kirchengemeinschaft] é comunhão confessional [Bekennnismgemeinschaft]. A confissão não determina somente o caráter da comunidade individual, mas une as comunidades numa Igreja global [Gesamtkirche] e, simultaneamente, as isola [abschliessen] das demais."⁷²

Além de dificultarem a fundação de um sínodo, os conflitos entre pastores e entre comunidades prejudicavam grandemente a organização de qualquer trabalho eclesial em Santa Catarina.

Em 1905 o P. Hermann **Faulhaber** (1863-1920, atuante em Blumenau entre 1889 e 1906) propôs ao CSEB [Conselho Superior Eclesiástico de Berlim ou Cons. Sup. Ecles. Evang.] que enviasse um mediador para os conflitos. Neste contexto, em 1907 chegaria o P. Dr. Martin **Braunschweig**, secretário-geral da Sociedade Gustavo Adolfo da Alemanha, que participou da Conferência Pastoral de 14 de agosto daquele ano, como representante

⁷⁰ O P. Schulz foi enviado pelo Cons. Sup. Ecles. Evang. de Berlim e atuou em Florianópolis de 1902 a 1907, mas também atendeu a região de Palhoça. – Pastor Schulz. Disponível em <<http://www.ieclbhistoria.org.br>>. Acesso em 27 de abril de 2007.

⁷¹ PRIEN, 2001, p. 152ss. Esse conflito em Santa Isabel/Teresópolis naturalmente precisa de maior aprofundamento. Prien faz a sua pesquisa procurando mostrar valorização do pensamento étnico nas comunidades e sínodos e evidenciar como ele serviu de fator de aproximação entre os diferentes grupos evangélicos e luteranos até a formação de uma igreja no Brasil. Além disso, a sua exposição está limitada à análise da correspondência enviada pelo representante permanente do Cons. Sup. Ecles. Evang. e ao livro de Ferdinand Schröder. Assim, um desafio consiste em ler o mencionado conflito e outros como, por exemplo, o caso Indaial e Timbó, à luz da situação local (Veja PRIEN, 2001, p. 244). Para isso é preciso a realização de um trabalho de pesquisa em fontes das respectivas comunidades, como livros de atas. Além disso, um trabalho de entrevistas com antigas lideranças dessas comunidades e com pastores que tenham atuado nesses locais a mais tempo podem vir a constituir novas respostas e perguntas até agora não feitas.

⁷² LANGE, Wilhelm. Der Lutherischen Gotteskasten. **Sonntagsblatt**, São Leopoldo, p. 18-19, 30. Jul. 1905. p. 18. O papel que o P. Lange desempenhou no processo de formação da Assoc. Evang. de Comunidades ainda não foi estudado. Considerando o grande número de artigos publicados por ele em jornais, inclusive de outros sínodos, e a sua participação desde o início da Conf. Past., que foi a semente organizacional da associação, caberia uma pesquisa mais detalhada sobre a sua atuação em nível comunitário e sinodal.

da Igreja da Prússia [Igr. Territorial Evang. da Prússia]. Ele, contudo, viu frustrado o seu desejo da fundação de um sínodo naquela ocasião⁷³.

Em correspondência ao Cons. Sup. Ecles. Evang., o prepósito Dr. Martin Braunschweig sugere como medidas imediatas a ampliação da Conf. Past. a um sínodo e a visita anual de um representante do Cons. Sup. Ecles. Evang. às comunidades de Santa Catarina. Assim, em 26 de agosto de 1909, ocorre em Blumenau uma discussão preliminar sobre a fundação de uma associação de comunidades, ficando uma comissão responsável pela elaboração de estatutos com base nos da Associação de Comunidades do *Rio da Prata*. Após terem sido elaborados, os estatutos deveriam ser apresentados às paróquias⁷⁴.

O trabalho da comissão foi apreciado em 20 de agosto de 1910, em Timbó, quando também foram feitas as devidas alterações estatutárias. E, em 6 de agosto de 1911, em Blumenau, ocorreu a Assembléia Constituinte da Assoc. Evang. de Comunidades Alemãs de Santa Catarina, com a presença de 17 representantes leigos de nove comunidades e oito pastores⁷⁵.

Como o próprio nome já o indica, não se trata de um sínodo na plena acepção da palavra, pois a Assoc. Evang. de Comunidades não era possuidora de responsabilidade eclesiástica, mas o seu objetivo era o de "despertar e fortalecer o sentimento de comunhão das comunidades evangélicas (...) visar, na medida do possível, o uso uniforme de formas litúrgicas, livros de canto e de ensino religioso (...)". As decisões, no entanto, na prática, iriam acontecer na Conf. Past.⁷⁶.

Inicialmente, a Assoc. Evang. de Comunidades não definiu a sua confessionalidade em seus estatutos, apenas indicou indiretamente que se relacionava com a Igr. Territorial Evang. da Prússia (de caráter confessional unido!).

⁷³ WACHHOLZ, Wilhelm. Associação Evangélica de Comunidades de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.ieclbhistoria.org.br>>. Acesso em: 16 de outubro de 2006.

⁷⁴ PRIEN, 2001, p. 154s. Veja também MUMMELTHEY, Walter. 50 Anos do Sínodo de Santa Catarina e Paraná. **Mensageiro do Evangelho**, Rio do Sul, 15 ago. 1961. Edição Comemorativa, p. 21-22. p. 21s.

⁷⁵ FISCHER, Joachim H. Identidade confessional – Lições da história, **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 29-42, 2003. p. 37; PRIEN, 2001, p. 255.

⁷⁶ PRIEN, 2001, p. 155.

Predominava nas comunidades, geralmente, a confissão dos seus respectivos pastores ou da autoridade eclesiástica a qual estavam subordinadas⁷⁷.

Em 1921, elevou-se as taxas para a realização de ofícios casuais (Batismos, Casamentos, Sepultamentos...) para não-membros para o valor de 50 Milréis. Referente a isso, num artigo do P. Grimm (Assoc. Evang. - Hammonia) de junho de 1921, pode-se identificar alguns elementos que apontam para a compreensão eclesiológica presente no âmbito da Assoc. Evang. de Comunidades. O artigo sob o título "Ein Wort an die Nichtmitglieder" [Um palavra aos não-membros] é, na realidade, um apelo para que os não-membros, mas que ao mesmo tempo procuravam a comunidade para a realização dos ofícios casuais, se filiassem a ela e participassem em suas atividades. Segundo Grimm, "a bênção de Deus não pode ser vendida ao desbarato!"⁷⁸ Transparece nesse argumento a ênfase numa das questões centrais para a Reforma do século XVI, ou seja, a ênfase na graça de Deus. Se, no entanto, isso se trata de uma preocupação real ou de mero formalismo, não há como responder.

A Associação de Comunidades somente definiu mais claramente a sua orientação confessional em 1933, declarando que a *Confessio Augustana invariata* e o Catecismo Menor de Lutero seriam os seus documentos normativos⁷⁹.

A virada de ano de 1932/33 representa certa cesura na história da Assoc. Evang. de Comunidades, porque, a partir de janeiro de 1933, o Sín. Evang. Lut. estava associado à Fed. Ecles. Evang. Alemã, que, por sua vez, trabalhava em conjunto com o Cons. Sup. Ecles. Evang., de modo que agora passaram a existir estreitas ligações na direção da Igreja, que, na emergente Igreja Evangélica Alemã [Igr. Evang. Alemã], em breve passaria para as mãos do Departamento do Exterior [Depart. do Exter.]⁸⁰.

Houve a intenção de que a Assoc. Evang. de Comunidades se filiasse à Fed. Ecles. Evang. Alemã, mas as negociações foram interrompidas pelos

⁷⁷ FISCHER, 2003, p. 37. Fischer assume essa tese de KRAUSE, 1993, p. 101. Veja também WACHHOLZ, 2003b, p. 24.

⁷⁸ "Gottes Segen wird nicht für Geld verschachert!" – GRIMM. Ein Wort an die Nichtmitglieder. **Der Christenbote**, Blumenau, n.6, 14.Jahrgang, Jun. 1921. p.3. O P. Hermann Grimm foi enviado pelo Cons. Sup. Ecles. Evang. ao Brasil em 1907, inicialmente para a comunidade de Santa Leopoldina I, onde atuou de 1907 a 1913. Entre 1920 e 1926 atuou na Paróquia Evangélica de Ibirama, ao lado do P. Dr. Paul Aldinger. Por volta de 1937, menciona-se que encontrava-se em Nörenberg, Neumünster. – Hermann GRIMM. Disponível em: <<http://www.ieclbhistoria.org.br>> Acesso em 3 de abril de 2007.

⁷⁹ WACHHOLZ, Wilhelm. Associação Evangélica de Comunidades de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.ieclbhistoria.org.br>>. Acesso em: 16 de outubro de 2006.

⁸⁰ PRIEN, 2001, p. 240.

acontecimentos de 1933, quando o partido nacional-socialista chegou ao poder na Alemanha. Em 1º de abril de 1936, a Assoc. de Comunidades e também o Sín. Brasil Central, até então ligados ao Cons. Sup. Ecles. Evang., são subordinados ao Depart. do Exter. da Igr. Evang. Alemã⁸¹.

1.4 Sínodo Evangélico Luterano

Em 1891, a Associação Luterana da Caixa de Deus começou a se interessar pela assistência aos luteranos no Brasil. Esse interesse foi desencadeado, entre outros motivos, pelo grande contingente de teuto-russos que emigraram para o Brasil. Além disso, segundo Wachholz, os contatos que o P. Johann[es] Friedrich Brutschin (1844-1919) manteve com a Caixa de Deus Luterana após ter rompido as relações com o Sín. Riogr., no final da década de 1880, também contribuíram para a vinda de pastores luteranos⁸². Em 1896, os assuntos que diziam respeito à obra brasileira foram confiados à Caixa de Deus Bávara, "por quem também seria assumida e continuada"⁸³.

A partir do final de 1897, começaram a ser enviados pastores luteranos ao Brasil, sendo o primeiro o P. Karl Otto Kuhr (Estrada da Ilha)⁸⁴. Em 1898, foram enviados ainda os pastores Fritz Bühler (Joinville) e Carl Bergold (Dona Francisca), respectivamente para as comunidades de Joinville e Dona Francisca, a qual exigiu claramente que "o P. [pastor] deveria exercer seu ofício segundo o rito luterano"⁸⁵.

Todos os pastores enviados pela Federação das Associações Luteranas da Caixa de Deus eram automaticamente membros do Sín. Evang. Lut., que era uma agremiação de pastores que passou a se reunir a partir de meados de 1899. Essa ordem compromissiva possibilitou que se formasse uma rede crescente de pastores luteranos, que mais tarde levariam suas comunidades para dentro do Sín. Evang. Lut.⁸⁶.

81 DREHER, 1984, p. 221s.

82 WACHHOLZ, 2003a, p. 470ss.

83 DREHER, 1984, p. 178s.

84 FISCHER, 2003, p. 35; Veja também PRIEN, 2001, p. 168; DREHER, 1984, p. 179.

85 PRIEN, 2001, p. 168; WACHHOLZ, 2003a, p. 488.

86 PRIEN, 2001, p. 169s.

Os pastores enviados pela associação Caixa de Deus formavam-se nos seminários de Neuendettelsau, na Baviera, e Hermannsburg, na Baixa Saxônia⁸⁷. Como ainda veremos em mais detalhes, as Associações Caixa de Deus representavam a corrente luterana do Movimento de Reavivamento⁸⁸.

Para o Sín. Evang. Lut. valia como normativo

[...] a Sagrada Escritura e os Escritos Confessionais da Igreja Evangélica Luterana, quais sejam: os três Símbolos Ecumênicos, a Confissão de Augsburg inalterada, a Apologia da mesma, os Catecismos Maior e Menor de Lutero, os Artigos de Esmalcalde e a Fórmula de Concórdia⁸⁹.

Aos pastores do Sín. Evang. Lut. cabia, acima de tudo, a obediência à Palavra de Deus, que é identificada com a confissão luterana. Isso se mostra no fato do P. Roesel permanecer em Itoupava com o apoio dos colegas pastores, mesmo após ser formal e corretamente demitido pela comunidade. Segundo Prien, "está claro que no Sín. Evang. Lut. a confissão luterana era entendida como constitutiva para a Igreja (...) [e] o ministério era considerado instituição divina unilateralmente em contraposição à comunidade."⁹⁰

A insistência na confessionalidade também transparece numa atitude do P. Otto Kuhr antes de assumir a comunidade de Estrada da Ilha em 1º de janeiro de 1898. Ele iniciou seu trabalho somente:

[...] após estar convencido de que a comunidade ainda não possuísse nenhuma ligação com outro corpo eclesiástico e ter recebido uma declaração escrita de que se tratava de uma comunidade luterana e de que também futuramente ela continuaria professando essa fé (tradução própria)⁹¹.

Outra característica interessante é o fato de que a rigorosa organização desse "Sínodo Pastoral", que se reunia desde meados de 1899, com o dever de

⁸⁷ WACHHOLZ, 2003b, p. 17.

⁸⁸ FISCHER, 2003, p. 35. Aprofundaremos essa questão mais abaixo.

⁸⁹ WACHHOLZ, 2003b, p. 23s.; PRIEN, 2001, p. 170.

⁹⁰ PRIEN, 2001, p. 182.

⁹¹ "[...] nachdem er sich überzeugt hatte, dass die Gemeinde noch keine anderweitige Verbindung mit einem anderen Kirchenkörper geschlossen hatte, und nachdem er die schriftliche Erklärung erhalten hatte, dass sie eine evang. luth. Gemeinde sei und auch in Zukunft an diesem Bekenntnisstand feshalten wolle." – LUTHERISCHE KIRCHE IN BRASILIEN, 1955, p. 8.

obediência a um presidente (Karl Otto Kuhr), parece estar marcada por um conceito de Igreja de cunho mais hierárquico que esses pastores luteranos tinham⁹².

Além disso, os pastores do Sín. Evang. Lut., por alguns indícios, sentiam-se como parentes confessionais dos missurianos, e que, portanto, pelo menos aparentemente, colocavam a confissão acima do etnicismo. Isso se mostra, por exemplo, no fato de que, quando da aprovação dos estatutos do sínodo, em 13 de junho de 1905, optou-se, por sugestão do P. Riegel, pela retirada do §3, que tratava das "questões abertas"⁹³ ou doutrinas que não chegaram a uma formulação final no período da Reforma, sendo que isso poderia ser entendido como uma declaração de guerra pelo Sínodo de Missúri do Rio Grande do Sul⁹⁴. Isso se mostra também no fato de a frase que figurava o cabeçalho do Boletim do Sínodo [Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt - Evang. Luth. Gemeindeblatt] ser do fundador do Sínodo Missúri, C. F. W. Walther⁹⁵.

Um importante marco confessional no Sín. Evang. Luth. é a sua filiação à Fed. Ecles. Evang. Alemã. A política de cobrar taxas menores das comunidades pelos serviços eclesiais levou o Sín. Evang. Lut. a uma crise no período após a Primeira Guerra Mundial, pois antes sobrevivia com os subsídios da Caixa de Deus alemã. Assim, a primeira metade da década de 20 é marcada por intensas negociações do Sín. Evang. Lut., as quais visavam inclusive à sua filiação ao luteranismo norte-americano⁹⁶, sendo que a Igreja-mãe alemã patenteou ao luteranismo americano possibilidades de ajuda e tomada de influência no Brasil⁹⁷.

Em 1923, na Conf. Past. em Joinville, foi decidida a subdivisão do Sín. Evang. Lut. em dois distritos: Distrito-Norte, com Espírito Santo (ES) e São Paulo (SP); e Distrito-Sul, com SC e PR. Um dos motivos para essa decisão foi a questão financeira, pois assim cada distrito poderia solicitar auxílio a diferentes sínodos

⁹² PRIEN, 2001, p. 169.

⁹³ Isso ainda deverá ser mais detalhadamente explicado.

⁹⁴ PRIEN, 2001, p. 172.

⁹⁵ "Gottes Wort und Luthers Lehr' vergehen nun und nimmermehr" (A palavra de Deus e a doutrina de Lutero jamais passarão.) – PRIEN, 2001, p. 175.

⁹⁶ LUTHERISCHE KIRCHE IN BRASILIEN, 1955, p. 12.

⁹⁷ PRIEN, 2001, p. 186.

norte-americanos⁹⁸. Além da situação financeira precária, a situação de total insegurança jurídica dos pastores foi motivação para a busca de tais parcerias⁹⁹. Os pastores luteranos, mesmo retornando para a Alemanha, não poderiam exercer as atividades pastorais por terem somente uma formação missionária¹⁰⁰ e a sua ordenação não ser reconhecida em solo alemão, apenas no exterior.

Entretanto, os subsídios dos sínodos norte-americanos e o auxílio da Caixa de Deus alemã, retomado em 1925, eram insuficientes. Como a filiação à Fed. Ecles. Evang. Alemã era rejeitada principalmente pela Caixa de Deus da Baviera, a Conf. Past. de 22 de agosto de 1927 decidiu filiar-se à Igreja Luterana da Baviera e solicitou à Caixa de Deus que intermediasse as negociações. Esta aceitou o pedido com a condição de que a autonomia das comunidades fosse preservada e que ela não fosse excluída do seu trabalho no Brasil¹⁰¹. Esta resistência contra uma aproximação à Fed. Ecles. Evang. Alemã se devia às características unidas e à ênfase no etnicismo desta¹⁰².

A Igreja Luterana da Baviera, entretanto, precisava ater-se aos critérios de filiação da Fed. Ecles. Evang. Alemã, à qual estava ligada, de modo que a filiação do Sín. Evang. Lut. não se concretizou. A Fed. Ecles. Evang. insistia que as restrições do Sin. Evang. Lut. feitas a ela eram meramente de natureza eclesiástica interna e diziam respeito a questões do *status* confessional, o que lhe estava assegurado por lei. A negativa da Igreja da Baviera fez com que o Sín. Evang. Lut. buscasse estabelecer uma ligação com a *United Lutheran Church in América* (ULCA)¹⁰³. Conforme *Lutherische Kirche in Brasilien*, a ULCA rejeitou a filiação devido à falta da documentação jurídica necessária¹⁰⁴.

Segundo Dreher, havia interesse por parte do Sín. Evang. Lut. em filiar-se à Fed. Ecles. Evang. Alemã, mas isso foi categoricamente descartado pela Caixa de

⁹⁸ PRIEN, 2001, p. 245. O Sín. Evang. Lut. recebeu auxílio do Sínodo de Ohio e Iowa (cf. p. 246s.).

⁹⁹ LUTHERISCHE KIRCHE IN BRASILIEN, 1955, p. 13.

¹⁰⁰ DREHER, 1984, p. 183s.

¹⁰¹ PRIEN, 2001, p. 247. Veja também DREHER, 1984, p. 185-190.

¹⁰² Veja mais abaixo.

¹⁰³ PRIEN, 2001, p. 251.

¹⁰⁴ LUTHERISCHE KIRCHE IN BRASILIEN, 1955, p. 14.

Deus com a fundamentação de que isso colocaria em perigo o caráter luterano do sínodo¹⁰⁵.

O que levou o Sín. Evang. Lut. a filiar-se à Fed. Ecles. Evang. Alemã e não à ULCA ainda não está suficientemente esclarecido. Segundo Martin Dreher, os acontecimentos seguiram esse rumo devido às "fortes pressões exercidas da Alemanha através do Ministério de Relações Exteriores, da Direção do Seminário de Missão de Neuendettelsau e pela Caixa de Deus da Baviera", que ameaçavam levar a uma cisão do sínodo¹⁰⁶. Também o indeferimento do pedido de filiação à Igreja Territorial Bávara, em 1930, encaminhou o sínodo à Fed. Ecles. Evang. Alemã, pois a federação teria muito melhores condições de oferecer auxílio¹⁰⁷.

Prien diz, além disso, que "é preciso tomar em consideração a enorme pressão financeira, que favorecia uma rápida filiação à ULCA", sendo que a Federação Martim Lutero (antiga Caixa de Deus) não repassava as subvenções já há algum tempo¹⁰⁸.

Prien considera como decisiva, entretanto, a intervenção do Dr. Pamperrien (vice-cônsul alemão em Florianópolis), que substituiu o cônsul Aeldert em SC no final de 1931. Pamperrien teria encontrado a documentação da filiação do Sín. Evang. Lut. à ULCA e solicitado aos pastores do Sín. Evang. Lut., através de uma circular, que cogitassem uma consulta à Fed. Ecles. Evang. Alemã se não haveria possibilidades de filiação em condições suportáveis. Para as negociações foi encarregado, ou se automeou procurador da diretoria sinodal, o representante da Fed. Ecles. Evang., prepósito Funcke. O contrato de filiação foi assinado em 30 de janeiro de 1933 em Jaraguá, no qual ficou assegurado, entre outras coisas, que a base confessional do sínodo ficaria inteiramente preservada, inclusive as ordens de cunho confessional no prontuário litúrgico, no hinário e catecismo e a intermediação de pastores evangélico-luteranos¹⁰⁹. O peso que teve a questão confessional

¹⁰⁵ DREHER, 1984, p. 184s.

¹⁰⁶ DREHER, 1984, p. 190.

¹⁰⁷ DREHER, 1984, p. 199.

¹⁰⁸ PRIEN, 2001, p. 253.

¹⁰⁹ LUTHERISCHE KIRCHE IN BRASILIEN, 1955, p. 15; PRIEN, 2001, p. 254s. Os pastores também passaram a ter direito à aposentadoria, férias na Alemanha e educação para os seus filhos. – cf. p. 329. Veja também DREHER, 1984, p. 190. O Sínodo Riograndense já havia se filiado em

também transparece na carta de saudação ao Sínodo enviada pelo presidente da Fed. Ecles. Evang. Alemã, D. Dr. Kapler, que termina com as palavras "Deixemo-nos segurar firmes na confissão!"¹¹⁰. Por ocasião da filiação, o Sín. Evang. Lut. mudou seu nome para "Igreja Evangélica Luterana Alemã no Brasil"¹¹¹.

Como visto, as vias pelas quais o Sín. Evang. Lut. se filiou, em janeiro de 1933, à Fed. Ecles. Evang. Alemã foram um tanto obscuras, provocando uma série de tensões. Primeiramente "entre a Fed. Martinho Lutero [antiga Caixa de Deus] e a Fed. Ecles. Evang. Alemã, depois tensões internas no Sín. Evang. Lut. e, em terceiro lugar, entre a Fed. Martinho Lutero e o Sín. Evan. Lut."¹¹²

Contudo, isso significou uma virada histórica para o sínodo, pois, a partir daí, iniciou-se uma caminhada de desligamento e emancipação do Sín. Evang. Lut. em relação à Caixa de Deus. Mas, acima de tudo, a filiação à Fed. Ecles. Evang. Alemã iniciaria o longo processo de aproximação com os sínodos unidos, o fortalecimento do elemento luterano nestes, levando finalmente à confederação¹¹³. Dreher chama a atenção para o fato de que, com a filiação à Fed. Ecles. Evang. Alemã, "encerra-se um período na história desse sínodo. Um sínodo brasileiro, com comunidades brasileiras, passou a ser um 'sínodo no exterior' (Auslandssynode) com 'comunidades no exterior' (Auslandsgemeinden)"¹¹⁴, afirmação da qual Prien, entretanto, discorda categoricamente. Segundo ele, o Sín. Evang. Lut. não teria tido autonomia alguma, pois dependia inteiramente da subvenção de Igrejas do exterior tanto no que concerne às finanças quanto no que diz respeito ao suprimento com pastores. Além disso, estava dividido organizacionalmente quase que em um distrito norte e um distrito sul, com direções eclesiásticas que atuavam conjuntamente apenas em termos restritos, dependendo até neste quesito de coordenação exterior¹¹⁵.

1927, sendo o único dos quatro que fariam isso. – WACHHOLZ, Wilhelm. Sínodo Rio-Grandense. Disponível em: <<http://www.ieclbhistoria.org.br>> Acesso em 16 de outubro de 2006.

110 "Lasset uns halten an dem Bekenntnis!" – LUTHERISCHE KIRCHE IN BRASILIEN, 1955, p. 15.

111 FISCHER, 2003, p. 36s.; DREHER, 1984, p. 190.

112 PRIEN, 2001, p. 257.

113 PRIEN, 2001, p. 257.

114 DREHER, 1984, p. 190.

115 PRIEN, 2001, p. 17.

Já as entidades que se filiaram à Fed. Ecles. Evang. Alemã viram o fato com bastante otimismo, fazendo com que os sínodos quisessem mais e mais ser uma Igreja autônoma no Brasil, tratava-se de um reinício cheio de esperanças¹¹⁶. Em 1955, essa visão positiva transparece quando se faz uma retrospectiva histórica no livro comemorativo aos 50 anos de existência do Sín. Evang. Lut. Na reconstrução da própria história, após a "Guerra", o elemento confessional é valorizado de forma recorrente, quando se afirma, por exemplo, que a filiação do Sínodo à Fed. Ecles. Evang. Alemã significou o pertencimento a "uma grande federação de 28 igrejas alemãs, **das quais 15 professavam totalmente a confissão luterana.**" (grifo nosso)¹¹⁷

Conforme exposto, pelo menos aparentemente, pode-se perceber no Sín. Evang. Lut. uma grande contradição. De um lado, coloca-se a confissão "acima de tudo" e, de outro, o pensamento etnicista se faz presente, restringindo o campo de atuação do Sín. Evang. Lut. Procuraremos esclarecer essa questão no segundo capítulo. Antes disso, precisamos perguntar pela origem histórica da polaridade entre a Assoc. Evang. de Comunidades e o Sin. Evang. Lut., a qual devemos localizar nas diferenças entre luteranos, reformados e unidos, sendo que vieram primeiro imigrantes e depois pastores desses diferentes grupos para o Brasil. Na Europa, eles estavam de certa forma territorialmente separadas, no Brasil, entretanto, passaram a ocupar o mesmo espaço geográfico e foram confrontados com as diferenças, levando a um desenvolvimento peculiar.

1.5 Luterano, Reformado, Unido...? ¹¹⁸

A problemática sugerida pelos conceitos luterano, reformado e unido quando estes são colocados lado a lado constitui o pano de fundo das divergências confessionais ocorridas entre a Assoc. Evang. de Comunidades e o Sín. Evang. Lut. Nesse sentido, é essencial esclarecer o que esses termos expressam.

¹¹⁶ DREHER, 1984, p. 222.

¹¹⁷ LUTHERISCHE KIRCHE IN BRASILIEN, 1955, p. 3.

¹¹⁸ Ainda precisa ser mais bem definido no que residem as diferenças confessionais entre a tradição unida e a tradição luterana no que diz respeito aos escritos confessionais. A presente versão deste relatório está limitada pela exposição dos aspectos históricos que marcaram a separação entre luteranos e unidos.

Os reformadores no século XVI não quiseram em princípio uma ruptura com a Igreja, mas reivindicaram uma reforma a partir da Palavra de Deus¹¹⁹. Em resposta ao movimento de Reforma, surgiu dentro da Igreja Católica Romana o movimento de Contra-Reforma. Depois de conflitos e controvérsias, em 1555, na Dieta de Augsburgo, o imperador Carlos V "garantiu legalmente a coexistência de duas confissões cristãs no império: a dos católicos e a dos que aderiram à Confissão de Augsburgo."¹²⁰ Após isto, inicia-se o assim denominado período confessional (*Konfessionalisierung*). Esse período confessional se caracteriza pela constituição de um Estado, sociedade e cultura com base numa determinada confissão religiosa, via de regra aquela assumida pelo dirigente do respectivo território¹²¹. As confissões religiosas, por sua vez, são os desdobramentos oriundos da Reforma do século XVI e geralmente remetem a um reformador em especial como, por exemplo, Lutero, Calvino ou Zwinglio. Na Alemanha, a Paz de Wesfália consolidou a distribuição confessional em territórios¹²².

No século XIX, segundo alguns autores, pode-se observar um novo período confessional (*Re-Konfessionalisierung* ou *Neo-Konfessionalisierung*). Essa revalorização confessional, no âmbito luterano, irá se manifestar, por exemplo, no neoluteranismo¹²³ e na escola de Erlangen¹²⁴, na qual haverá profunda reflexão teológica. Também surgiram, já a partir do final do século XVIII e da separação entre

¹¹⁹ Isso se evidencia, por exemplo, na própria Confissão de Augsburgo, que se compreende como expressão da fé católica. – SCHWARZ, Hans. VII. Reformationszeit bis 17.Jh. In: MÜLLER, Gerhard (Hrsg.). **Theologische Realenzyklopädie**. Berlin: de Gruyter, 1984. Bd. 13. p. 416-429. p. 416.

¹²⁰ GASSMANN, Günther; HENDRIX, Scott. **As Confissões Luteranas: uma introdução**. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 32.

¹²¹ NÜSSEL, Friederike. Unionen, kirchliche. In: BETZ, Hans Dieter, BROWNING, Don S., JANOWSKI, Bernd, et. all. (Hrsg.) **Religion in Geschichte und Gegenwart**. 4.Aufl. s.l.: Mohr Siebeck, 1998[?]. Bd.8. p. 749-752. p. 750.

¹²² KLEUTING, Harm. Konfessionalisierung. In: BETZ, Hans Dieter, BROWNING, Don S., JANOWSKI, Bernd, et. all. (Hrsg.) **Religion in Geschichte und Gegenwart**. 4.Aufl. s.l.: Mohr Siebeck, 1998[?]. Bd.4. p. 1547-1548. p. 1547. Numa nova versão deste texto será preciso descrever brevemente as controvérsias em torno da Confissão de Augsburgo em suas versões inalterada (1530) e alterada (1540), sendo que os quatro sínodos que formaram a IECLB estavam identificados com uma ou outra versão da Confissão. Esses conflitos estão descritos em GASSMANN, HENDRIX, 2002, p. 33s.

¹²³ Wilhelm Löhe, por exemplo, será representante dessa corrente, mas veremos isso mais abaixo.

¹²⁴ O fundador da Escola de Erlangen foi Adolfo Harless, que enfatizava a pesquisa em torno de Lutero, mas o mais conhecido dos teólogos de Erlangen foi João Cristiano Conrado von Hofmann, cuja teologia "marca a transição de uma teologia mais filosófica e especulativa a uma teologia mais inteiramente condicionada pela perspectiva histórica." – HÄGGLUND, Bengt. **História da teologia**. 7.ed. Porto Alegre: Concórdia, 2003. p. 320.

Igreja e Estado, organizações com orientações confessionais distintas como a Associação [depois Obra] Gustavo Adolfo (1832)¹²⁵ e a Confederação Evangélica (1886). Muitas dessas organizações tinham um caráter fortemente anti-católico¹²⁶.

No âmbito das igrejas começam a surgir grupos relativamente mais abertos à modernidade, chamados de liberais (Teologia Liberal¹²⁷), e grupos que vêem o processo de modernização de forma bastante crítica, que serão denominados conservadores (Teologia da Restauração). As "uniões" ocorridas entre 1817 e 1822 tentaram oferecerem um contraponto a esse processo de reconfessionalização no âmbito evangélico¹²⁸. Por "união" entende-se de maneira geral a aproximação e constituição de uma única instituição das igrejas que antes estavam separadas devido a sua confissão religiosa distinta¹²⁹. Marcante nesse contexto é o Movimento de Reavivamento Alemão no século XIX.

¹²⁵ A Obra Gustavo Adolfo será uma das primeiras organizações a ultrapassar fronteiras confessionais e os limites das igrejas territoriais e, segundo Schellenberg, desde o início ela é marcada por uma "orientação profundamente ecumênica" (*starker ökumenischen Zug*). – SCHELLENBERG, Peter. Diasporawerke. In: KRAUSE, Gerhard; MÜLLER, Gerhard. **Theologische Realenzyklopädie**. Berlin: deGruyter, 1981. p. 719-726. p. 719s. Em Santa Catarina, a Obra iria auxiliar as comunidades de Santa Isabel/Teresópolis e de Brusque. – RIETH, 2003, p. 119. Enquanto Obra Gustavo Adolfo em Santa Catarina propriamente dita, ela será fundada em 1922, no contexto da Assoc. Evang. de Comunidades e o seu "objetivo também será o de auxiliar comunidades necessitadas nas novas áreas de colonização." – RIETH, 2003, p. 122. Aqui uma pesquisa muito interessante poderia se constituir a partir da análise da atuação da Obra Gustavo Adolfo constituída em Santa Catarina e de quais comunidades ela auxiliou. Isso poderia lançar novas luzes sobre a discussão em torno da limitação da atuação de instituições teuto-brasileiras dentro da própria comunidade étnica.

¹²⁶ KLUETING, 1998[?], p. 1548.

¹²⁷ Os teólogos (entre outros pode-se citar D. F. Straus e F. C. Baur) da Teologia Liberal, por exemplo, aplicavam a crítica histórica à Bíblia. – HÄGGLUND, 2003, p. 325.

¹²⁸ O termo "evangélico" aqui é entendido como tradução do termo alemão *evangelisch*, e não com a conotação corrente no contexto brasileiro. Ele se refere às igrejas surgidas a partir da Reforma, especialmente luteranas e reformadas.

¹²⁹ NÜSSEL, 1998[?], p. 749. O termo "união" (em alemão *Union*) origina-se do latim *unire* e *unio* e expressam a atitude de juntar, reunir, tornar uma unidade. Ele é empregado em diferentes esferas institucionais, tanto política quanto eclesiástica. No âmbito da igreja, o termo é empregado para a reaproximação de igrejas que antes possuíam existência independente como resultado de uma divisão em algum momento da história. Nesse sentido, utiliza-se a terminologia para falar de uniões entre a Igreja Católica Romana e Igrejas ortodoxas e, no âmbito protestante alemão, ela é utilizada para designar a união entre as duas igrejas protestantes (Reformada e Luterana). – BEYER, Michael. Unionen, Kirchliche. I. Sprachgebrauch und Begriffsbestimmung. In: MÜLLER, Gerhard (Hrsg.). **Theologische Realenzyklopädie**. Berlin: de Gruyter, 2002. Bd. 34. p. 311-313. p. 311ss. No âmbito desse trabalho, nos referimos apenas às uniões internas do protestantismo e não uniões entre protestantes e católicos.

1.5.1 O Movimento de Reavivamento

O Movimento de Reavivamento foi marcado por um espírito missionário, levando à criação de casas missionárias e o ingresso de muitas pessoas de diferentes regiões alemãs nesses centros com a pretensão de se tornarem pastores-missionários. A "teologia positiva" é herança do Movimento de Reavivamento¹³⁰. Segundo Wachholz, a piedade e teologia pietistas não desapareceram diante do Iluminismo e Idealismo, mas foram renovadas. A nova piedade, no entanto, não era apenas de cunho pietista, "mas também ortodoxa e, principalmente, racionalista."¹³¹

Como em solo alemão a confessionalidade reformada era bem menos expressiva do que o luteranismo, o Movimento de Reavivamento alemão se desenvolveu preponderantemente em ambiente luterano. O Movimento coincidiu com o período de Restauração e o Liberalismo, que se opunha às instituições tradicionais e autoritárias¹³². Hägglund situa o Movimento de Reavivamento dentro da Teologia da Restauração, na qual podem ser encontradas tendências unionistas em alguns de seus teólogos, mas também o desenvolvimento do assim chamado "neoluteranismo"¹³³.

1.5.2 A tradição Unida

A pretensão de integrar diferentes igrejas protestantes começa a ser colocada em prática a partir do Congresso de Viena (1815/1816), no qual decidiu-se pela reorganização das fronteiras alemãs e europeias¹³⁴. Territórios antes independentes, cada qual com sua igreja e confissão, agora estavam sob uma mesma regência¹³⁵. Como as diferenças confessionais do século XVIII haviam se

¹³⁰ WACHHOLZ, 2003a, p. 31.

¹³¹ WACHHOLZ, 2003a, p. 33.

¹³² WACHHOLZ, 2003a, p. 95.

¹³³ HÄGGLUND, 2003, p. 315s.

¹³⁴ Com essa reorganização, a Prússia, por exemplo, teve o seu território quase que dobrado. Em 1807, ela possuía 158.000Km² e 4.940.000 habitantes e, em 1815, passou a ter 278.000Km² e mais de 10.400.000 habitantes. – GOETERS, J. F. Gerhard. Die Anfänge der Union unter landesherrlichem Kirchenregiment (1817-1850). In: GOETERS, J. F. Gerhard, MAU, Rudolf (Hrsg.). **Die Geschichte der Evangelischen Kirche der Union**. Leipzig: EVA, 1992. Bd.1. p. 27-40. p. 29.

¹³⁵ STIEWE, Martin. Unionen IV/1. Deutschland. In: MÜLLER, Gerhard (Hrsg.). **Theologische Realenzyklopädie**. Berlin: de Gruyter, 2002. Bd. 34. p. 323-327. p. 324.

amenizado por influências pietistas e da Ilustração¹³⁶, as idéias de união ganharam respaldo em nomes importantes como Friedrich Schleiermacher¹³⁷.

Dentro da linha de atuação da tradição unida, inúmeras instituições se fizeram presentes no trabalho entre teuto-brasileiras na região de Santa Catarina, a saber: a Sociedade Missionária de Basiléia; a Sociedade Evangélica de Barmen; a Igreja Territorial da Prússia, principalmente através do Conselho Superior Eclesiástico; a Federação Eclesiástica Evangélica Alemã; e a Igreja Evangélica Alemã por meio do seu Departamento do Exterior.

1.5.2.1 Sociedade Missionária de Basiléia

A participação da Sociedade Missionária de Basiléia na constituição de comunidades eclesiais em Santa Catarina é bem mais limitada do que o número de pastores enviados por outras instituições. Ela se fez presente principalmente através de missionários enviados primordialmente entre os anos de 1861 até 1886, embora não tenha se encerrado completamente neste ano¹³⁸. A localidade que recebeu vários egressos de Basiléia foi a região de São Pedro de Alcântara, no século XIX denominada de Santa Isabel.

Segundo Wachholz, "em 1867, os pastores enviados pela SMB [Sociedade Missionária de Basiléia] se reuniram, sob a presidência do P. Karl Wagner-Groben, para constituir uma conferência com estatutos."¹³⁹ Como a pergunta central neste capítulo da abordagem gira em torno da confessionalidade, os dois primeiros parágrafos desses estatutos, que abordam a questão confessional, podem servir de referência:

§1 Membro da Conferência pode tornar-se, em princípio, todo pastor egresso da Casa de Missão de Basiléia, como também cada pastor teuto-evangélico no Brasil [...].

§2 O ponto de vista da Conferência de Pastores Evangélicos do Rio de Janeiro é o cristão-positivo e fundamenta-se sobre as Sagradas Escrituras do Velho e Novo Testamento, como estas encontram sua interpretação nos

¹³⁶ O Pietismo se dirigia contra toda forma de confessionalismo e a Ilustração criticava energicamente o dogmatismo. – STIEWE, 2002, p. 324.

¹³⁷ GOETERS, 1992, p. 30; STIEWE, 2002, p. 324.

¹³⁸ WACHHOLZ, 2003b, p. 17.

¹³⁹ WACHHOLZ, 2003b, p. 18.

escritos confessionais na Igreja luterana e reformada, conquanto concordem nos pontos fundamentais da fé.¹⁴⁰

Conforme Wachholz ainda, o fato de se mencionar os escritos confessionais das igrejas luterana e reformada, indicaria uma "união", a qual, no entanto, não deveria ser entendida nos mesmos moldes daquela na Igreja Evangélica Unida da Prússia. "Aqui, 'união' deve ser entendida no espírito do reavivamentismo do século XIX, para o qual 'aquilo que une deve estar acima do que separa'."¹⁴¹

Assim, dentro da tradição da igreja unida, pode-se observar uma gradativa valorização do pensamento étnico e a propagação deste para as comunidades com as quais se tinha vínculos, o que ocorria principalmente através de cartas, conferências e representantes.

Questões como confessionalidade tenderam cada vez mais a serem vistas e/ou abordadas como desdobramentos das questões étnicas e nacionais. Entretanto, e isto precisará ser aprofundado durante o segundo capítulo deste estudo, precisa ser esclarecido em que medida as pretensões de formação de uma igreja no Brasil à base da cooperação dos quatro sínodos é resultado apenas de ideais étnicos ou se não haveria aí um elemento confessional distintivo da tradição unida.

1.5.2.2 Sociedade Evangélica de Barmen

Nesse ponto ainda deverão ser esboçados alguns aspectos histórico-confessionais da Sociedade Evangélica de Barmen, que também enviou obreiros para atuarem entre os imigrantes nas regiões de Santa Catarina.

1.5.2.3 A Igreja Territorial da Prússia

A primeira união entre luteranos e reformados foi concretizada em Nassau em 11 de agosto de 1817. Na Prússia, Friedrich Wilhelm III declarou a união em 27 de setembro através de uma ordem de gabinete, que passou a vigorar no dia 31 de

¹⁴⁰ Geschaeftsordnung der Konferenz Evangelischer Pastoren zu Rio de Janeiro *Apud* WACHHOLZ, 2003b, p. 18.

¹⁴¹ WACHHOLZ, 2003b, p. 18.

outubro de 1817, data do jubileu de 300 anos da Reforma¹⁴². Enquanto que em Baden (1821) e Pfalz (1818) vigoravam através de decretos uniões também confessionais, nos outros territórios em geral a união era apenas institucional e organizacional, sendo as particularidades confessionais preservadas no nível comunitário¹⁴³.

Entretanto, essas uniões causaram, principalmente no protestantismo prussiano, uma forte oposição luterana. Sob a influência do romantismo, Movimento de Reavivamento, Restauração e pré-conservadorismo, teólogos neoluteranos ofereceram um forte contraponto às tendências liberais e ao "espírito do tempo" (*Zeitgeist*)¹⁴⁴. Segundo os luteranos, a Igreja da União (Igr. Evang. da Prússia) não era mais idêntica à igreja luterana da Prússia no que diz respeito à confissão, ordem do culto e regimento eclesiástico. O movimento, em princípio, não se entendeu como separatista¹⁴⁵, mas não estava disposto a aceitar a comunhão de mesa com reformados e tampouco a agenda da Igreja da União (Igreja Territorial da Prússia ou simplesmente Igr.[eja] Evang.[élica] da Prússia)¹⁴⁶. Os anos de 1830 a 1840 foram marcados pela perseguição aos luteranos e somente com a morte de Frederico Guilherme III e a posse de Frederico Guilherme IV é que houve um gradual reconhecimento dos luteranos e de suas comunidades no território prussiano¹⁴⁷.

O Sín. Evang. Lut., como abordaremos mais adiante, será o representante da tendência luterana conservadora. Já a Assoc. Evang. de Comunidades será constituída dos pastores que tiveram a sua formação teológica no âmbito da Igreja Unida, principalmente prussiana. Uma das instâncias que mais intermediou a vinda

¹⁴² GOETERS, 1992, p. 31. O otimismo patriótico ocasionado pelo sucesso das guerras de libertação e a reforma prussiana foram elementos importantíssimos para o sentimento de unidade e pertença que desencadearam as uniões entre as igrejas. – STIEWE, 2002, p. 324;326.

¹⁴³ NÜSSEL, 1998[?], p. 750.

¹⁴⁴ GRAF, Friedrich Wilhelm. Konfessionalismus. In: BETZ, Hans Dieter, BROWNING, Don S., JANOWSKI, Bernd, et. all. (Hrsg.) **Religion in Geschichte und Gegenwart**. 4.Aufl. s.l.: Mohr Siebeck, 1998[?]. Bd.4. p. 1548-1549. p. 1548s.

¹⁴⁵ NIXDORF, Wolfgang. Die lutherische Separation. Union und Bekenntnis (1834). In: GOETERS, J. F. Gerhard, MAU, Rudolf (Hrsg.). **Die Geschichte der Evangelischen Kirche der Union**. Leipzig: EVA, 1992. Bd.1. p. 220-240. p. 221.

¹⁴⁶ A posição dos luteranos foi expressa em correspondência enviada ao rei na qual rejeitam a nova ordem. – NIXDORF, 1992, p. 225.

¹⁴⁷ NIXDORF, 1992, p. 239s.

de pastores para o Brasil e que pertencia à Igr. Evang. da Prússia foi o Cons. Sup. Ecles. Evang. de Berlim.

1.5.2.4 Conselho Superior Eclesiástico Evangélico

O início dos trabalhos do Cons. Sup. Ecles. Evang.¹⁴⁸ está estreitamente relacionado com a reestruturação territorial e eclesiástica ocorrida na Europa em 1850. Uma ordem real de 31 de julho de 1852 transferiu a administração das três comunidades no exterior (Jassy, Buenos Aires e Rio de Janeiro) para o Cons. Sup. Ecl. Evang., sendo que antes ela estava sob os cuidados do Consistório de Berlim, que por sua vez estava sob o patronado do rei. Segundo Besier, muitas comunidades buscaram o auxílio da Igr. Evang. da Prússia, em primeiro lugar, devido ao seu tamanho, tendo dessa forma capacidade de oferecer melhores auxílios financeiros para a manutenção de pastores na diáspora; e, em segundo lugar, pelo seu caráter confessional unido, ela estaria melhor preparada para atender à diáspora formada por pessoas de confissões distintas¹⁴⁹.

Havia um grande desejo de que as comunidades no Brasil estivessem mais ligadas entre si e também com a cristandade evangélica da Alemanha¹⁵⁰. Por esse motivo, assumindo uma sugestão do Sín. Riogr., o Cons. Sup. Ecles. Evang. em Berlim nomeou um Representante Permanente para o Brasil, com sede em Porto Alegre, que recebeu o título de prepósito. Foram representantes permanentes: Martin Braunschweig (1911 a 1919), Erwin Hübbe (1925 a 1928)¹⁵¹, Paul Kaetzke

¹⁴⁸ Evangelischen Oberkirchenrats (EOK). A história do Cons. Sup. Ecles. Evang. é abordada em BESIER, Gerhard. Die Auslandsarbeit des Evangelischen Oberkirchenrats, In: ROGGE, Joachim, RUHBACH, Gerhard (Hrsg.). **Die Geschichte der Evangelischen Kirche der Union**. Leipzig: Evang. Verl.-Anst., 1994. Bd. 2. p. 457-480. p. 457-480.

¹⁴⁹ BESIER, 1994, 460s.

¹⁵⁰ BESIER, 1994, p. 473.

¹⁵¹ O P. Erwin Hübbe foi enviado em 1906 para Rio Grande pela Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América como candidato ao ministério da pregação. Essa sociedade tinha propósitos claros de preservação do germanismo nas colônias alemãs. – PRIEN, 2001, p. 349s. Ele sempre manteve íntimas relações com o trabalho da Sociedade para o Germanismo no Exterior (p. 369). Esta sociedade foi fundada em 1881 e, em 1933, "foi transformada em instrumento da atividade nacional-socialista no exterior, mas já servia anteriormente à difusão da ideologia do germanismo." (p. 351) Essa relação do prepósito Hübbe com a Sociedade para o Germanismo no Exterior ajuda a compreender o porquê de suas preocupações por possíveis influências da Igreja Confessante Alemã nas comunidades e sínodos no Brasil (cf. p. 206). Essas questões serão abordadas mais detalhadamente no segundo e terceiro capítulos dessa pesquisa.

(1929), Gottlieb Funcke (1929 a 1936)¹⁵². Os relatórios dos prepositos também facilitaram e agilizaram decisões e resoluções do Cons. Sup. Ecles. referentes às comunidades¹⁵³.

Segundo Martin Dreher, o Cons. Sup. Ecles. Evang. sempre se manteve fiel ao princípio de não se deixar guiar por interesses políticos no trabalho que desenvolvia no Brasil, mesmo que as suas decisões estivessem limitadas pela política externa do Estado prussiano¹⁵⁴.

Ao mesmo tempo, no entanto, está claro que o Cons. Sup. Ecles. Evang. sempre teve interesse na preservação da germanidade, que se expressava no uso da língua alemã. Isso foi externado pelo Conselheiro do Estado, D. Rahlwes, numa alocução em 1929, na qual declara, em resposta à pergunta pela possibilidade de uma atividade bilíngüe no Brasil: "A Igreja da nossa pátria só tem um compromisso naquelas bandas [no Brasil] enquanto se falar a língua alemã nos templos. Caso começarmos a falar português ou espanhol, não mais seremos aqueles que fomos. O espírito e a língua estão ligados."¹⁵⁵ A mesma idéia foi expressa em 1934, quando consentiu que a língua portuguesa poderia ser usada no Sínodo Brasil Central somente quando "for inevitável", recomendando, outrossim, que "o cultivo da germanidade (continua a ser) uma necessidade inadiável."¹⁵⁶

¹⁵² No caso do P. Gottlieb Funcke, o pensamento germanista até revelou traços étnico-racistas já antes do Terceiro *Reich*. Num juízo sobre os colonos em 23 de maio de 1932, diz tratarem-se de uma "classe de trabalhadores rurais semi-escravos", pessoas "culturalmente pobres" e que "no sangue da maioria, não correm as qualidades mais valiosas do 'germanismo' autêntico." – PRIEN, 2001, p. 370. Segundo Prien, Funcke chega às raias da heresia em 1936, ao afirmar que a rocha que sustenta a Igreja evangélica é o germanismo (cf. p. 376s.).

¹⁵³ DREHER, 1984, p. 219s.

¹⁵⁴ Dreher sustenta essa tese com o fato de o Cons. Sup. Ecles. Evang. ter arquivado duas cartas que solicitavam um maior zelo pela preservação da germanidade nas comunidades no Brasil. Uma dessas cartas foi enviada pelo Ministério das Relações Exteriores ao Cons. Sup. Ecles. Evang., em 1892, atendendo ao pedido do cônsul alemão no Brasil, que não queria a criação de um seminário de professores e pregadores em São Leopoldo. A outra carta foi enviada pelo cônsul alemão de Porto Alegre diretamente ao Cons. Sup. Ecles. Evang. em 1921, manifestando-se totalmente contrário a que a nascente Igreja teuto-evangélica no Brasil se tornasse completamente brasileira em questões políticas. – DREHER, 1984, p. 224ss. Além disso, em 1923, o conselheiro do Estado, D. Rahlwes, relatou a respeito de sua visita em Santa Catarina que, da parte do Cons. Sup. Ecles. Evang., rejeita-se completamente fixar os seus pastores e comunidades em quaisquer pensamento político. E tampouco se teria a intenção de interpor-se entre os teuto-brasileiros e sua nova pátria. – PRIEN, 2001, p. 368.

¹⁵⁵ Rahlwes *Apud* DREHER, 1984, p. 228.

¹⁵⁶ DREHER, 1984, p. 228.

1.5.2.5 Federação Eclesiástica Evangélica Alemã

A Federação Eclesiástica Evangélica Alemã (Fed. Ecles. Evang.) foi fundada em 1922. Em carta de 1º de junho de 1925, o Cons. Sup. Ecles. Evang. solicita às comunidades brasileiras que se filiem à Fed. Ecles. Evang. Alemã, pois lá encontrariam a mesma assistência que até agora tinham recebido da Igr. Evang. da Prússia¹⁵⁷.

A posição da Fed. Ecles. Evang. Alemã não foi diferente da posição assumida pelo Cons. Sup. Ecles. Evang., pois o presidente de ambas era a mesma pessoa. Os memorandos da Fed. Ecles. geralmente dirigiam-se aos "alemães do Reino" ou a "compatriotas"¹⁵⁸.

Além disso, na fundamentação da lei da Fed. Ecles. Evang. Alemã, concernente à filiação de comunidades no exterior, que foi apresentada no Dia da Igreja, em Bethel, em 1924, e que deveria ser imediatamente proclamada "por razões eclesiais e nacionais", consta que o caráter teuto de uma comunidade reside no fato de a língua materna de seus membros ser o alemão e que os cultos e os ofícios deveriam ser realizados em língua alemã¹⁵⁹.

Nesse sentido, no acordo referente à filiação do Sín. Evang. Lut. à Fed. Ecles. Evang. Alemã, dois pontos são dignos de nota:

1. O idioma eclesial do Sínodo Evangélico Luterano é o alemão. Ele deve ser energeticamente cultivado, preservado e fomentado na pregação da palavra, no ensino eclesial e na cura d'almas.
2. O uso da língua portuguesa, em ofícios eclesiais, que deve ser limitado a casos especiais, será regulamentado por instruções em separado¹⁶⁰.

No Dia da Igreja de 1930, em Nürnberg, o presidente da Fed. Ecles. Evang. Alemã exortou aos pastores que fossem em primeiro lugar, e acima de tudo, portadores da pregação, mas também "exigiu deles que fossem, no exterior,

¹⁵⁷ DREHER, 1984, p. 220; WACHHOLZ, 2003a, p. 117, n.r. 345. Anterior à Fed. Ecles. Evang. Alemã é a Junta de Igrejas, que foi, de 1903 a 1922, um dos órgãos da Conferência Evangélica Alemã de Igrejas (Conferência de Eisenach). De 1922 a 1933 passou a ser – um tanto modificada – um dos órgãos da Fed. Ecles. Evang. Alemã. – DREHER, 1984, p. 228.

¹⁵⁸ DREHER, 1984, p. 228.

¹⁵⁹ DREHER, 1984, p. 229.

¹⁶⁰ DREHER, 1984, p. 200s.

representantes do protestantismo alemão e da germanidade."¹⁶¹ Paradoxalmente, em suas cartas aos pastores no exterior, conclama-os para que evitem qualquer politização da comunidade e, principalmente, que deveriam evitar qualquer publicação de manifestações políticas¹⁶².

1.5.2.6 Departamento do Exterior da Igreja Evangélica Alemã

Em julho de 1933, a Fed. Ecles. Evang. integrou-se na fortemente centralizada Igreja Evangélica Alemã (Igr. Evang. Alemã). Os sínodos que estavam ligados à Fed. Ecles. Evang. passam a ser subordinados ao Departamento do Exterior (Depart. do Exter.), que é criado em 1934. A partir de 1936, quando todos os sínodos estavam ligados ao Depart. do Exter., também é criado o cargo de representante permanente para os três sínodos "unidos", prepósito Martin Marczyński, sediado em Buenos Aires; e o de representante permanente para o Sín. Evang. Lut., prepósito Ferdinand Schlünzen, que também era presidente do Sín. Evang. Lut.¹⁶³.

O Depart. do Exter. orientou-se pelos mesmos princípios adotados pelo Cons. Sup. Ecles. Evang. e pela Fed. Ecles. Evang., havendo apenas uma intensificação na busca de comprometimento com a causa da preservação da germanidade nas comunidades do exterior. Um dos objetivos do Depart. do Exter. era "alcançar a coordenação e a cooperação do protestantismo alemão mundial."¹⁶⁴

¹⁶¹ DREHER, 1984, p. 229.

¹⁶² O presidente da Fed. Ecles. Evang., D. Dr. Hermann Kapler, também enviou uma carta aos pastores no exterior, em abril de 1933, solicitando que na segunda-feira de Páscoa incluíssem na oração de intercessão o Chanceler do Reino, Adolf Hitler. A carta foi acompanhada de um esboço para a oração. – DREHER, 1984, p. 230.

¹⁶³ DREHER, 1984, p. 221s.; WACHHOLZ, 2003a, p. 117, n.r. 345.

¹⁶⁴ DREHER, 1984, p. 231. As palavras são do diretor do Depart. do Exter., Theodor Heckel, que esteve no cargo de 1935 a 1945, com o título de "bispo". Mas uma série de cartas de Heckel, segundo Dreher, mostram que ele logo foi além de questões meramente eclesiais. Quando faleceu o presidente do Reino, von Hindenburg, exigiu de pastores brasileiros que celebrassem cultos de pesar. Também comprometeu os pastores para que lembrassem do aniversário do "Führer" nas pregações e na oração final. Além disso, ordenou que os principais feriados alemães fossem observados nas comunidades com a celebração de cultos e a realização de dias festivos. Tudo isso deveria ser feito em comum acordo com as representações do Reino Alemão, do NSDAP [*National-Sozialistisch Deutsche Arbeits Partei* – Partido Trabalhista Nacional-Socialista Alemão] e das demais organizações alemãs locais (cf. p. 231s.). O bispo Theodor Heckel é claramente um defensor dos ideais nacional-socialistas também no Brasil. Em suas cartas dirigidas às comunidades alemãs no exterior, sempre se dirige à "Igreja" e ao "povo". Em uma delas, datada de 14 de dezembro de 1936, conclama homens e mulheres para que fiquem firmes na fé dos pais, na fidelidade à Igreja, na qual o Evangelho sempre é anunciado de maneira nova, e em disponibilidade de serviço e fidelidade ao

Ao assumir a responsabilidade pelas comunidades brasileiras e seus Sínodos, a Igr. Evang. Alemã não só assumira o compromisso e o cuidado pela pregação do Evangelho. As autoridades eclesiásticas alemãs viram nesse fato a oportunidade e o compromisso de influenciar ideologicamente essa Igreja no exterior¹⁶⁵.

A carta do Depart. do Exter. entregue ao P. Hermann Waidner (Rio Serro – Sín. Evang. Lut.) antes do seu envio em 1934 é elucidativa, pois termina com as seguintes palavras:

O Senhor o acompanhe com Sua graça e o fortaleça com Seu Espírito para trabalhar entre os *compatriotas* e *companheiros na fé*, na distância, com zelo incansável no ministério e em *fidelidade inalterada à pátria alemã* e para produzir ricos frutos para a renovação e fortalecimento da vitalidade étnica, para o estabelecimento e fortalecimento da Igreja Luterana Alemã no Brasil, para a vitória do Evangelho. Deus, o Senhor, é sol e escudo!¹⁶⁶

O Depart. do Exter. da Igr. Evang. Alemã, entretanto, não conseguiu traçar um plano de ação de longo prazo para as comunidades no exterior, pois, em 1939, irrompia a Segunda Guerra Mundial, impossibilitando a continuidade dos trabalhos. Contudo, segundo Dreher, as atividades do diretor do Depart. do Exter., bispo Theodor Heckel, foram fundamentais e prepararam a união dos quatro sínodos. Ele motivou a realização de duas "Conferências de líderes eclesiásticos", em 1935, em Santos; e, em 1938, em Buenos Aires, nas quais foram apresentadas palestras de ordem teológica e prática e abordadas questões que dizem respeito a todos os

"nosso povo". Também pede por intercessões pelas comunidades e pela Igreja, povo e *Führer*. – D. HECKEL, Theodor. Grusswort des Herrn Bischof D. Heckel an die deutschen evangelischen Gemeinden im Ausland. Berlin-Charlottenburg, den 14. Dezember 1936. **Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt**, Joinville, 1. Feb. 1937. p. 12. Numa outra carta, também dirigida às comunidades alemãs no exterior, por ocasião do Ano Novo de 1938, o bispo Heckel está convencido de que a missão de propagar o Evangelho foi confiada ao povo alemão. – HECKEL, D. Theodor. Grusswort des Herrn Bischof D. Heckel. **Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt**, Joinville, 1. Jan. 1938. p. 2.

¹⁶⁵ DREHER, 1984, p. 224. Nesse sentido, não é estranha a disposição de Theodor Heckel de tomar medidas punitivas contra pastores, principalmente no Sínodo Riograndense, que simpatizavam com a Igreja Confessante (cf. p. 224).

¹⁶⁶ DREHER, 1984, p. 205.

sínodos¹⁶⁷. Mas a questão central nesses dois encontros foi, sem dúvida, a preservação da germanidade¹⁶⁸.

A seguir, ocupar-nos-emos com a tradição luterana, procurando perceber qual o desenvolvimento que ocorre nesse contexto.

1.5.3 A tradição Luterana e as Associações Caixa de Deus

As associações luteranas da Caixa de Deus surgiram motivadas pelo Movimento de Reavivamento no meio luterano e, de forma mais clara do que a Obra Gustavo Adolfo, viram no clamor da diáspora o seu elemento motivador.

Em princípio, as associações luteranas da Caixa de Deus formaram pequenos grupos de comunhão sem uma organização institucional muito rígida, mas fortemente firmadas nos princípios luteranos. O motivo que levou à preocupação desse movimento com a diáspora é, segundo Schellenberg, um pedido de ajuda proveniente da América do Norte datado de 1838. À fundação da "Caixa de Deus" propriamente dita chegou-se em 31 de outubro de 1853, quando o P. Ludwig Adolf Petri (1803-1873) publicou num periódico luterano de Hannover um pedido para que se formasse uma "Caixa de Deus" em prol "dos membros oprimidos da Igreja Luterana". Todas as doações seriam bem-vindas, com a condição de que os abaixo-assinados negassem os princípios eclesiais da Obra Gustavo Adolfo. O pano de fundo de tal condição é o fato de que com o princípio de associação reinante na época o conceito de igreja havia sido colocado em segundo plano. Esse clamor da diáspora também teria sido a inspiração para que Wilhelm Löhe iniciasse o seu trabalho em Neuendettelsau¹⁶⁹.

No que diz respeito às questões confessionais e étnicas, nas "Instruções Ministeriais" dadas ao P. Otto Kuhr por ocasião do seu envio consta que ele era enviado aos "nossos companheiros na fé". E já na Conferência de Delegados em 1892, na qual foram prestados esclarecimentos sobre a situação dos luteranos no

¹⁶⁷ Além disso, ele conquistou a confiança dos pastores no Brasil com cartas, nas quais abordava temas teológicos, questões que diziam respeito à prática comunitária e fazia reflexões para a edificação dos pastores – DREHER, 1984, p. 223.

¹⁶⁸ "A finalidade dessas conferências era 'a formação mútua e o aconselhamento acerca das tarefas eclesiásticas fundamentais, e acerca de um trabalho condizente com o grupo étnico.'" – DREHER, 1984, p. 233.

¹⁶⁹ SCHELLENBERG, 1981, p. 720s.

Brasil, "não se falou apenas dos luteranos teutos, mas também dos luteranos da Suécia, da Boêmia, da Hungria e da Holanda que haviam emigrado ao Brasil e tinham que ser atendidos."¹⁷⁰ Além disso, quando a Junta Evangélica Alemã publicou, em 1905, o seu "Memorando a respeito do atendimento eclesiástico da diáspora no exterior", as Caixas de Deus rejeitaram-no, fundamentando sua rejeição com o fato de 'que o memorando limita o conceito da diáspora no exterior aos alemães do Reino evangélicos ou a compatriotas, acentuando, pois, mais o aspecto nacional do que o religioso'.¹⁷¹

1.5.3.1 Wilhelm Löhe e o seminário de Neuendettelsau

Wilhelm Löhe é o fundador do Seminário de Neuendettelsau e o seu pensamento marcou este seminário por muito tempo. Esse trabalho foi iniciado em 1841, quando Löhe começou a preparar dois jovens professores para o trabalho na diáspora¹⁷². Para *Lutherische Kirche in Brasilien*, não se pode falar dessa casa de formação sem lembrar de Wilhelm Löhe¹⁷³.

Segundo Hägglund, Löhe é representante do "neoluteranismo", que se assemelhava à Teologia da Restauração, mas em geral é considerado um movimento independente. Os neoluteranos eram fortemente confessionais e se opunham à interpretação subjetiva da religião; buscava-se por um fundamento objetivo para o cristianismo, que não foi encontrado na Palavra e na fé, mas na igreja, considerada a "instituição" através da qual eram outorgados os dons da salvação. Nesse sentido, igreja e Estado eram instituições divinas às quais os indivíduos tinham a obrigação de se sujeitar. "Os sacramentos receberam ênfase especial como o fundamento objetivo da igreja, em parte às custas da doutrina da Palavra e da fé."¹⁷⁴ Buscava-se, com isso, a recuperação de uma doutrina luterana original e não simplesmente um retorno à ortodoxia. Os neoluteranos também se colocavam em forte oposição à tradição reformada. Além disso, eles enfatizavam a união da igreja invisível com a igreja visível (a verdadeira comunhão dos crentes e a

¹⁷⁰ DREHER, 1984, p. 178.

¹⁷¹ DREHER, 1984, p. 181.

¹⁷² SCHELLENBERG, 1981, p. 720.

¹⁷³ LUTHERISCHE KIRCHE IN BRASILIEN, 1955, p. 17.

¹⁷⁴ HÄGGLUND, 2003, p. 317.

instituição objetiva) e, com isso, criticavam as correntes pietistas que separavam as duas¹⁷⁵.

Entretanto, num escrito de Löhe de 1845, transparecem fortes tendências etnocêntricas:

Vós sois alemães! Levastes uma língua bela para além do oceano (...) Preservai o que tendes, não troqueis vossa língua por outra (...) Queremos colocar isso com letras maiúsculas diante dos vossos olhos. Com vossa língua, perdereis: vossa história, e com isso a compreensão correta da verdadeira Igreja de Deus (...) ¹⁷⁶.

A influência de Wilhelm Löhe sobre os pastores do Sín. Evang. Lut. também se comprova pelo fato de vários artigos no jornal sinodal *Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt* se referirem às obras de Löhe. Nesse sentido, será preciso analisar durante o segundo capítulo dessa pesquisa em que medida o pensamento etnicista do século XIX, presente nos textos de Wilhelm Löhe, influenciou ou predisps os pastores do Sín. Evang. Lut. ao etnicismo nacional-socialista a partir de 1933.

1.5.3.2 Caixa de Deus Luterana da Baviera

Os pastores que atuavam no Sín. Evang. Lut. eram provenientes em sua maioria do seminário para a diáspora de Neuendettelsau e somente alguns provinham de Hermannsburg ou Kropp e trouxeram em sua bagagem a tradição teológica e filosófica que ali predominava. Entretanto, segundo *Lutherische Kirche in Brasilien*, "o objetivo traçado pelas diferentes casas era o mesmo: clara postura confessional [luterana!] e serviço entre os companheiros na fé no Brasil não somente para alguns anos. Era exigida a dedicação integral dos homens."¹⁷⁷

Conforme *Lutherische Kirche in Brasilien*, o objetivo da Caixa de Deus Luterana se diferenciava dos propósitos da Obra Gustavo Adolfo no sentido de que não se dispunha apenas em oferecer auxílio a igrejas luteranas no exterior, mas em colaborar para que novas igrejas pudessem ser formadas a partir de "companheiros na fé". A Caixa de Deus Luterana adotou uma eficiente prática de envio para a formação de campos de trabalho e novas comunidades. Não se esperava pela

¹⁷⁵ HÄGGLUND, 2003, p. 317.

¹⁷⁶ Wilhelm Löhe *Apud* PRIEN, 2001, p. 352.

¹⁷⁷ "Die Zielsetzung der verschiedenen Häuser war dieselbe: Klare bekenntnismässige Haltung und Dienst unter den Glaubensgenossen in Brasilien nicht nur für einige Jahre. Es wurde der ganze Einsatz der Männer gefordert." – LUTHERISCHE KIRCHE IN BRASILIEN, 1955, p. 12.

solicitação de uma comunidade para o envio de um obreiro, mas enviava-se alguém para um determinado lugar a fim de iniciar um trabalho. Em seguida, enviava-se mais um obreiro para que assumisse o trabalho já iniciado e o obreiro mais experiente seguia em busca de novos campos de atuação. Assim, o P. Otto Kuhr, que chegou ao Brasil no final de 1897 e assumiu inicialmente a comunidade de Estrada da Ilha, no ano seguinte, já se encontraria em viagem pelo Paraná, deixando que as primeiras comunidades fossem assumidas pelos pastores recém chegados Fritz Bühler¹⁷⁸, Karl Bergold¹⁷⁹ e Johann K. Roesel¹⁸⁰.

Para a Caixa de Deus Luterana da Baviera a confissão/confessionalidade era tida no mais alto apreço. Isso se evidencia, por exemplo, nas palavras da diretoria da instituição de 27 de dezembro de 1905, dirigidas ao Sín. Evang. Lut. cumprimentando pela sua fundação:

O sínodo posicionou-se convictamente adepto do fundamento confessional da nossa Igreja Evangélica Luterana em sua constituição. – Por isso, nós saudamos com muita satisfação a fundação do sínodo em virtude da unidade reinante entre ele e nós em fé e confissão. Poderá vir a acontecer que o sínodo venha a experimentar inúmeras dificuldades e **lutas/guerras** em virtude desse seu posicionamento confessional. Sendo que as tendências atuais de enfatizar a confissão do meio evangélico não são baratas. Ama-se mais a obscura nebulosidade do que a clara decisão. Mas como não se trata de teimosia humana, e sim unicamente a fidelidade à Palavra de Deus, a qual o posicionamento do sínodo prescreve, assim ele deixe vir confiante, o que venha a acontecer. – Os nossos melhores votos de bênção acompanhem o sínodo nos seus caminhos futuros... (grifo nosso)¹⁸¹

¹⁷⁸ Johann Friedrich (Fritz) Bühler nasceu em 7 de janeiro de 1866 em Schiltach em Baden. Em 1892 iniciou os estudos teológicos em Hermannsburg, vindo a concluí-los em 1898. Em 24 de abril de 1898 foi ordenado e enviado ao Brasil, assumindo a comunidade de Joinville em 17 de julho de 1898, na qual permaneceu até 11 de janeiro de 1926, dia de sua morte. - ROSER, Hans; KELLER, Rudolf. **Ich bin bereit**. Erlangen: Martin-Luther-Verlag, 1997. p. 358.

¹⁷⁹ Karl Bergold nasceu em 26 de março de 1870 em Matzmannsdorf e fez os seus estudos teológicos em Neuendettelsau entre 1894 e 1898, sendo ordenado e enviado ao Brasil ainda no mesmo ano. - ROSER, KELLER, 1997, p. 357.

¹⁸⁰ O P. Johann Konrand Roesel nasceu em 10 de agosto de 1872 em Unterkrumbach (Hersbruck) e estudou em Neuendettelsau de meados de 1894 até a páscoa de 1898. Foi ordenado e enviado ao Brasil em agosto de 1898, assumindo inicialmente a comunidade de Brüdertal (Guaramirim/SC). Em 1901, casou-se com Christine Saur em Nürnberg e, em 16 de fevereiro de 1902, assumiu a comunidade de Itoupava (hoje Itoupava Central – Blumenau/SC). O P. Roesel morreu misteriosa e tragicamente em 8 de janeiro de 1916, quando andava a cavalo para o atendimento de suas comunidades. – ROSER, KELLER, 1997, p. 22.

¹⁸¹ *"Die Synode hat sich in ihrer Konstitution mit aller Entscheidenheit auf den Grund des Bekenntnisses unserer evang.-lutherischen Kirche gestellt. – Wir begrüßen deshalb die Gründung der Synode wegen der zwischen ihr und uns herrschenden Einigkeit im Glauben und Bekenntnis mit innerer Genugtuung. Es mag allerdings geschehen, dass die Synode um dieser ihrer konfessionellen*

1.6 Confessionalidade e comunidades após a sinodalização

Até aqui seguimos os passos das primeiras organizações comunitárias, os marcos desse processo de institucionalização, a centralização em instituições que transcendiam a comunidade local e estavam marcadas pela atuação de lideranças que não eram provenientes das fileiras comunitárias. Como já foi dito em outro momento, o foco das atenções foi sendo deslocado da comunidade para o sínodo ou associação de comunidades e, posteriormente, para a igreja nacional e a sua inserção no contexto mundial. Isso pelo menos é o que a historiografia oficial reflete.

Assim, uma tarefa da qual não é possível desviar e que pelo menos merece algumas considerações é de como todo esse processo que culminou na formação da IECLB em Santa Catarina se refletiu nas comunidades que constituíram o seu ponto de partida. Como se relacionaram nessa situação de institucionalização e centralização a micro e a macroestrutura eclesial?

Quando, em 30 de janeiro de 1910, se discutiu numa assembléia a possibilidade de adesão da Comunidade de Florianópolis à Assoc. Evang. de Comunidades, que viria a ser oficialmente constituída somente no ano seguinte, o principal temor que se manifestou foi o de que pudesse haver ônus para a comunidade e que, de qualquer forma, a autonomia deveria estar assegurada. Caso esses dois aspectos fossem observados, a assembléia seria favorável à filiação¹⁸².

Em agosto de 1910 ainda, os estatutos da Assoc. Evang. de Comunidades foram minuciosamente analisados pela direção da comunidade e, para que fosse viável a filiação formal da comunidade à associação, sugeriu-se a modificação dos parágrafos 4, sobre a autonomia, e 12, no qual se previa um pagamento de 2% da arrecadação comunitária para a caixa da Assoc. Evang. de Comunidades¹⁸³.

*Stellung willen manche Schwierigkeit und manchen **Kampf** zu erfahren bekommen wird. Denn die gegenwärtige Zeitströmung auf evangelischer Seite ist der Betonung des Bekenntnisses nicht günstig. Man liebt mehr die unklare Verschwommenheit als die klare Bestimmtheit. Aber da es nicht menschlicher Eigensinn, sondern allein die dem Worte Gottes schuldige Treue ist, welche der Synode ihre Stellung vorschreibt, so mag sie getrost kommen lassen, was da kommen mag. – Unsere besten Segenswünsche begleiten die Synode auf ihrem künftigen Wege...* (grifo nosso) – LUTHERISCHE KIRCHE IN BRASILIEN, 1955, p. 10.

¹⁸² KLUG, 1994, p. 157.

¹⁸³ KLUG, 1994, p. 158. Veja também DEUTSCHER EVANGELISCHEN GEMEINDEVERBAND VON SANTA CATARINA. **Zwei Vorträge über Die Sicherung des Gemeindevermögens.** [S.l.: s.n., s.d.]. (cópia de documento em posse do pesquisador)

A manifestação da comunidade de Florianópolis não foi uma exceção no que diz respeito à postura das comunidades em relação ao processo de sinodalização. Aliás, isso não ocorreu somente em Santa Catarina, o mesmo pode ser observado em outros estados da federação. As razões para isso estão ligadas ao espírito associativo que marcou a organização dessas comunidades, mas que, ao mesmo tempo, não ultrapassava os muros da comunidade local. Assim, antes de ser um processo que se deu a partir das comunidades e em atendimento aos seus anseios, a formação de sínodos foi, em muitos momentos, um empreendimento em oposição às comunidades.

Segundo o presidente da Assoc. Evang. de Comunidades, P. Scheerer, em 1933, não haveria a consciência de uma diferença confessional entre os membros das comunidades e as causas das separações estariam unicamente na questão financeira, sendo que o Sín. Evang. Lut. oferecia atendimento por valores inferiores aos praticados pela Assoc. Evang. de Comunidades¹⁸⁴. A esse respeito, no entanto, somente análises mais localizadas oferecerão subsídios para um aprofundamento e eventual confirmação ou rejeição da tese do P. Scheerer.

1.7 As relações confessionais intersinodais

A relação entre a Assoc. Evang. de Comunidades e o Sín. Evang. Lut. do ponto de vista confessional foi marcada por rivalidades. No Sín. Evang. Lut., o "Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt" [Boletim Evangélico Luterano para as Comunidades] foi um dos principais meios de comunicação através dos quais a confessionalidade do sínodo ganhou expressão. Além disso, foi o meio privilegiado de ataque à Conf. Past. e posteriormente à Assoc. Evang. de Comunidades, bem como aos pastores e missionários "não-luteranos". Conforme Krause, o *Gemeindeblatt* deveria emergir em oposição ao *Sonntagsblatt* da Conf. Past. ou segundo as palavras do P. Riegel: "Mesmo que nós não queiramos criar divergências, a trombeta precisa dar um tom claro."¹⁸⁵

Segundo Prien, o prepósito Hübbe teria constatado uma grande desconfiança por parte dos pastores do Sín. Evang. Lut., a qual teria sido atizada

184 PRIEN, 2001, p. 244.

185 "Wenn wir auch nicht **Streit** führen wollen, so muß doch die Posaune einen klaren Ton geben." (grifo nosso) – Riegel *Apud* KRAUSE, 1989, p. 104.

pelo incitamento do P. Frank (Sín. Evang. Lut./Curitiba)¹⁸⁶. Ao mesmo tempo, estaria satisfeito com a direção sinodal do P. Schlünzen, que "não atendeu o reiterado convite por parte de **certos círculos** da comunidade órfã de Hansa-Humboldt [Jaraguá do Sul] de integrá-la na Caixa de Deus [Sín. Evang. Lut.]" (grifo nosso)¹⁸⁷ Isso evidencia que as divergências entre a Assoc. Evang. de Comunidades e o Sín. Evang. Lut. não se reproduziam nos mesmos moldes em nível institucional sinodal e comunitário local. Além disso, fica evidente a existência de subgrupos nos respectivos sínodos e nas comunidades que os integram. Quem são os "certos círculos" de que fala Prien e os "partidos"¹⁸⁸ e as "comunidades de oposição"¹⁸⁹ mencionadas reiteradas vezes por Krause, sempre que ocorre um atrito comunitário? O que caracteriza esses grupos, quais os elementos que produzem essas divergências? Essas são questões ainda não respondidas na pesquisa e uma aproximação somente será possível com uma pesquisa em nível mais local, em arquivos das respectivas comunidades.

Relacionada às questões expostas acima está a pergunta que Wachholz faz sobre a relevância do elemento confessional. Segundo ele, "a problemática em torno da busca por uma definição confessional era de fato uma preocupação das comunidades ou era somente resultado de disputas teológicas entre os pastores?" e afirma em seguida que esta pergunta estaria longe de uma resposta satisfatória devido a carência de estudos que considerassem as diferenças existentes nas bases que viriam a constituir os sínodos e posteriormente a IECLB¹⁹⁰.

Em relação à Assoc. Evang. de Comunidades, nas edições do jornal "Der Christenbote" [Assoc. Evang. de Comunidades] da década de 1920, são publicados regularmente artigos sobre a vida de Lutero, a importância da Reforma Luterana para a Igreja¹⁹¹, pessoas que estiveram próximas ao reformador¹⁹², festas

¹⁸⁶ O P. Karl Frank nasceu em 23 de julho de 1886 em Hamburgo, fez os seus estudos teológicos em Neuendettelsau e foi enviado ao Brasil em 1908, passando a atuar na comunidade de Curitiba. Segundo ROSER; KELLER, 1997, p. 30s. marcante na vida de Karl Frank teria sido a espiritualidade de sua mãe, através da qual muito cedo "conheceu o seu Salvador".

¹⁸⁷ PRIEN, 2001, p. 243.

¹⁸⁸ KRAUSE, 1989, p. 82.

¹⁸⁹ KRAUSE, 1989, p. 78.

¹⁹⁰ WACHHOLZ, 2003b, p. 15.

¹⁹¹ Reformationsfest. **Der Christenbote**, Blumenau, n. 11, Ano 16, nov. 1923. p. 1.

relacionadas à Reforma Luterana¹⁹³, etc. Isso provavelmente não ocorre sem propósitos. Tendo-se em mente a presença dos pastores luteranos e a coesão interna de que dispunham devido a sua proveniência comum e a ênfase da confissão luterana, os pastores da Assoc. Evang. de Comunidades estavam em desvantagem. Assim, era preciso criar algo que possibilitasse uma identificação e a criação de um grau de coesão interna semelhante, equilibrando dessa forma as relações de poder entre os dois grupos e conseqüentemente diminuindo a capacidade de estigmatização do grupo adversário. O que se poderia perguntar nesse contexto é sobre qual seria o elemento de integração que se almeja alcançar com essas publicações. As referências a Lutero teriam a finalidade de uma uniformização confessional ou seriam elas alusões a símbolos da cultura alemã? A publicação tem propósitos confessionais ou étnicos? No segundo capítulo será abordada essa questão.

Evidentemente a temática das divergências confessionais da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut. não está esgotada com o que foi exposto até aqui, muito pelo contrário, apenas foi possível apontar para algumas possibilidades de ampliação em uma pesquisa futura. Entretanto, algumas considerações já podem ser feitas. Em primeiro lugar, como já apontamos através da abordagem em torno dos conceitos luterano, reformado e unido, na Assoc. Evang. de Comunidades e no Sín. Evang. Lut. se reproduziu o conflito luterano X unido que marcou profundamente a igreja européia, principalmente alemã, a partir do início do século XIX. Esse conflito se cristalizou na relação dos pastores integrantes das duas instituições no Brasil em diferentes graus, mas também a postura de oposição não pode ser tomada como regra, pois há mais exemplos de cooperação ou pelo menos de respeito em relação às fronteiras sinodais e ao diferente. À medida que o conflito luterano X unido "esfria" na Europa e, conseqüentemente, nos centros de formação das respectivas igrejas, o conflito tendeu a ser amenizado no Brasil, assumindo lentamente, através do envio de novos obreiros, um novo rosto no qual se enfatizava questões étnicas. Ou seja, os pastores enviados para o Brasil tenderam a reproduzir

¹⁹² Persönlichkeiten aus Luthers Leben. **Der Christenbote**, Blumenau, n. 10, Ano 15, out. 1922. p. 2-3.

¹⁹³ Lutherfeier in Wittenberg 4.-6. März 1922. **Der Christenbote**, Blumenau, n. 6, Ano 15, jun. 1922. p. 4.

conflitos e discursos nos quais haviam sido doutrinados nos seus respectivos centros de formação. Como exemplo disse, poderíamos citar os nomes de Karl Otto Kuhr e Ferdinand Schlünzen, sendo este sucessor daquele na presidência do Sín. Evang. Lut. Os perfis desses dois personagens ainda poderiam ser analisados mais detalhadamente, mas parece evidente que as posturas de ambos em teoria e prática são totalmente distintas.

Em segundo lugar, pode-se dizer que as divergências sinodais no que diz respeito à confessionalidade não deveriam ser consideradas em nível institucional como um todo, mas estão limitadas, em grande parte, a divergências entre alguns pastores das respectivas instituições, que encarnam de forma mais enfática aqueles elementos assumidos como constitutivos do grupo. Assim, quando se propôs o subtítulo "as relações confessionais intersinodais" para o último ponto deste capítulo, isto não foi feito com a intenção de abordar esse relacionamento e esgotar o assunto. Mas se pretendeu justamente mostrar ao longo da exposição que a personificação das duas entidades, segundo a qual se afirmaria que a "Assoc. Evang. de Comunidades era de caráter confessional unido" e o "Sín. Evang. Lut. era enfaticamente luterano", é de certa forma problemática. Ou seja, nesse aspecto é importante relativizar os conceitos "unido" e "luterano", retirando-lhes a carga de significados negativa imputada pelas respectivas instituições que diziam representá-los e, segundo o que apontamos acima a partir de Rocha, compreender "o 'outro' nos seus próprios valores e não nos nossos."¹⁹⁴ Nesse sentido, é preciso definir o que é "unido" do ponto de vista unido e não na ótica luterana. Da mesma forma, é preciso dizer o que é luterano a partir da dimensão luterana. Assim, a confessionalidade eventualmente seria mais um elemento de unidade do que de conflito e "guerra".

Em terceiro lugar, comunidades e pastores, que são representantes das instituições, geralmente "não falam a mesma língua". Assim, a história da formação de uma igreja de confissão luterana em Santa Catarina caracteriza-se pelo descompasso entre história institucional e história eclesial comunitária. Não se pretende com isso uma demonização da instituição e a exaltação da história das comunidades, trata-se antes de uma constatação sem que, necessariamente, se

¹⁹⁴ ROCHA, 2004, p. 20.

caia num juízo de valores. Pretende-se mostrar com isso que a pesquisa historiográfica sobre o assunto está marcada por uma grande lacuna, cuja superação somente se tornará palpável através de pesquisas *in loco*, ou seja, busca em arquivos de comunidades, entrevistas com pessoas idosas, sejam elas membros ou pastores de comunidades, etc.

Em quarto lugar, confessionalmente, o relacionamento da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut. foi marcado por uma relação de poder desigual. A ênfase na confessionalidade forneceu ao Sín. Evang. Lut. um maior grau de coesão interna, permitindo uma rápida expansão da área de abrangência desse sínodo e a elaboração de um discurso estigmatizante mais eficaz que tinha como alvo o grupo de oposição, a saber, a Assoc. Evang. de Comunidades. A Assoc. Evang. de Comunidades, devido a proveniência diversa dos seus pastores, não possuía um elemento que lhe fornecia o mesmo grau de coesão. Quando gradativamente a ênfase nesses dois sínodos recaiu sobre o etnicismo, essa diferença de poder foi amenizada, possibilitando uma retaliação por parte da Assoc. Evang. de Comunidades.

2 – GERMANISMO E BRASILIDADE

Durante a Primeira Guerra Mundial e mais acentuadamente a partir da década de 1930, uma nova questão assume o primeiro plano na história dos sínodos: a etnicidade. O termo “etnia” surgiu para definir a solidariedade de um grupo em particular, que é simultaneamente diferente da organização política em uma nação e daquela que é produzida pela semelhança antropológica da raça¹⁹⁵. Segundo Poutignat e Streiff-Fenart, em Weber, haveria três contribuições significativas para a caracterização dos grupos étnicos: 1) O grupo étnico seria uma construção social cuja existência é sempre problemática; 2) A construção da identidade étnica se dá a partir da diferença; 3) O conteúdo da comunidade étnica é a crença numa honra específica¹⁹⁶.

A problemática étnica nesse contexto tem um duplo desdobramento. Por um lado, diz respeito à cultura dos imigrantes e da sua preservação, a qual foi fortemente incentivada pelas instituições alemãs que atuavam entre os imigrantes e seus descendentes. Por outro lado, há no Brasil o desenvolvimento e a reflexão do que viria a constituir a brasilidade. Mesmo que não tenha havido nas comunidades ou mesmo em instituições mais abrangentes a intenção consciente de preservação da própria cultura, não foi possível ficarem completamente alheias à questão, sendo que esses grupos eram visados por dois Estados nacionais (alemão e brasileiro) que faziam uso do discurso étnico em busca de auto-afirmação, pois "a etnicidade é uma das formas de preencher os espaços vazios do nacionalismo."¹⁹⁷

Uma questão difícil de ser esclarecida quanto à imigração alemã é a "complicada sobreposição que se efetua em torno das concepções de nacionalidade

¹⁹⁵ POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 34.

¹⁹⁶ POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1998, p. 40.

¹⁹⁷ POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1998, p. 54. A tese apresentada, na verdade, é de HOBBSBAWM, Eric J. **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 274. Em POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1998, p. 38s., diz-se que, para Weber, a comunidade política também é o fator fundamental para a promoção da etnicidade, embora religião e língua possam representar um papel importante – WEBER, 1994, p. 274. A mesma tese aparece também em BANTON, 1979, p. 162.

e cidadania"¹⁹⁸ ou, em outras palavras, de não se conseguir separar ou ao menos distinguir etnia e nacionalismo nesse grupo. Essa confusão se evidencia mais claramente em afirmações segundo as quais seria possível ser de nacionalidade alemã e, ao mesmo tempo, possuir a cidadania brasileira. Exemplos disso podem ser encontrados com freqüência na imprensa teuto-brasileira da época:

Nós queremos ser e, por patriotismo, permaneceremos brasileiros, mas (somos) alemães em língua e sentimentos; com uma palavra: teuto-brasileiros¹⁹⁹.

Segundo Prien, após o início da Segunda Guerra Mundial em 1939, teria havido uma relativa amenização no programa de nacionalização do governo de Getúlio Vargas, o que provavelmente está ligado à declaração inicial de neutralidade do Brasil, pois tão logo é declarada guerra à Alemanha, os ataques a alemães e descendentes retornam com ênfase. Muitos pastores foram presos e, mesmo depois de libertados, não puderam retornar às atividades. As décadas de 1930 e 1940 são especialmente significativas para este estudo, pois neste período as divergências entre os diferentes grupos de imigrantes e sua relação com a sociedade na qual estão inseridos e simultaneamente excluídos são mais acentuadas. Ao que parece, a influência nas igrejas, escolas e imprensa teuto-brasileiras era buscada por três projetos políticos distintos: a) o projeto alemão sob o forte signo do nacional-socialismo de Adolf Hitler; b) o governo brasileiro de Getúlio Vargas e sua política de nacionalização; e c) o que muitas vezes talvez tem sido esquecido, é que a América do Norte também procura expandir as suas influências, o que se evidencia, por exemplo, na visita do secretário geral da ULCA (United Lutheran Church in America) aos sínodos brasileiros e na postura do Ministro do Exterior brasileiro Oswaldo Aranha, que era considerado a força motriz da política de adaptação aos EUA. Em outras palavras, há diferentes projetos políticos sendo difundidos no Brasil nas décadas de 1930 e 1940 que são mutuamente excludentes e todos, em maior ou menor grau, dirigem-se às comunidades de imigrantes²⁰⁰. Há efervescências nacionais nos diferentes contextos e, quando estas entram em contato, acabam surgindo reflexões que tentam conciliar as partes e também são geradas situações

¹⁹⁸ MEYER, 2000, p. 50.

¹⁹⁹ Deutsche Post *Apud* MEYER, 2000, p. 50.

²⁰⁰ PRIEN, 2001, p. 465.

de conflito. Essas ideologias nacionais, em maior ou menor grau, fizeram uso de reflexões em torno da etnicidade.

Segundo Poutignat e Streiff-Fenart, o nacionalismo seria um dos promotores da etnicidade e a necessidade de dois termos distintos residiria no fato de o nacionalismo ser um programa político e a etnicidade não seria um conceito político e não possuiria um conteúdo programático. O nacionalismo, nesse sentido, na busca por realizar o seu programa, procuraria identificar-se com a etnicidade, "já que ela permite que funde a nação em uma continuidade histórica e lhe forneça um sentido do 'nós', de uma identidade que lhe falta na exata medida em que ela é uma criação recente."²⁰¹

Assim, as mudanças nas conjunturas políticas dos Estados brasileiro e alemão irão favorecer ou até determinar as mudanças nos discursos de sínodos e comunidades. Até o final do século XIX os projetos políticos nos respectivos Estados suscitavam questões confessionais na forma de auto-organização comunitária e sinodal. Dessa forma, no Brasil, a mudança de ênfase política está primordialmente relacionada com a separação de igreja e Estado. Antes, tinha-se uma religião oficial, a católica romana, e confissões permitidas. Emblemático nesse sentido é o parágrafo quinto da constituição de 1824. A não pertença à religião do Estado implicava uma série de desvantagens como, por exemplo, o casamento não era reconhecido, não se poderia sepultar "a-católicos" nos cemitérios (que eram católicos!), não havia liberdade plena de expressão de fé, etc. Na Europa, as uniões entre diferentes confissões, impostas pelos Estados, igualmente determinaram a formação de grupos e a definição destes a partir de discursos confessionais. A adesão confessional era critério de pertença ou não aos respectivos grupos. O currículo dos centros de formação das igrejas obedecia a esses critérios. Com o envio de pastores e missionários para o Brasil, estes tenderam a reproduzir o discurso no qual haviam sido introduzidos.

Com a fundação do Reino Alemão sob Bismarck em 1871 e a Proclamação da República no Brasil em 1889, inicia a formulação de novos discursos nos recém-criados Estados nacionais. Como haviam sido criadas nações onde elas não

²⁰¹ POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 54.

existiam, elas precisaram ser produzidas²⁰². Além disso, os antigos grupos, criados pelos Estados anteriores, não deixam de existir repentinamente²⁰³. O antigo discurso continua a ser reproduzido pelos membros dos grupos e somente se renova com a doutrinação da nova geração. Assim, o discurso confessional não desaparece, mas continua a existir ao lado do novo discurso promovido pelos Estados nacionais, que se caracteriza pelo elemento étnico.

Em alguns momentos, como que num processo de transição gradativa, os discursos étnico e confessional se confundem ou, devido ao interesse de determinados grupos, se fundem e proporcionam o surgimento de um terceiro discurso. Novas identificações podem, a partir daí, promover o surgimento de novos grupos, conduzindo a uma gradativa complexificação da sociedade. A pretensão nesse capítulo é justamente abordar essa complexidade e de como ela é elaborada nos contextos da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut. que se encontram inseridos na nova sociedade em formação.

Abordar a questão da germanidade e da brasilidade e no papel que ambas exercem no processo de formação de uma igreja evangélica de confissão luterana em Santa Catarina carece de algumas delimitações e esclarecimentos preliminares, no que pode ajudar a distinção de "grupo étnico" e "comunidade étnica".

Diferenciar entre "grupo étnico" e "comunidade étnica" possibilita a distinção entre os ideólogos do sistema e as demais pessoas dos grupos de imigrantes e descendentes a partir dos quais surge a IECLB em Santa Catarina. Para Banton, os conceitos de "grupo étnico" e "comunidade étnica" devem ser distinguidos, tendo o primeiro a característica da autoconsciência de existência, enquanto o segundo conceito se caracteriza por "[...] mesmo tipo de vida comum, mas que não se encontra comprometido num processo de competição por recursos com outros grupos semelhantes."²⁰⁴ Para fins metodológicos, poder-se-ia caracterizar o grupo social que compartilha dos ideais da "germanidade" e os propaga como sendo um "grupo étnico", estando nessa categoria principalmente pastores e professores. Entretanto, não podemos presumir que todas as pessoas de origem germânica que

²⁰² BANTON, 1979, p. 159s.

²⁰³ WEBER, 1994, p. 270.

²⁰⁴ BANTON, 1979, p. 168.

viviam no Brasil, pensando especialmente nas décadas de 1930 e 1940, compartilhavam dessa convicção. Assim, esse grupo mais amplo de imigrantes e descendentes poderia ser chamado de “comunidade étnica”, que poderia ser identificada com a comunidade local. Mas igualmente não deveria apenas ser identificado com a comunidade religiosa, a comunidade étnica é mais ampla. Essas classificações naturalmente possuem as suas limitações. Nem todos os pastores foram assíduos defensores da germanidade e da mesma forma houve muitos membros nas comunidades que militaram nas frentes nacional-socialistas e eram membros do partido nazista.

A década de 1930 foi palco de grandes mudanças sócio-políticas na Alemanha e também no Brasil. Em 1930, no Brasil, Getúlio Vargas ascende ao poder e, na Alemanha, em 1933, o partido nacional-socialista de Adolf Hitler passa a ter o comando do país. Em ambos os casos a troca de poder levou à ditadura.

Em ambos os contextos, a Igreja precisou se adaptar à nova situação, embora de maneiras distintas. O desenvolvimento da Igreja na Alemanha e a situação política brasileira das décadas de 1930 e 1940 contribuíram significativamente para o surgimento de uma Igreja evangélica de confissão luterana nacional no Brasil.

2.1 A situação na Europa com a Ascensão de Hitler

A Primeira Guerra levou a sociedade europeia ao colapso e juntamente com ela ruiu também o otimismo antropológico e o otimismo da Teologia Liberal, que havia se desenvolvido desde Schleiermacher. A população alemã não foi capaz de reconhecer a parcela de culpa pela Primeira Guerra e reagiu emocionalmente diante da culpa que lhe era imposta através da humilhação de ter que reparar os males da guerra, o que estava previsto no Tratado de Versalhes. Aliado a isso, a propaganda antidemocrática em relação à jovem República de Weimar possibilitou o surgimento da ditadura hitlerista. A Constituição de Weimar (1919) previa que haveria uma separação de igreja e Estado, o que causou o protesto dos círculos protestantes conservadores. Na verdade, os pastores e teólogos estavam envolvidos por uma

ideologia que ligava trono e altar e não foram capazes de enxergar os perigos do crescente nacionalismo²⁰⁵.

Após o final da Primeira Guerra, começa a se desenvolver na Alemanha uma nova linha de pensamento, fortemente étnica, na qual o conceito de povo começa a ganhar cada vez mais relevância. Essa linha de pensamento também influenciou muitos jovens teólogos, também no Brasil. Essa valorização do conceito de povo acontece porque a família como campo de ação cristã parecia muito limitado, a sociedade cultural do século XIX foi destroçada pela guerra e o Estado havia se tornado duvidoso, de forma que, aparentemente restara somente o povo. Somado a isso, a tentativa de superação da necessidade vital do povo, a pergunta pela salvação, levou à formação de uma teologia política do nacionalismo étnico. Mais tardar a partir de 1927, “o tema ‘Deus e povo’ poderia ser apresentado como tema étnico no centro do protestantismo alemão.”²⁰⁶ Esse desenvolvimento culminou na tese teológico-eclesiástica da unidade histórica entre o verdadeiro germanismo e o cristianismo reformatório²⁰⁷.

2.2 *Brasilidade no Brasil a partir de 1930*

2.2.1 Nativismo e Semana da Arte Moderna

A troca de poder no Brasil em 1930 levou à ditadura, que foi interrompida por uma fase democrática de 1933 a 1937, mas ainda com Getúlio Vargas no poder. Podem-se observar, nessa época, duas tendências distintas de pensamento ideológico no contexto teuto-brasileiro, que logo entrariam em conflito. De um lado, uma maioria elevou a cultura luso-brasileira à norma e não toleraria mais por muito tempo a coexistência da cultura dos imigrantes. De outro lado, houve grupos teuto-brasileiros dispostos a preservarem a sua cultura no espírito nacional-socialista²⁰⁸. Referimo-nos aqui aos grupos étnicos, assim como os definimos acima, como grupos mais limitados dentro da comunidade étnica.

²⁰⁵ DREHER, 1999, p. 177s.

²⁰⁶ Scholder *Apud* PRIEN, 2001, p. 366. Exponentes dessa linha de pensamento étnico são Paul Althaus, Emanuel Hirsch e Wilhelm Stapel.

²⁰⁷ PRIEN, 2001, p. 351.

²⁰⁸ PRIEN, 2001, p. 271, 275s. É evidente que a posição e pensamentos dos teuto-brasileiros não é unânime. Houve pastores que claramente defenderam os ideais nacional-socialistas e outros que foram a favor de uma Igreja enraizada no contexto brasileiro. Também entre os imigrantes as opiniões divergiam, mas isso será discutido mais abaixo.

O espaço fundamental onde a cultura luso-brasileira ganhou expressão foi a "Semana da Arte Moderna", realizada em São Paulo em 1922, por ocasião do centenário da independência. O "modernismo" que se revelou nessa ocasião não evidenciou apenas o peso da "cultura do Brasil", mas também o "nativismo", que estava convicto de que as demais culturas deveriam ser absorvidas por aquela que tinha sido elevada à cultura padrão e normativa²⁰⁹.

Nesse espírito, cabe destacar o movimento renovador de jovens oficiais, denominado de "tenentismo", que se uniu a uma série de políticos descontentes e daria origem à revolução liderada por Getúlio Vargas em 1930. Os princípios que norteavam esse movimento eram "centralização, uniformização e militarização"²¹⁰.

Além disso, já foi chamada a atenção para a relevância do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova de 1932, principalmente para a questão da escola. Numa nova versão do presente texto, esse documento deverá ser referido e brevemente comentado.

2.2.2 Situação Política

Grandes mudanças no campo político começaram a ocorrer no Brasil a partir do final da década de 1920. Segundo Dreher, os anos entre 1930 e 1959 foram tempos de organização nacional²¹¹.

Em 1928, aconteceu uma reviravolta no Rio Grande do Sul. As forças políticas foram unificadas em torno de Getúlio Vargas, que foi eleito presidente do Estado. Com isso, ocorre a derrota do sistema de governo conservador, que até aquele momento havia dominado na unidade meridional da federação²¹².

O Brasil do final da década de 1920 também passava por uma grave crise econômica, pois Washington Luís (1926-1930) havia gasto o dinheiro do país com

²⁰⁹ PRIEN, 2001, p. 275s.

²¹⁰ PRIEN, 2001, p. 275s.

²¹¹ DREHER, Martin N. **A Igreja Latino Americana no Contexto Mundial**. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 192.

²¹² Mas essa não foi a primeira vez que forças revolucionárias tentaram chegar ao poder no Rio Grande do Sul. Em 1923, quando o positivista Borges de Medeiros, do Partido Republicano, se candidatou pela quinta vez consecutiva à presidência do Estado e ganhou as eleições, diversos levantes revolucionários aconteceram nos municípios limítrofes no norte do Estado. A situação só pôde ser controlada com a intervenção de forças federais. Mesmo assim, foi assegurado aos federalistas que uma reeleição em 1928 não seria mais possível. Esse sucesso fortaleceu o partido de libertação. – PRIEN, 2001, p. 278.

um amplo programa de construção de estradas. A tentativa de estabilizar a economia com base no ouro também não surtiu efeito devido à quebra da bolsa de Nova Iorque em 1929. Nas eleições, no entanto, foi eleito o paulista Júlio Prestes do partido conservador, com o apoio de Washington Luís, causando indignação em Minas Gerais e no Rio Grande do Sul²¹³.

Além disso, a crise econômica favorecia o clima de revolução, que efetivamente estourou em 3 de outubro de 1930. A resistência armada foi organizada pelo Secretário do Estado rio-grandense, Oswaldo Aranha, que encontrou apoio no povo do RS e também em partes do exército em outras unidades da federação. Em 24 de outubro, Washington Luís teve que entregar o poder e Júlio Prestes foi obrigado a ir para o exílio, ficando a liderança formalmente nas mãos de Getúlio Vargas²¹⁴.

Diversos alemães se alistaram no exército revolucionário, principalmente no RS, de modo que se passou a ver nos teuto-brasileiros uma parcela valiosa da nação. O P. Karl Gottschald (1908-1957 – Sín. Riogr.), por exemplo, tinha a esperança de que isso traria conseqüências benéficas para as escolas particulares de imigrantes na futura reforma do ensino, da qual os revolucionários já haviam falado anteriormente²¹⁵.

Os anos de 1930 a 1932 do governo provisório foram determinados "pela luta em torno da alternativa ditadura administrativa como estado permanente ou convocação de uma assembléia constituinte para reintroduzir uma política e administração do Estado com fundamentos democráticos."²¹⁶ Venceu a segunda e, em 1933, foram anunciadas eleições gerais para uma assembléia constituinte da República. Em 1934, foi proclamada a nova *Constituição Brasileira*²¹⁷.

A insatisfação da população, no entanto, continuava, mas Getúlio Vargas soube fortalecer a sua pessoa, utilizando-se de uma série de medidas. Soube jogar a esquerda contra a direita, enfraquecendo ambos os lados. Também os sindicatos foram transformados em organizações semi-estatais e em instrumentos para a

²¹³ PRIEN, 2001, p. 279.

²¹⁴ PRIEN, 2001, p. 278ss.

²¹⁵ PRIEN, 2001, p. 280.

²¹⁶ PRIEN, 2001, p. 281.

²¹⁷ PRIEN, 2001, p. 281.

manipulação da população. Além disso, procurou "minar a base do poder da casta da qual ele mesmo procedia."²¹⁸

Getúlio Vargas queria, na verdade, manter-se no poder a qualquer preço, mas sabia que uma reeleição em 1938 não seria mais constitucionalmente possível. Assim, em 1937, com base em documentos falsificados, foi declarado o estado de guerra. E, em 10 de novembro de 1937, foi dado o golpe de Estado. Os presidentes dos Estados, a câmara, o senado, as câmaras municipais e os magistrados foram destituídos, a Constituição de 1934 foi revogada e promulgada a constituição autoritária do Estado Novo. A partir de dezembro de 1937, também foram tomadas medidas contra a filial brasileira do Partido Trabalhista Nacional-Socialista Alemão (NSDAP)²¹⁹. A situação piorou em 1938 com a declaração do Estado Novo, pois agora a pregação e o ensino nas escolas deveriam ser realizados em português²²⁰.

A relação dos governos latino-americanos com o nacional-socialismo alemão foi distinta e, muitas vezes, ambígua. Segundo Dreher, "na América Latina, não podemos esquecer governos que extraditaram judeus com a complacência da Igreja. O nome de Olga Benário não pode ser esquecido."²²¹

Esse ponto evidentemente carece de maior aprofundamento. O processo de construção da identidade nacional vai além do resumo da história política. Entenda-se que se trata de uma aproximação ao tema.

2.2.3 A situação Eclesial

Após a separação de Igreja e Estado em 1890, a Igreja Católica Romana aproveitou a situação para se declarar a única Igreja nacional. Quando começaram a ser tomadas as medidas contra as culturas dos imigrantes, principalmente nos períodos das duas guerras, ela declarou que havia naturalizado a si mesma e que não haveria meio melhor de promover a nacionalização do que por ela mesma²²².

Nesse período, a sociedade se tornava cada vez mais complexa e, em meio a essa complexidade, a Igreja Católica também foi se diversificando, ocupando-se

²¹⁸ PRIEN, 2001, p. 283.

²¹⁹ PRIEN, 2001, p. 283.

²²⁰ PRIEN, 2001, p. 335s.

²²¹ DREHER, 1999, p. 182.

²²² "Por Deus e pela Pátria" – PRIEN, 2001, p. 276.

com operários, universitários, civis, militantes, agricultores, estudantes, analfabetos, etc. de modo que essa época se transformou no auge da Ação Católica²²³.

Conforme Dreher, as décadas que sucederam à crise econômica de 1929, com a quebra da Bolsa de Nova Iorque, foram de amadurecimento e estruturação do cristianismo na América Latina. Isso valeria "para todos, católicos e protestantes, indistintamente."²²⁴

O desdobramento com a nova situação social, política e religiosa no âmbito dos sínodos se deu em diferentes frentes, três das quais privilegiamos nesta abordagem: a reflexão contida nos jornais editados pelos sínodos, os reflexos desencadeados nas escolas teuto-brasileiras no âmbito sinodal e o confronto com a questão étnica nas comunidades eclesiais.

2.3 Manifestações germanistas nos jornais sinodais²²⁵

O trabalho com os jornais da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut. impõe uma questão metodológica muito importante: a pesquisa qualitativa com textos. Segundo Bauer, os "dados sociais [...] são construídos nos processos de comunicação", o que pode ocorrer de maneira formal ou informal. No caso dos jornais, trata-se de dados construídos formalmente. E, nesse sentido, precisa-se atentar para o fato de que muitas vezes os comunicadores dizem representar um grupo social que, na realidade, não representam. Assim, "o cientista social deve reconhecer essas falsas pretensões de representação." Dessa forma, o que ocorre com o jornal é que ele não comunica uma realidade, mas é um indicativo de uma visão de mundo. Ou seja, na medida em que nos ocupamos com os jornais, mas isso também vale para outros textos, lidamos com interpretações das realidades sociais²²⁶.

Iniciaremos a abordagem pelo jornal "Der Christenbote" da Assoc. Evang. de Comunidades.

²²³ DREHER, 1999, p. 210s.

²²⁴ DREHER, 1999, p. 191.

²²⁵ Para um trabalho de análise mais criterioso nesse ponto, ainda falta buscarmos um instrumental teórico-metodológico adequado, fizemos apenas alguns apontamentos nesse sentido no início da abordagem.

²²⁶ BAUER, Martin W., GASKLELL, George, ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento. In: BAUER, Martin W., GASKLELL, George. **Pesquisa qualitativa com textos**: imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 20ss.

2.3.1 Der Christenbote

De forma geral, o material publicado no "Der Christenbote" (O Mensageiro Cristão) poderia ser classificado em duas categorias: os artigos redigidos pelos pastores atuantes no Brasil e os que provêm de fora, principalmente de autoridades eclesiais alemãs. No que diz respeito ao conteúdo, esses artigos também possuem diferenças significativas. Os artigos dos pastores no Brasil, em geral, debatem temas comunitários despertados pela própria prática pastoral. Já o segundo grupo de artigos tem seu conteúdo marcado por temas de ordem mais geral do contexto alemão, tendo como marco profundo a promoção da germanidade. Pretendemos nos ocupar aqui somente com o primeiro grupo de textos.

Num artigo do P. Grimm (Assoc. Evang. de Comunidades) transparece uma dimensão etnocêntrica. Segundo ele, "a religião deverá nos preservar para não nos tornarmos como os animais"²²⁷. João Klug²²⁸, abordando mais a dimensão educacional da Assoc. Evang. de Comunidades, também chama a atenção para esse aspecto, que aparece reiteradas vezes no discurso sobre a situação dos imigrantes de fala alemã e seus descendentes. Há uma preocupação de que poderia haver uma espécie de "retorno à selvageria", a qual estaria vinculada com a perda dos valores culturais.

2.3.2 Evang. Luth. Gemeindeblatt

A introdução de literatura luterana era um importante objetivo dos pastores enviados pela Caixa de Deus Luterana. Já em 1899, segundo Krause, o P. Otto Kuhr teria manifestado a necessidade de introduzir um boletim informativo, pois o boletim do Sínodo Riograndense almejava ser introduzido também em Santa Catarina, e isso precisaria ser reprimido, o que somente poderia acontecer através da distribuição de um informativo próprio²²⁹. O boletim Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt (Folha Evangélico Luterana para as comunidades) foi fundado em 1º de julho de 1905, a sua redação foi assumida pelo P. Riegel (Estrada da Ilha/SC) e

²²⁷ "Die Religion soll uns davon bewahren, daß wir nicht werden wie die Tiere." – GRIMM, 1921, p.3.

²²⁸ KLUG, 1997, p. 71ss.

²²⁹ KRAUSE, 1989, p. 104.

logo tinha 656 assinantes. Dez anos mais tarde, eram 1035 os assinantes do "Gemeindeblatt"²³⁰.

Uma questão central a ser esclarecida diz respeito à representatividade do "Gemeindeblatt" e até que ponto ele representa a opinião dos pastores ou apenas do seu editor. De saída, no entanto, pode-se afirmar que os textos nele publicados pouco refletem a posição das comunidades e dos membros, mas ao mesmo tempo podem apontar para um cotidiano complexo, muitas vezes marcado por conflitos e contradições. Essa postura de relativização e de desconfiança em relação ao editor do "Gemeindeblatt", o P. Riegel, não é apenas uma opção metodológica, mas também se fundamenta em afirmações segundo as quais não se desejava "ferir os caros professores e pais em contraposição à gratidão e piedade."²³¹ O P. Riegel fez essa afirmação em junho de 1904 acerca da possibilidade de uma fusão com o Sínodo de Missúri, ao invés de se fundar um sínodo próprio. Uma cooperação mais estreita seria tão somente aceitável se os pastores luteranos da Caixa de Deus também possuíssem um corpo eclesiástico de igual poder, assim isso poderia ocorrer de forma "separada, pacífica"²³². Ou seja, pensava-se dessa forma que as questões étnicas poderiam ser resolvidas de cada lado sem intervenções e poderia haver cooperação naquilo que aproximava luteranos e missurianos, a confessionalidade.

Na primeira edição do boletim do sínodo, o P. Riegel, menciona o que consta nos estatutos como sendo o fundamento do Sín. Evang. Lut. E seria em nome de Deus que o sínodo levantaria essa bandeira (a confissão). Já no segundo volume do boletim, afirma claramente contra que é levantada a bandeira ao dizer que: "rejeitamos qualquer união". Para Riegel, união seria a mesma coisa que protestantismo mixórdio, confusão e sectarismo²³³.

Num outro texto elaborado pelo P. Riegel, em agosto de 1906, no qual se posiciona sobre as reservas em relação ao sínodo, apresentando os seus objetivos,

²³⁰ LUTHERISCHE KIRCHE IN BRASILIEN, 1955, p. 2s.

²³¹ "*teuren Lehrern und Vätern gegenüber die Dankbarkeit und Pietät verletzen.*" – Riegel *Apud* KRAUSE, 1989, p. 117.

²³² KRAUSE, 1989, p. 118.

²³³ PRIEN, 2001, p. 176. O P. Lange também rejeitava uma união de Igrejas ou confissões. – cf. LANGE, Wilhelm. Der Lutherischen Gotteskasten. *Sonntagsblatt*, São Leopoldo, 30. Jul. 1905. p. 18-19. p. 18s.

no entanto, não é mencionada a confissão luterana, apenas diz-se que o sínodo tem por objetivo a "divulgação do Reino de Deus". Outros documentos, assim diz Prien, permitem afirmar que isso era a mesma coisa que a "divulgação de comunidades confessionalmente luteranas". Mas a missão do Sín. Evang. Lut., ao dirigir-se aos "companheiros na fé e compatriotas", "referia-se ao mesmo grupo-alvo do trabalho dos 'pastores unidos', isto é, também ela era restrita etnicisticamente."²³⁴

Uma outra manifestação do P. Riegel também chamou muito a atenção. Trata-se de um artigo publicado em janeiro de 1920, no qual ele apresenta o novo catecismo do Sín. Evang. Lut. O autor do catecismo é o próprio P. Riegel²³⁵. Percebe-se nesse texto como os discursos confessional e étnico se confundem e constituem um novo discurso. Por um lado, a iniciativa de elaborar um catecismo que atenda às necessidades do contexto, com mais detalhes do que o Catecismo Menor de Lutero, com linguagem mais acessível, revela profundo comprometimento e inserção na realidade cotidiana na qual se encontram as comunidades do Sín. Evang. Lut. Segundo o P. Riegel, o conteúdo do novo catecismo não seria nada mais do que aquilo que ele ofereceu na escola e Ensino Confirmatório em sua comunidade de Estrada da Ilha por mais de 20 anos. Acentua-se, ainda, ao final do artigo, a necessidade de que a "pura doutrina do Catecismo" seja preservada pela presente geração, mesmo em meio às dificuldades da época, ou seja, o período posterior à Primeira Guerra. Por outro lado, lamenta-se que partes centrais do novo catecismo tiveram que ser impressas em fontes latinas, em decorrência da perseguição a tudo o que é alemão. Mas as explicações puderam ser impressas em fontes góticas e, dessa forma, ter-se-ia sido justo para com reivindicações que a situação exigia²³⁶. Quer dizer, há uma preocupação com a preservação da confessionalidade através da elaboração de um catecismo "contextualizado", cuja forma, entretanto, expressa pertinência étnica e nacional. Na forma de apresentação se expressa, dessa forma, a teuto-brasilidade.

Até aqui foram contemplados apenas artigos publicados pelo P. Riegel, o que evidentemente não é suficiente para atender às pretensões deste estudo. Além

²³⁴ PRIEN, 2001, p. 174s.

²³⁵ RIEGEL, [Pastor]. Unser neuer Katechismus. **Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt**, Joinville, 14. Jahrgang, Jan. 1920. p. 10-11.

²³⁶ RIEGEL, 1920, p. 10s.

disso, precisará ainda ser aprofundada a questão que diz respeito à representatividade dos artigos expostos acima. Eles expressam a opinião dos outros pastores do sínodo ou apenas do seu autor?

2.4 Germanismo e escolas teuto-brasileiras

O confronto mais acentuado entre germanidade e brasilidade se deu no âmbito da escola teuto-catarinense. A escola foi um dos alvos privilegiados tanto de defensores da germanidade quanto do governo brasileiro que visava à absorção cultural dos imigrantes pela cultura luso-brasileira, que havia sido elevada à norma.

Antes de iniciarmos a reflexão sobre o papel da escola teuto-catarinense no âmbito da Assoc. Evang. de Comunidades, é preciso esclarecer algumas questões introdutórias relacionadas principalmente ao universo conceitual e metodológico no qual se insere a presente exposição.

Para começar, propomos abordar o tema da "escola teuto-catarinense". E nada mais justo do que tecer algumas considerações em torno desse conceito, formulado nas fontes consultadas, observe-se bem, no singular. A primeira pergunta é se de fato pode-se pensar em "uma" escola teuto-catarinense. Essa questão também não surge por acaso, mas é um reflexo de uma familiarização que tenho experimentado com os teóricos da nova história cultural. Assim como, só para citar um exemplo, Michael de Certeau²³⁷ propõe a formulação do conceito de cultura no plural, não seria adequado falarmos em "escolas teuto-catarinenses", no plural, sendo a escola um lugar privilegiado de produção cultural?

A escola teuto-catarinense não é uma instituição homogênea. Muito pelo contrário, as práticas e formas como as escolas surgidas entre os imigrantes de origem teuta são tão diversas, que seria mais prudente realmente adotarmos sempre que possível uma formulação no plural. Assim, ao invés de "uma" escola teuto-catarinense, tem-se muitas escolas. Essa tese é corroborada, por exemplo, pela diversidade de manuais escolares que foram adotados nestas escolas. Outra coisa que aponta nesse sentido é a origem diversa dos imigrantes que inicialmente chegaram ao Brasil. Eles vieram dos territórios que somente em 1871 constituiriam a Alemanha e nos quais vigoravam formas de organização escolares muito diversas.

²³⁷ CERTEAU, Michael de. **A Cultura no Plural**. Campinas-SP: Papirus, 1995.

A esse respeito, no entanto, se coloca uma questão ideológica que pode estar presente ao se adotar formulações no singular. Como transparece nos jornais, por exemplo, pode-se perceber um discurso uniformizante e unificador que está presente no meio teuto-brasileiro. Esse discurso que se fundamenta no elemento étnico visa à cooperação de instituições e indivíduos num projeto comum em torno da germanidade. Assim, a busca durante o "período da preservação da germanidade" é por "uma escola" teuto-brasileira.

Abordamos no primeiro capítulo deste estudo o conceito de relações sociais baseadas numa configuração estabelecidos/*outsiders*, a qual também aqui pode ajudar a compreender esse processo. A unidade e a uniformidade assim possibilitariam maior coesão interna e, conseqüentemente, maior capacidade de articulação e exercício de poder diante de instituições que viessem a oferecer resistência. Como visto, a coesão interna é a principal ferramenta que os grupos sociais possuem para a articulação dos seus interesses e a superação de alguma situação na qual se julgam erradamente colocados.

2.4.1 Uma tipologia das escolas de origem teuta em Santa Catarina

Inicialmente ainda, falando de forma mais geral sobre as escolas teuto-catarinenses, pode auxiliar para a aproximação do tema as tipologias de Egon Schaden e do Cônsul alemão Dittmar e que são apresentadas por João Klug²³⁸. Essas duas tipologias foram elaboradas na primeira metade do século XX.

Segundo Egon Schaden, em Santa Catarina seria possível identificar três modelos ou tipos básicos de escolas que surgiram no âmbito da imigração alemã da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX:

a) Escolas alemãs propriamente ditas: Esse modelo de escola podia ser encontrado nos núcleos urbanos e era mantida na sua maioria por sociedades escolares bem estruturadas. Elas contavam com bom material de apoio, professores com formação em seminários (*Lehrerseminar*), a maioria oriunda da Alemanha.

b) Escolas coloniais comunitárias: esse modelo de escolas podiam ser encontradas em áreas com baixa densidade demográfica. Elas, via de regra, não contavam com o devido apoio, seja por parte do governo Estatal ou de capital

²³⁸ KLUG, 1997, p. 86s.

privado. Os professores que atuavam nestas escolas também em sua maioria não possuíam formação; não raro alguém do próprio grupo era eleito para a função pelo fato de possuir um pouco mais de formação ou não estar apto para realizar o trabalho duro da roça²³⁹. Não havendo um plano a ser seguido, o professor determinava o ritmo e o "conteúdo" a ser passado para as crianças. Esse modelo de escola caracterizava-se pela informalidade, sem material didático comum a todos, sem um período escolar fixo, principalmente devido à sazonalidade das lides agrícolas.

c) Escolas denominacionais: as escolas que se enquadram nesse modelo eram mantidas pelas igrejas católica ou evangélica protestante. Em grande parte dos casos, o pároco era o responsável pela sua condução e manutenção. De forma geral, elas se assemelhavam muito às escolas alemãs propriamente ditas.

Um outro modelo de tipologia para as escolas teutas no Brasil é elaborado pelo Cônsul alemão Dittmar, com sede em Florianópolis, em 1930. Segundo ele, no âmbito da imigração alemã, pode-se identificar as a) Escolas Urbanas, que são basicamente aquelas que Egon Schaden chama de escolas alemãs propriamente ditas; b) as grandes escolas coloniais, que estão muito próximas daquelas que foram identificadas acima como escolas denominacionais; e c) as escolas de picadas, que poderíamos colocar em analogia com as escolas coloniais comunitárias²⁴⁰.

Criticamente, pode-se perguntar se todos esses modelos de escolas realmente podem ser considerados escolas teuto-catarinenses. A rigor, somente as escolas de picadas ou as escolas coloniais comunitárias poderiam ser consideradas teuto-brasileiras, pois surgiram a partir do próprio grupo de imigrantes e não a partir da atuação de instituições estrangeiras.

A proposta de análise no presente ponto da pesquisa diz respeito às escolas enquanto palco sobre o qual se articulam questões étnicas e confessionais no âmbito da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut. Dessa forma, uma questão importante em perguntar pela abrangência da abordagem. Ela se limita a analisar a questão proposta a partir do modelo de escolas denominacionais ou

²³⁹ WELK, Rosane. Os Professores da "Escola Alemã" de Rio da Luz Victoria. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XLI, n. 6, p. 49-57, Jun.2000. p. 50.

²⁴⁰ KLUG, 1997, p. 86ss.

grandes escolas coloniais ou irá considerar também as escolas coloniais comunitárias? Inicialmente a abordagem deverá ficar mais limitada às escolas denominacionais ou grandes escolas coloniais, mas numa pesquisa mais exaustiva as escolas comunitárias terão que ser necessariamente contempladas.

Primeiramente, porém, é preciso olhar mais de perto alguns aspectos gerais da escola ligada à imigração alemã em Santa Catarina para que, em seguida, seja possível observar como as questões escolares foram refletidas no âmbito da Assoc. Evang. de Comunidades.

2.4.2 A "instalação" dos imigrantes e as escolas

A escola nas regiões de imigração era algo praticamente inexistente e, se os imigrantes quisessem que seus filhos recebessem instrução, então teriam que providenciá-la por conta própria. Em muitos casos a instrução ficou restrita ao âmbito familiar, no qual normalmente a mãe assumia o papel de ensinar os filhos a ler. Nesse período também não houve a presença de clérigos e professores enviados por instituições dos países de origem dos imigrantes. Os poucos que vieram, o fizeram por conta própria²⁴¹.

Infelizmente, no entanto, essa ausência da escola nos primeiros anos da chegada dos imigrantes é vista como benéfica, pois os jovens teriam, dessa forma, mais tempo para auxiliarem no trabalho de derrubada da mata, no plantio e colheita. Via-se de forma otimista o fato de no Brasil não haver obrigação de freqüentar a escola, assim como era em seus territórios de origem.

Mais tarde, quando foram instaladas as escolas nas áreas de colonização, muitos pastores e professores iriam lamentar essa indiferença dos imigrantes para com a educação dos filhos e filhas. Um exemplo de tal postura é o Prof. N. Dechent, em 1916, que atuou por longa data na colônia de Dona Francisca, hoje Joinville: "Para eles [os pais], a escola era uma coisa fútil e se consideravam molestados quando eram advertidos no sentido de enviar os filhos à escola."²⁴²

²⁴¹ Isso tem a sua razão de ser, pois a Europa na primeira parte do século XIX passa por grande reorganização dos territórios e as primeiras associações que se preocuparão com a diáspora irão surgir nas décadas de 1830 e 1840, sendo as maiores a Associação Gustavo Adolfo (*Gustav Adolf Werk - 1832*) e as Associações Caixas de Deus Luterana (*Lutherischen Gottes Kasten*).

²⁴² Dechend *Apud* KLUG, 1997, p. 71.

Assim, o surgimento da escola entre os imigrantes alemães e seus descendentes também não foi algo totalmente pacífico e unânime. É uma história não menos marcada por ambigüidades e contradições do que outros aspectos da história das sociedades. Mesmo assim, essas escolas surgidas no contexto da imigração alemã experimentaram, segundo João Klug, um período áureo nas duas primeiras décadas do século XX, com o que nos ocuparemos a seguir.

2.4.3 Apogeu e declínio das escolas teuto-catarinenses

Para João Klug²⁴³, a escola teuto-catarinense viveu o seu apogeu entre os anos de 1904 até o advento da Primeira Guerra Mundial em 1914. Em 5 de setembro de 1904, é criado o *Deutschen Schulvereins für Santa Catarina* [Associação Escolar Alemã para Santa Catarina]²⁴⁴. Interessante observar que esse também é o período da criação do Sínodo Evangélico Luterano (1905) e da Assoc. Evang. de Comunidades (1911). Assim, esse período de apogeu não se limita tão somente à escola alemã, mas de alguma forma diz respeito a mais instituições surgidas entre os imigrantes e seus descendentes. É um período de estruturação e institucionalização nas colônias alemãs em Santa Catarina que provavelmente está muito relacionada à problemática da preservação da germanidade.

O *Deutschen Schulvereins für Santa Catarina*, segundo o §13 de seus estatutos, estava vinculado ao *Allgemeinen Deutschen Schulverein* [Associação Geral de Escolas Alemãs], com sede em Berlim, e entendia-se possuidor das seguintes atribuições: a) oferecer apoio espiritual e material ao professorado e zelar para o seu reconhecimento público; b) promover um sentimento de irmandade e orientação pedagógica para um trabalho convergente; c) fomentar um sentimento de comunhão através da unificação das técnicas e meios de ensino; d) criar uma biblioteca na qual sejam disponibilizadas obras de caráter pedagógico. Uma tal biblioteca, visando esses objetivos, foi um dos primeiros empreendimentos em Santa Catarina, contando, em 1905, com um acervo de aproximadamente 10.000 livros. Em 1909, estavam filiadas ao *Deutschen Schulvereins für Santa Catarina* 111 escolas, 78 professores e 61 pessoas particulares. No mesmo ano, 26 escolas

²⁴³ KLUG, 1997, p. 183.

²⁴⁴ WIRTH, 1992, p. 103.

receberam auxílio da *Ortsgruppe Hamburg des Vereins für das Deutschtum im Ausland* [Grupo local de Hamburgo da Liga para a Germanidade no Exterior]²⁴⁵.

Esse período de apogeu ainda pode ser caracterizado através da situação da escola em Blumenau. Em 1900, de acordo com um relatório apresentado ao Conselho Municipal, pelo então Superintendente José Bonifácio da Cunha, havia, em 1899, 25 escolas públicas e apenas 3 privadas no município. Já em 1915, segundo um outro relatório, haveria em Blumenau 102 escolas particulares organizadas por comunidades que atendiam 4.228 alunos. Enquanto isso, a instrução pública, realizada pelo Grupo Escolar Luiz Delfino, em 1914, atingia somente 163 alunos. Outras nove escolas isoladas atendiam outros 246 alunos²⁴⁶.

Para se ter uma idéia da situação das escolas em Santa Catarina em 1916, o deputado federal Lebon Regis, que era também um defensor das escolas teuto-brasileiras, em um de seus discursos, fornece alguns dados estatísticos, segundo os quais haveria no estado: 253 escolas estaduais, 152 escolas municipais, 5 escolas da união e 277 escolas particulares, nas quais estudavam 28.841 alunos²⁴⁷.

De forma paralela a esse período de apogeu da escola teuto-catarinense, pode-se perceber uma polarização cada vez mais acentuada entre os elementos teuto e luso. Além disso, os poderes públicos em Santa Catarina já vinham se ocupando com a questão do sistema escolar há mais tempo, pois a rede de escolas públicas existente era totalmente insuficiente para atender às demandas.

Em Santa Catarina, o deputado Irineu Machado, um ferrenho combatente em favor de uma nacionalização total nas colônias alemãs, afirmou durante o advento da Primeira Guerra Mundial, sobre a neutralidade brasileira:

Se a neutralidade do nosso Paiz no momento nos obriga a silenciar os nossos sentimentos e se estes podem ser agressivos a pátria dos avoengos dos allemães, porque se consente e aplaude que o patriotismo delles, aliás muito respeitável, passeie nas ruas das nossas cidades e o seu entusiasmo de reservistas e voluntários, entoando o hymno da sua pátria – A Allemanha acima de tudo – e aclamado pelos seus patricios? Porque não se lhes exige também respeito ao patriotismo dos Francezes, Russos e

²⁴⁵ WIRTH, 1992, p. 103.

²⁴⁶ Os relatórios municipais de Blumenau referidos são examinados por HILLESHEIM, Jaime, BRUNS, Camile Rebeca. Associações escolares: elementos históricos para o debate sobre associativismo civil em Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XLIII, n. 03/04, p. 60-66, Março/Abril 2002. p. 60s.

²⁴⁷ Regis *Apud* KLUG, 1997, p. 197.

Belgas que como elles aqui residem? E porque as nossas sympathias não podem ser por elles respeitadas dentro da nossa casa?²⁴⁸

Por outro lado, houve pessoas que assumiram uma postura de defesa do elemento teuto, entre as quais pode-se citar o deputado Crispin Mira, que afirmava, por exemplo: "[...] Conviria não esquecer entretanto, que o allemão é quem está, de maneira efficaz, collaborando comnosco, pela nossa futura grandeza."²⁴⁹

Também um militar brasileiro, o Capitão Vieira da Rosa, possuía uma postura semelhante a do deputado Mira:

Na faina inglória e impiedosa de achar mau, systematicamente, tudo que é teuto, alguns de nossos patrícios, cegos pelo rancor que eles mesmos não explicam, apregoam que o allemão e seus descendentes recusam a aprendizagem do vernáculo, o que é uma mentira torpe, uma aleivosia sem nome²⁵⁰.

Mesmo contando com esse apoio entre os políticos, as escolas teuto-catarinenses passam, cada vez mais, a serem vistas como mais uma expressão do "perigo allemão"²⁵¹. Gradualmente, o governo do estado passou a implantar escolas públicas nas áreas de imigração alemã e preferencialmente a nova escola era construída ao lado da escola alemã e não em áreas onde ela ainda estava ausente. De forma complementar, o governo catarinense Felipe Schmidt sancionou a Lei Nr. 1187, de 05 de outubro de 1917, segundo a qual:

[...] caberá às escolas públicas fazer em primeiro logar(sic) a matrícula ex-officio e, só depois de preenchidas as vagas dos estabelecimentos de ensino públicos, poderão as escolas particulares tomar igual providência²⁵².

No dia 08 de novembro do mesmo ano, o governo baixou ainda o decreto Nr. 1063, que suspendia temporariamente as atividades nas escolas particulares até que se pudesse "verificar cuidadosamente" as condições dos professores e das

²⁴⁸ Machado *Apud* KLUG, 1997, p. 194.

²⁴⁹ Mira *Apud* KLUG, 1997, p. 195.

²⁵⁰ Rosa *Apud* KLUG, 1997, p. 195.

²⁵¹ KLUG, 1997, p. 192. Mais detalhes sobre o chamado "perigo allemão" podem ser encontrados em GERTZ, René. **O perigo allemão**, Porto Alegre: UFRGS, 1991.

²⁵² Lei Nr. 1187 de 05 de outubro de 1917 *Apud* KLUG, 1997, p. 197.

escolas. Dos professores passou-se a exigir um exame de qualificação e ofereciam-se também cursos preparatórios para o aprendizado do português²⁵³.

Essa política representou um golpe para a escola alemã em Santa Catarina, pois ela mantinha-se em grande parte com as mensalidades dos alunos. Como o número destes diminuiu consideravelmente devido à repressão, muitas escolas foram obrigadas a fechar ou tiveram suas atividades significativamente reduzidas. Mesmo que a qualidade do ensino na escola pública fosse muito inferior, muitos pais ficaram satisfeitos com a obrigatoriedade da lei, já que estariam isentos das mensalidades. O período áureo da escola teuto-catarinense havia chegado definitivamente ao fim. As considerações do superintendente de Blumenau, Paulo Zimmermann, retratam bem a situação:

[...] Parte do professorado antigo, não vencendo as dificuldades da aprendizagem de português com a rapidez necessária, abandonou o magisterio, achando-se, por isso, diversas escolas fechadas ainda hoje [1919]²⁵⁴.

Ou, nas palavras de Marcos Conder, de 1929: "Jogou-se a criança fora juntamente com a água do banho"²⁵⁵.

2.4.4 Preservação da Germanidade dos Imigrantes

A derrota da Alemanha na Primeira Guerra, em 1918, não levou a uma reflexão geral sobre a cultura do etnicismo alemão. Os muitos círculos pangermânicos, principalmente no exterior, de forma alguma estavam dispostos a mudar de idéia e consideravam a política exterior modificada do *Reich* como traição à causa alemã. Em Santa Catarina, o pangermanismo encontrou o seu eco no jornal *Urwaldbote* [Mensageiro da Selva], editado em Blumenau. Segundo Prien, "a ideologia pangermânica propagada pelo *Urwaldbote* iria necessariamente predispor os leitores no mais alto grau para a propaganda nacional-socialista!"²⁵⁶

Além disso, segundo Wachholz, uma série de motivos contribuíram para que a ideologia germanista, e posteriormente o nacional-socialismo, encontrassem solo fértil no Brasil. Entre eles, pode-se citar: a situação de isolamento dos imigrantes e

²⁵³ KLUG, 1997, p. 199.

²⁵⁴ Zimmermann *Apud* KLUG, 1997, p. 200.

²⁵⁵ Konder *Apud* KLUG, 1997, p. 202.

²⁵⁶ PRIEN, 2001, p. 368.

de rejeição por parte do governo e povo luso-brasileiros; a discriminação religiosa, sofrida especialmente pelos protestantes; o choque cultural, especialmente lingüístico; e ainda o aspecto social, pois eram tidos como cidadãos de segunda categoria²⁵⁷.

Simultaneamente, o Cons. Sup. Ecles. Evang. depara-se, no Brasil, com o crescente desaparecimento da consciência da germanidade nas congregações, surgindo na Alemanha, com isso, a pergunta se os auxílios de ordem espiritual e financeira deveriam ser mantidos. Num relatório do prepósito Martin Braunschweig consta que a Igreja Evangélica da Alemanha teria cada vez menos oportunidades de realizar algo em sentido étnico no Brasil, o que sempre foi um de seus objetivos, e deveria limitar-se gradativamente aos assuntos religiosos, ao aprofundamento e à interiorização da fé. A atividade evangélico-eclesiástica no Brasil poderia e deveria ser progressivamente entregue à associação independente (Associação Gustavo Adolfo) e à sociedades missionárias (Barmen)²⁵⁸.

Além disso, as mudanças políticas que aconteciam no Brasil logo passariam a agravar a complicada situação que se formaria quando as relações entre Brasil e Alemanha foram rompidas com o início da Segunda Guerra. "A nova *Constituição Brasileira de 1934* continha fortes traços nativistas. Uma série de determinações servia à nacionalização dos imigrantes e com isso atingiu também os teuto-brasileiros."²⁵⁹ O nativismo da década de 1930 iria se manifestar de maneira especialmente forte em Santa Catarina. "Já em 1934, o prepósito Hübbe percebeu uma atitude nativista-xenófoba entre os políticos de SC, que não prometia coisas boas (sic.) para o futuro das escolas alemãs."²⁶⁰

A situação educacional em Santa Catarina não era nada animadora na década de 1930, pois, mesmo com 50% de evangélicos no Estado, não foi possível a construção de uma segunda escola com internato, além da de Joinville, ficando a

²⁵⁷ WACHHOLZ, Wilhelm. **Teologia e Etnia**. 1990. 47 p. Terceiro Trabalho Semestral (Bacharel em Teologia) – Faculdade de Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo. p. 30.

²⁵⁸ DREHER, 1984, p. 227.

²⁵⁹ PRIEN, 2001, p. 282. "Assim, por exemplo, não era mais permitido constituir colônias homogêneas de imigrantes. Futuramente escolas coloniais poderiam ser dirigidas somente por professores brasileiros natos. Nenhuma criança até 12 anos podia ser instruída e examinada em outra língua que não fosse o português. Teuto-brasileiros não poderiam mais pronunciar uma palavra sequer em alemão durante o período do serviço militar." (p. 282)

²⁶⁰ PRIEN, 2001, p. 273; cf. 335s.

educação nas mãos de colégios católicos, nos quais reinava o espírito romano. Segundo Prien, esse déficit da educação em Santa Catarina está relacionado ao fato de ele estar nas mãos de círculos com mais propósitos étnicos do que eclesiais²⁶¹.

Em muitos lugares, o ensino da língua alemã continuou proibido mesmo depois do fim da Primeira Guerra. Segundo Prien, o "nível intelectual" dos imigrantes era cada vez mais baixo, uma vez porque a maioria já descendia de classes pobres, e outra vez porque a qualificação dos professores era muito baixa. Além disso, as medidas contra a língua alemã já na Primeira Guerra fizeram com que a educação retrocedesse cada vez mais em SC. Em Blumenau, no entanto, por pressão política, conseguiu-se que a administração nomeasse novamente professores teutos para as escolas governamentais²⁶².

Já no discurso do Prof. Oskar Unbehaun, em 1921, pode-se perceber o discurso sendo adequado à nova situação, pois não vê de forma totalmente negativa as medidas do governo brasileiro tomadas contra as escolas teuto-catarinenses principalmente a partir da Primeira Guerra Mundial. Segundo Unbehaun, se antes qualquer pessoa que "soubesse falar bonito" ["Verstand einer schön zu sprechen"] se tornava professor; agora, havendo menos professores, as comunidades teriam que valorizá-los mais diminuindo o número de trocas, e os que poderiam ocupar a função pelo menos teriam passado por exames de qualificação. Se, portanto, uma comunidade estivesse sem professor devido às medidas de repressão governamentais brasileiras, que os pais então enviassem os seus filhos até o local mais próximo onde houvesse um professor atuante²⁶³.

Entre os pastores, o P. Fritz Kessel (Assoc. Evang. de Comunidades - Badenfurt), enviado do Cons. Sup. Ecles. Evang., em 1921, vê uma inter-relação estreita de igreja e germanismo e acreditava que a continuidade da igreja somente

261 PRIEN, 2001, p. 321.

262 PRIEN, 2001, p. 217ss. O P. Martin Marczynski (Berlim), que substituiu o P. Scheerer na presidência da Assoc. Evang. de Comunidades durante a viagem de férias deste à Alemanha, constata em seu relatório de atividades um grande isolamento do mundo intelectual e social nas comunidades da Assoc. Evang. de Comunidades em 1932 (cf. p. 320).

263 Referente às trocas de professores, Unbehaun conta que ele mesmo tinha sido o oitavo professor em uma escola cuja comunidade existia a apenas treze anos. – UNBEHAUN, Oskar. Unsere Schulen. **Der Christenbote**, Blumenau, n.6, 14.Jahrgang, Jun. 1921. p. 4.

seria possível com a preservação da cultura germânica²⁶⁴. No mesmo ano, o P. Fritz Bühler (Sín. Evang. Lut.) acentua praticamente a mesma coisa ao dizer que com Deus não se deveria falar numa língua estranha; por isso, a língua deveria ser considerada sagrada²⁶⁵. Já o P. Grimm (Assoc. Evang. de Comunidades - Hammonia) enfatiza que "a igreja trabalha praticamente sozinha para manter nós os alemães no Brasil sobre a água."²⁶⁶ Percebe-se, a partir disto, que igreja e etnicismo são colocados numa relação de interdependência pelos pastores, segundo a qual um não poderia permanecer sem o outro.

Essa provavelmente também foi a convicção de muitos outros pastores, pois, segundo Hans-Jürgen Prien, a ascendência do nacional-socialismo ao poder na Alemanha, em 1933, foi saudada pela maioria dos pastores, que passaram a justificar teológico-historicamente o resgate do etnicismo alemão²⁶⁷. No Concílio Sinodal da Sín. Evang. Lut., em Joinville, realizado de 17 a 21 de maio de 1933, pode-se observar inúmeras manifestações entusiasmadas em favor da "nova Alemanha". Na ocasião, o prepósito Erwin Hübbe falou sobre "O novo movimento na Alemanha"²⁶⁸. O posicionamento de muitos pastores em favor do nacional-socialismo contribuiu para que se começasse a acentuar que "Todo luterano é nazista"²⁶⁹. Isso será especialmente forte nas escolas. Os filhos de alemães ou de descendentes de imigrantes serão chamados de, por exemplo: "alemão batata, come queijo com barata". Os impactos de uma tal situação na formação das identidades das crianças não podem ser medidos.

2.4.5 O alemão como língua de ensino e nacionalização

Por muito tempo, o alemão continuou sendo a língua do cotidiano nas colônias de imigrantes. Isso ocorreu devido ao relativo isolamento a que elas estavam submetidas e não, como em vários momentos se tentou provar, pela recusa dos imigrantes de aprenderem o português. Os programas de nacionalização,

264 PRIEN, 2001, p. 220.

265 PRIEN, 2001, p. 352.

266 "*Die Kirche arbeitet fast allein daran, uns Deutschen in Brasilien über Wasser zu halten.*" – GRIMM; 1921, p.3.

267 PRIEN, 2001, p. 274.

268 DREHER, 1984, p. 205.

269 DREHER, 1999, p. 191.

promovidos de forma mais intensa durante as duas guerras mundiais, pretenderam quebrar essa hegemonia, mas sem, contudo, oferecer meios viáveis para que o idioma nacional fosse gradativamente adotado. Tentou-se obrigar o uso da língua portuguesa de forma imediata nos mais diferentes níveis da sociedade. Uma afirmação de Arthur B. Rambo vem ao encontro:

[...] Apesar da boa vontade dos adultos e das crianças, o clima reinante em nada favorecia o aprendizado da língua do país. A língua do ensino e da comunicação cotidiana era, exclusivamente, o alemão. O português em raras oportunidades transpunha os limites restritos das quatro paredes da escola. Compreende-se assim que os resultados devem ter sido parcos. Concluir, porém, desta realidade uma falta de interesse ou mesmo de resistência consciente ao português e tudo o que representava, significa desconhecimento total da índole prática do imigrante. Representa também uma flagrante injustiça²⁷⁰.

Entretanto, apontamentos como os de Rambo parecem tender a desconsiderar a miscigenação em andamento em grande parte das colônias de imigrantes, principalmente à medida que se avança para dentro do século XX. Assim, nas décadas de 1930 e 1940, o uso da língua alemã deverá ter sido menor do que muitos estudos ressaltam e certamente muito menor do que os agentes dos programas de nacionalização costumavam pontuar. Um exemplo disso é o estudo de um norte-americano, Richard O'Dalbey, de 1971:

[...] depois da ascensão(sic) de Hitler em 1933, os nazistas no Brasil não perderam tempo e tomaram a direção de cerca de 2500 escolas alemãs. [...] as escolas se tornaram um dos meios mais importantes através dos quais a organização do Partido Nazista podia endoutrinar a população de língua alemã local, segundo o Weltanschauung Nacional Socialista. De 1933 em diante, somente os professores treinados na ideologia nazista e aprovados pelo NSDAP poderiam ensinar nas escolas²⁷¹.

A decadência do uso do alemão se evidencia, por exemplo, nas inúmeras manifestações de pastores e outros agentes culturais que se colocavam ao lado da propaganda germanista nas quais lamentavam o sempre menor interesse dos imigrantes pela preservação da própria cultura²⁷². As manifestações positivas, segundo as quais o cultivo da germanidade cresce a cada dia, provavelmente são muito mais uma forma de bajular instituições e indivíduos dos quais provinham recursos financeiros para que estes o continuem fazendo do que algo da realidade

²⁷⁰ RAMBO *Apud* WELK, 2000, p. 56.

²⁷¹ O'DALBEY *Apud* KLUG, 1997, p. 211.

²⁷² WIRTH, 1992, p. 125.

empírica. Sob diferentes aspectos, o artigo "Unsere Schulen" [Nossas Escolas]²⁷³, publicado pelo professor Oskar Unbehaun, em 1921, no jornal "Der Christenbote" da Assoc. Evang. de Comunidades, pode servir de exemplo. Em primeiro lugar, Unbehaun defende que se pode cultivar os laços de sangue que vinculam à antiga pátria e ainda assim aprender o idioma da terra que se tornou a nova pátria. Em segundo lugar, não pode ser desconsiderado o fato de um artigo com um apelo assim esteja publicado no jornal de uma instituição que, em seus estatutos elaborados em 1933, restringirá o seu trabalho ao "âmbito do etnicismo alemão"²⁷⁴. Aliás, as mudanças estatutárias nos sínodos desde a sua fundação até a sua fusão em 1962 é uma questão que ainda precisará ser abordada. Assim, as duas questões levantadas mostram que dificilmente é possível emitir um parecer absoluto e definitivo sobre a postura de uma instituição, o que também estaria de acordo com o que Burke afirma ao dizer que se deve evitar personificar entidades coletivas como povo, igreja, Alemanha, pois isso poderia encorajar o leitor a supor o consenso de grupos que estavam frequentemente em conflito²⁷⁵.

As diferentes realidades das colônias também devem ter ocasionado respostas distintas no que diz respeito ao uso da língua. Em locais onde a complexificação da sociedade se encontrava num estágio mais avançado e havia maior contato com outros grupos sociais e relações de comércio eram mais intensas, o uso do português deve ter sido maior do que em colônias mais afastadas e isoladas. Mas, de igual forma, esse intenso contato com o diferente provocou em muitos lugares um sentimento de ameaça nos grupos, fazendo com que ressaltassem um número maior de características que os distinguisse dos demais grupos. Assim, por exemplo, em Blumenau, que é um dos núcleos de imigração alemã mais antigos de Santa Catarina, fundado em 1850 por Hermann Otto Bruno Blumenau, se tornará palco de conflitos bem acirrados entre luso e teuto-brasileiros. Ou seja, qualquer tentativa de simplificação de discurso no que diz respeito à problemática do uso da língua alemã nas escolas teuto-brasileiras acarretará, necessariamente, num equívoco.

²⁷³ UNBEHAUN, 1921, p. 3-5.

²⁷⁴ PRIEN, 2001, p. 322.

²⁷⁵ BURKE, 1992b, p. 330.

2.4.6 O fim das escolas teuto-catarinenses? Algumas considerações

A partir do que foi visto até aqui, pode-se fazer algumas considerações sobre a relação da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut. com a escola teuto-catarinense. Em primeiro lugar, chama à atenção a relação entre igreja e escola que pode ser observada nos contextos de imigração alemã. Na grande maioria das comunidades atuava o professor-pastor ou então o pastor-professor. São muito raras as comunidades que dispõem de condições para a manutenção de duas pessoas. Isso não ocorreu somente em Santa Catarina, mas também em outros Estados. A esse respeito afirma João Klug:

[...] o trabalho eclesiástico e escolar andava *pari passu*, especialmente no final do século passado e início deste. Também é possível perceber que a motivação para esta ênfase na educação por parte do clero, não era exatamente a mesma. Por um lado, verifica-se um intenso envolvimento de pastores com a questão escolar no meio teuto-catarinense, motivados, acima de tudo, por razões etno-culturais. Por outro lado, verifica-se o mesmo envolvimento e empenho, mas motivado por razões mais teológicas, pois entendiam que a educação era imprescindível na evangelização. De qualquer maneira, podemos falar de uma indissociabilidade entre Escola e Igreja Evangélica Luterana²⁷⁶.

Em 1938, com o decreto Nr. 88 de 31 de março, praticamente é encerrado o programa de nacionalização em SC, que havia iniciado já em 1911 com Orestes Guimarães. Não se exigiu o fechamento das escolas, mas "o nível das exigências era tal que não restava outra alternativa a não ser o fechamento." Pouco importava os prejuízos pedagógicos e os traumas humanos ocasionados, "a escola estava devidamente nacionalizada"²⁷⁷.

Emblemáticas e provocativas são as palavras do Diretor do Departamento de Ensino Particular em Santa Catarina, proferidas durante o processo de nacionalização da década de 1930/1940:

Sabemos que escolas particulares como as de Blumenau, Joinville, Brusque e outras, têm um nível de ensino mais elevado e corpo docente mais qualificado do que as nossas escolas. Sabemos que sua clientela e população tem um nível cultural diferente, mas é justamente isto que vamos mudar. Queremos que desçam ao nosso nível e, ombro a ombro, juntos,

²⁷⁶ KLUG, 1997, p. 85.

²⁷⁷ KLUG, 1997, p. 220.

vamos construir um Brasil maior, grande, forte e verdadeiramente brasileiro²⁷⁸.

A escola e a igreja representaram um princípio de organização comunitária entre os imigrantes. Meyer constata que, na literatura que se ocupa com o fenômeno da imigração para o sul do Brasil, sempre é ressaltada a função central que igreja, escola e imprensa ocuparam na vida dos imigrantes e que os pastores e professores teriam sido agentes determinantes para a "produção/preservação/reformulação"²⁷⁹ da cultura. Através dessas instituições, por exemplo, foi difundido e ensinado o *Hochdeutsch* (alto alemão ou alemão padrão), o que também foi relevante para um processo de aproximação entre as diferentes comunidades, já que a homogeneidade baseada na língua pouco correspondia à realidade²⁸⁰. Por outro lado, há uma instrumentalização de escola, igreja e imprensa por parte do "grupo étnico", que visa à concretização de suas ambições. O objetivo do "grupo étnico" era a "preservação da germanidade" com vistas à ampliação do grupo. O governo brasileiro de Getúlio Vargas procurou, primordialmente através de imprensa e escola, alcançar os seus ideais. De maneira não muito diferente, os adeptos do partido nacional-socialista procuraram se infiltrar nas lideranças de muitos grupos e ali propagar seus interesses.

Ao que parece, após a Segunda Guerra, o foco educacional na Assoc. Evang. de Comunidades e no Sín. Evang. Lut. deixa de ser a escola primária e secundária. As Guerras e as sucessivas campanhas de nacionalização aparentemente também levaram a um rompimento entre escola e igreja. A repressão extrema à qual essas comunidades e escolas foram submetidas levou-as a uma postura de extrema cautela no que diz respeito a sua manifestação pública. A essa questão voltaremos no terceiro capítulo deste estudo.

As escolas que se haviam desenvolvido em estreita relação com as comunidades de fé, por sua vez, ficaram diante de um dilema: ou fechavam as portas ou então procurariam atender às exigências e seguir o seu próprio caminho. As escolas que optaram pela segunda via tiveram que aumentar as mensalidades

²⁷⁸ Palavras do Diretor do Departamento de Ensino Particular em Santa Catarina *Apud* KLUG, 1997, p. 222.

²⁷⁹ MEYER, 1999, p. 20.

²⁸⁰ MEYER, 1999, p. 46s.

para manter o quadro funcional por conta própria, sendo que antes as despesas eram divididas com a comunidade ou provinham do exterior. Gradativamente, as escolas comunitárias tornaram-se elitizadas! O papel que as escolas comunitárias tinham de formar pessoas para a comunidade eclesial deixou de ser cumprido.

2.5 Germanismo, brasilidade e as comunidades eclesiais em Santa Catarina

O objetivo neste ponto não é fornecer uma chave universal de leitura para o tema, mas evidenciar a diversidade de experiências ocorridas nas comunidades. Esse ponto é um dos que ainda mais carece de fontes de consulta. Dessa forma, somente algumas considerações muito preliminares poderão ser feitas neste momento.

Um aspecto que chama a atenção ao se buscar em livros de atas de comunidades, é que o período em torno da Primeira e da Segunda Guerra Mundial geralmente constitui um vazio. Simplesmente se deixou as folhas em branco, retomando a elaboração de atas, por exemplo, um ou dois anos após o final das Guerras. A pergunta é, nesse sentido, como interpretar as páginas em branco num livro de atas?

2.6 A relação intersinodal do ponto de vista étnico

Uma formulação de Prien sintetiza bem o relacionamento entre a Assoc. Evang.de Comunidades e o Sín. Evang. Lut. do ponto de vista étnico:

Por causa de seus contatos com os sínodos norte-americanos, o Sín. Evang. Lut. teve que ouvir críticas não somente da parte de círculos pangermânicos, mas também dos outros sínodos. Em face da acusação de que o Sín. Evang. Lut. "se teria tornado infiel à causa alemã", Bühler se defende em 1923 com o argumento de que seriam compatriotas alemães nos EUA "que nos ajudam". "Somos evangélico-luteranos. E isso é autenticamente alemão."²⁸¹

Com isso percebe-se que a relação dos dois sínodos continua marcada pelo conflito, mas o foco das discussões deslocou-se da questão confessional para a problemática étnica. Entretanto, percebe-se que uma diferença fundamental não

²⁸¹ PRIEN, 2001, p. 368.

persiste. O que permanece é o conflito ou a idéia de que é preciso fazer oposição aos "outros", aos "diferentes". Assim, o conflito passa a ser preenchido com conteúdo étnico sem que haja, pelo menos num primeiro momento, a percepção de que os pressupostos adotados pelos diferentes lados são os mesmos. Gradativamente, no entanto, principalmente através do incentivo por parte das instâncias alemãs no Brasil, ocorre uma convergência nos discursos e a cooperação aos poucos começa a se cristalizar. Unido a isso, a situação de opressão proporcionada pelos seguidos programas de nacionalização no Brasil contribui para a aproximação dos sínodos e o trabalho conjunto. Aprofundaremos essa questão no capítulo seguinte.

Uma questão que ainda precisa ser abordada é a mudança dos nomes e reformulação dos estatutos dos sínodos ocorrida nas décadas de 1920 e 1930. O que essas mudanças representam para a relação entre a Assoc. Evang. de Comundiades e o Sín. Evang. Lut.

3 – CONFISSÃO E ETNICISMO

3.1 A Igreja Confessante

Na Alemanha, com a ascensão do partido nacional-socialista de Hitler ao poder em 1933, muitos pastores e teólogos protestantes aclamaram o *Führer* como o líder que havia faltado em 1914. Já na década de 1920, muitos desses grupos reivindicavam uma purificação do cristianismo, rejeitando o Antigo Testamento, acentuando as raízes arianas de Jesus e declarando que o rabino Paulo do Tarso havia falsificado o Novo Testamento. Em 1932, esses grupos fundaram o *Movimento de Fé Teuto-Cristão*, que fazia uma síntese entre cristianismo e nazismo²⁸².

Por ocasião das eleições eclesiásticas de junho de 1933, "as corporações eclesiásticas foram ocupadas à força e por meio de expedientes enganosos com homens e mulheres de determinada marca. Esse partido político-eclesiástico se chamava os 'teuto-cristãos'" e todos os pastores que rejeitassem a divulgação do Evangelho segundo o gosto do povo e a aplicação do parágrafo ariano à Igreja eram destituídos dos seus cargos ou transferidos²⁸³.

A esse conflito que se instala no seio da Igreja na Alemanha na década de 1930 dá-se o nome de *Kirchenkampf* [batalha eclesial]. A oposição aos teuto-cristãos foi liderada por:

Martin Niemöller (1892-1986), que fundou, em novembro de 1933, a *Liga Emergencial de Pastores*, seguida por um *Conselho de Irmãos*. Este assumiu as funções de governo eclesial paralelo em todos os níveis (...) Esses grupos passaram a se aliar à oposição e a professores de Teologia dissidentes, como Karl Barth e *Dietrich Bonhoeffer* (1906-1945), executado por conspirar contra o regime e por estar envolvido no atentado de 20 de julho de 1942 contra Hitler²⁸⁴.

Em maio de 1934, a resistência se uniu e formou a *Igreja Confessante*, que formulou a *Declaração de Barmen*, na qual se rejeitou qualquer síntese entre fé

²⁸² DREHER, 1999, p. 180s.

²⁸³ PRIEN, 2001, p. 414.

²⁸⁴ DREHER, 1999, p. 181.

cristã e nacional-socialismo e proclamou "a exclusividade da revelação, assim como ela está contida na Bíblia."²⁸⁵

Nesse período ainda não havia um seminário para a formação de pastores no Brasil, de modo que a formação acontecia na Alemanha. Segundo Martin Dreher, "a nova orientação teológica, provocada pelo *Kirchenkampf*, também influenciou a discussão político-eclesiástica no Brasil e (...) o Depart. do Exter. liderado pelo Bispo Heckel, a procurou evitar."²⁸⁶ Isso se mostra bem claramente no caso do P. Ernesto Th. Schlieper. O P. Schlieper foi enviado para a Alemanha em 1927 pelo Sín. Riogr. para a realização de estudos teológicos a fim de, no futuro, exercer no Brasil o seu ministério. Durante os seus estudos teológicos, realizados em diferentes seminários alemães, entre eles Ilsenburg, Schlieper passou a se situar completamente ao lado da Igreja Confessante. Como tal, não conseguia reconhecer o Depart. do Exter. como instância superior, o que dificultou bastante o seu retorno à terra natal, sendo que o envio de obreiros para o Brasil era assunto exclusivo do Depart. do Exter. Somente após uma série de negociações e até uma carta da mãe de Schlieper, é que ele pôde retornar ao Brasil em 1936 e exercer o seu ministério. Entretanto, precisou assumir perante o Depart. do Exter. o compromisso de não transferir o *Kirchenkampf* para o Brasil, mesmo que estivesse convencido de que²⁸⁷

as brigas surgidas na I.E.A. [Igr. Evang. Alemã] tenham uma pergunta a dirigir a minha Igreja-pátria e, com isso, um significado para ela. É verdade que a situação de minha Igreja-pátria é diferente da I.E.A. e, por isso, uma simples transferência das divergências aqui surgidas para lá não faz sentido. O que, no entanto, me parecia importante, e nesse sentido agi, foi que minha Igreja-pátria compreendesse essa briga na I.E.A. e aprendesse a vê-la como uma briga eclesial, na qual tudo gira em torno da existência da Igreja²⁸⁸.

Schlieper de fato nada fez para transferir o *Kirchenkampf* para o Brasil, mas nunca deixou de lado o aspecto da confissão, tanto do Sín. Riogr. quando mais tarde da IECLB. "Foi ele quem, no ano de 1948, conseguiu que o Sín. Riogr. confessasse sua culpa. Essa confissão foi uma expressão de sua íntima ligação com a Igreja

²⁸⁵ DREHER, 1999, p. 181.

²⁸⁶ DREHER, 1984, p. 237.

²⁸⁷ Schlieper *Apud* DREHER, 1984, p. 237ss.

²⁸⁸ DREHER, 1984, p. 239.

Confessante, que ele mantivera apesar de todas as concessões exteriores."²⁸⁹ Aqui já se pode perceber que as mudanças no seio da Igreja alemã e a Igreja nacional que surge lá servirá de modelo para a Igreja nacional que irá surgir no Brasil. Além disso, em 1962, entregar-se-á as negociações acerca da fusão da Assoc. Evang. de Comunidades e da Sín. Evang. Lut. nas mãos da diretoria da Federação Sinodal (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB), cujo presidente é, nesta época, justamente o P. Schlieper.

3.2 A Federação Sinodal e a caminhada dos dois sínodos depois da Segunda Guerra

O período após a Segunda Guerra significou para os sínodos uma nova era, determinada pela busca por uma "reorientação teológica da Igreja", na qual os últimos resquícios de uma Igreja Alemã no Brasil seriam superados. Entre os pastores, pode-se observar basicamente dois grupos. De um lado, estavam os que eram a favor dessa renovação interna da Igreja. De outro, havia os "conscientemente alemães", que estavam completamente desorientados. Também nas comunidades, os festejos pelo final da Segunda Guerra não contaram com uma grande participação de alemães ou teuto-brasileiros²⁹⁰.

A reorientação teológica na Igreja no Brasil foi conduzida, principalmente, pela geração mais jovem de pastores que estudou na Alemanha durante o período do *Kirchenkampf* e que foi influenciada pela situação de caos político-eclesiástico ali reinante. Muito importante, nesse sentido, foi o retiro teológico realizado em Ijuí em julho de 1948 e repetido em São Leopoldo, no qual se tratou o tema: "A confissão da Igreja". As palestras desse encontro foram publicadas e tornaram-se conhecidas também nos outros sínodos. A Igreja no Brasil passou a não ser mais vista como sustentáculo da cultura germânica, mas como uma "Igreja no Brasil", o que iria se manifestar na pregação²⁹¹.

²⁸⁹ DREHER, 1984, p. 244.

²⁹⁰ DREHER, 1984, p. 245s.

²⁹¹ DREHER, 1984, p. 246.

As duas Guerras Mundiais e principalmente as experiências do *Kirchenkampf* fizeram surgir nos quatro sínodos, mas também em outras Igrejas, a consciência da necessidade de um constante vir a ser Igreja. A pergunta pela verdade da confissão passa a ser inevitável, provocando, simultaneamente, a abertura para o diálogo. Os acontecimentos dos anos anteriores fizeram com que os quatro sínodos se abrissem ecumenicamente, não logo para com outras igrejas cristãs, mas entre si mesmos. Isso levou a que se criasse, em 26 de outubro de 1949, a Federação Sinodal, na qual se definiu uma base confessional clara²⁹².

Segundo Krause, entre os principais motivos que levaram à criação da Federação Sinodal estão os impulsos de aproximação na década de 1930 por meio da ideologia da preservação da germanidade. Também a política dos representantes permanentes Erwin Hübbe e Gottlieb Funcke de promover o diálogo entre os sínodos teve papel importante. Além disso, a pressão da política brasileira de nacionalização impulsionou para que se realizasse já em setembro de 1938 um encontro entre os presidentes dos quatro sínodos, em São Leopoldo. Nesse encontro já foi manifestado o desejo e a disposição para a formação de uma federação sinodal²⁹³.

Os estatutos da Federação, bem como a sua interpretação feita pelo Presidente P. D. h.c. Hermann Dohms por ocasião do Primeiro Concílio Eclesiástico da Federação Sinodal, em São Leopoldo, de 14 a 16 de maio de 1950, evidenciam que "agora os acentos eram postos em uma Igreja no Brasil, em responsabilidade para com todo o povo brasileiro e não mais em responsabilidade para com um grupo étnico."²⁹⁴

É digno de nota que o Sín. Evang. Lut., no qual se perceberam maiores influências nacional-socialistas do que na Assoc. Evang. de Comunidades, ser o primeiro dos quatro sínodos a ratificar o estatuto da Federação Sinodal em 15 de novembro de 1948²⁹⁵.

²⁹² DREHER, 1984, p. 253s.; WIRTH, 1992, p. 162.

²⁹³ KRAUSE, 1989, p. 321s.

²⁹⁴ DREHER, 1984, p. 252.

²⁹⁵ WACHHOLZ, 2003a, p. 17.

Em *Lutherische Kirche in Brasilien* (1955), reconhece-se as falhas mútuas que impediram uma maior cooperação dos quatro sínodos. Acentua-se que faltou diálogo e disponibilidade para ouvir e entender o outro e na realidade não teria havido um motivo forte o suficiente que pudesse ter impedido a caminhada conjunta, pois:

Nossos sínodos estão todos alicerçados sobre uma base luterana. Comunidades reformadas não há por aqui, no que se refere ao âmbito dos quatro sínodos. Apenas o Catecismo Menor é empregado no ensino [...] e dessa forma também não se pode falar em comunidades unidas, nas quais as duas confissões tivessem lugar...²⁹⁶

Entretanto, não se pode esquecer que esse discurso já é posterior à formação da Federação Sinodal em 1949 e reflete um esforço de resignificação da própria história em decorrência da condição atual. Assim, o peso de argumentos como o da inexistência de elementos confessionais não-luteranos deve ser vista de forma relativa.

3.3 Os dois sínodos depois da Federação Sinodal

No livro comemorativo aos 50 anos do Sín. Evang. Lut., há o reconhecimento de que o trabalho eclesiástico em Santa Catarina não iniciou com a vinda dos pastores enviados pela Caixa de Deus Luterana da Baviera, mas antes disso vieram clérigos enviados de Barmen e pelo Cons. Sup. Ecles. Evang. [e Basiléia, Herrnhut etc!], os quais, entretanto, "não possuíam uma linha confessional clara para o trabalho eclesiástico em comparação aos pastores da Caixa de Deus"²⁹⁷. Percebe-se com isso que as divergências confessionais entre o Sín. Evang. Lut. e a Assoc. Evang. de Comunidades no que se refere à confessionalidade e a estigmatização daí resultante não desapareceram.

A necessidade de o Sín. Evang. Lut. "dizer quem ele é" existe em 1930 e em 1955. Como já vimos também, o dizer quem se é acontece por meio da diferença, ou

²⁹⁶ *"Unsere Synoden stehen verfassungsmässig alle auf lutherischer Grundlage. Reformierte Gemeinden gibt es hier nicht, soweit eben die 4 Synoden in Betracht kommen. Luthers Katechismus allein ist für den Unterricht zugelassen. So kann auch von unierten Gemeinden nicht die Rede sein, in welchen beide Bekenntnisse Daseinsrecht hätten..."* – LUTHERISCHE KIRCHE IN BRASILIEN, 1955, p. 11.

²⁹⁷ *"Was sie nicht in dem Masse besaßen, verglichen mit den Gotteskastenpastoren, war eine bekenntnisklare Linie in der kirchlichen Arbeit."* – LUTHERISCHE KIRCHE IN BRASILIEN, 1955, p. 11.

seja, os grupos se definem dizendo algo sobre o que eles não são, o outro. Esse outro é sempre visto negativamente, ele precisa ser diminuído para que o próprio grupo seja evidenciado. Por isso, se diz que "eles" "não possuíam uma linha confessional clara".

Além disso, é preciso fazer uma distinção entre a situação do Sín. Evang. Lut. em 1930 e 1955. Os grupos aos quais o sínodo se opõe nesses dois momentos não são os mesmos. Para isso contribuíram vários fatores: a situação conjuntural no Brasil é completamente distinta, a relação com a igreja alemã é outra, entre esses dois momentos tem-se a Segunda Guerra Mundial, etc. Na década de 1930, há a reflexão na Alemanha que procura construir uma nação e um povo a partir de supostos laços étnico-raciais e tenta expandir esses ideais para os "alemães" no exterior. No Brasil, há um governo igualmente interessado na construção de uma nação e um povo a partir da brasilidade, que essencialmente não é tão distinta da germanidade. O problema consiste em que brasilidade e germanidade constituem expressão de dois projetos políticos mutuamente excludentes. Como a reflexão nacional-étnica no contexto do protestantismo de imigração estava presente em praticamente todos os núcleos coloniais, esses grupos se opuseram ao projeto contrastante, a brasilidade. Mais do que isso, os defensores da brasilidade se opuseram ao projeto que lhes fornecia contraste, a germanidade. De forma ativa ou passiva os teuto-brasileiros estavam diante de um outro, o qual lhes exigia uma resposta. Essa foi a situação de indivíduos e sínodos.

No início do trabalho da Caixa de Deus em Santa Catarina, o projeto que se tinha era outro e estava relacionado à "construção" de uma igreja a partir de bases confessionais. Disso resulta que o grupo que oferecia resistência se situava no campo da confessionalidade, ou seja, a Assoc. Evang. de Comunidades. Quando na década de 1930 o projeto de igreja continuava, mas sobre bases étnicas, entrou-se num outro campo de oposições que estava vinculado a projetos políticos. Não é tão importante se isso ocorreu de forma intencional ou não, a questão central é que o projeto étnico se revelou inviável, principalmente com o desfecho da Segunda Guerra.

Após a Segunda Guerra, as definições a partir de bases étnicas e de oposições nesse campo não eram mais possíveis. Dessa forma, é preciso buscar por novas oposições, novos contrastes, novas "guerras" para que o Sín. Evang. Lut.

pudesse definir a sua identidade. Nessa busca, uma das primeiras possibilidades é a retomada de antigos discursos. Segundo Michael Banton:

[...] as pessoas podem cooperar umas com as outras numa situação comunitária sem estar conscientes daquilo que há de característico no seu grupo. Quando encontram estranhos, tornam-se conscientes de aspectos a seu respeito que até então tinham tomado como seguros, e a espécie de consciencialização que adquirem da sua identidade pode ser influenciada por um desejo de se diferenciarem dos que são os vizinhos mais próximos²⁹⁸.

A partir dessa contribuição de Banton, entretanto, pode-se refletir uma outra dimensão da polaridade entre o Sín. Evang. Lut. e a Assoc. Evang. de Comunidades que transparece no texto de 1955, segundo o qual os pastores da Assoc. Evang. de Comunidades "não possuíam uma linha confessional clara". Talvez a necessidade de diferenciação não seja devida à falta de um "outro", mas justamente por causa da presença dele, a nova situação em que os sínodos se encontravam. O "outro" está diante dos olhos com reivindicações que parecem ultrapassar as capacidades: a formação de obreiros por conta própria, a gradativa inserção na realidade brasileira, etc. resultando daí uma necessidade de diferenciação, de auto-definição em face do sentimento de impotência. A quem resta fazer oposição do que ao vizinho mais próximo? O vizinho mais próximo do Sín. Evang. Lut. é a Assoc. Evang. de Comunidades!

3.4 Repercussão comunitária da idéia federativa

Nesse sentido, ainda estar por ser feita uma pesquisa em atas de comunidades na qual se pergunta pelas discussões sobre a reestruturação da igreja à qual essas comunidades pertenciam e sobre a união desse corpo eclesiástico a outros três com as quais se tinha afinidades (confessionais, étnicas, sociais, religiosas, etc.).

²⁹⁸ BANTON, 1979, p. 161.

3.5 Sínodo Evangélico Luterano Unido

Apesar de toda a discussão ocorrida no período posterior à Segunda Guerra em torno da cooperação intersinodal e sobre a tarefa nos sínodos no Brasil, por mais de uma década ainda não foi cogitada uma fusão entre a Assoc. Evang. de Comunidades e o Sín. Evang. Lut. Um passo ousado e ao mesmo tempo decisivo parece ter sido dado pelo P. Wüstner, presidente do Sín. Evang. Lut., em março de 1958. Ele apresentou uma moção para a reunião do conselho da Federação Sinodal de 11 e 12 de março de 1958, em São Leopoldo. Segundo Wüstner, os sínodos sempre estiveram marcados por um forte desejo de auto-afirmação, o que teria sido expresso de forma enfática nos estatutos individuais. Isso, no entanto, em referência implícita à Assoc. Evang. de Comunidades e ao Sín. Evang. Lut., teria levado a mais guerras e causado mais males do que bem²⁹⁹.

Na fundamentação da moção apresentada pelo P. Wüstner, faz-se uma retrospectiva histórica da caminhada dos sínodos em direção à Federação Sinodal. Segundo Wüstner, a filiação do Sín. Evang. Lut. à Fed. Ecles. Evang. Alemã em 1933, a situação de abandono dos sínodos por parte da igreja-mãe durante a Segunda Guerra e a situação similar após a Guerra contribuíram decisivamente no processo de cooperação intersinodal. Ainda assim, cada sínodo permaneceu com a sua própria administração e ninguém cogitava a idéia de interferir nos assuntos alheios. Mesmo o P. Dohms não ousou precipitar um desenvolvimento que carecia de tempo para amadurecer³⁰⁰.

Agora, entretanto, continua Wüstner em sua argumentação, haviam se passado doze anos e o tempo tinha mostrado que a aproximação entre os quatro sínodos era bem vinda entre os pastores, mas acima disso ela era bem vinda por parte das comunidades. Assim, caberia dar um passo adiante nesse processo de formação de uma igreja de confissão luterana (em nenhum momento o P. Wüstner usa a formulação "no Brasil!"). Muitas das rivalidades entre comunidades vizinhas haviam sido superadas. A Federação Sinodal, com as suas mais de 500.000 almas saiu da clandestinidade e não poderá mais ser suprimida, tanto pela Igreja Católica bem como por outras denominações. Os "nossos" sínodos estariam preparados para

²⁹⁹ WÜSTNER, 1958, AHIECLB – SL7/2/027/1.

³⁰⁰ WÜSTNER, 1958, AHIECLB – SL7/2/027/1.

dar lugar ao desenvolvimento interno e externo da "Igreja Evangélica de Confissão Luterana"³⁰¹.

No documento redigido pelo P. Wüstner também se reflete sobre os possíveis motivos que poderiam impedir a fusão da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut. Para o autor, a questão confessional não poderia ser mais motivo de impedimento, pois

confessionalmente nós deveríamos saber qual é o nosso lugar! A designação 'igreja evangélica de confissão luterana' [sublinhado no original] não deveria ser apenas uma placa ou elemento de propaganda, mas compromisso interior, que determina o nosso modo de ser igreja. A menção ao desenvolvimento histórico [sublinhado no original] de cada sínodo e do seu caráter próprio também deverá ser um argumento pouco convincente em contraposição ao início de um novo desenvolvimento histórico, no qual também fatores humanos são determinantes³⁰².

Além de refletir sobre as motivações para uma reorganização dos territórios sinodais, Wüstner propõe de forma prática uma possível configuração. Segundo ele, O Sínodo Riograndense já comporia uma unidade e não carecia de mudanças; os estados de Santa Catarina e Paraná formariam uma segunda unidade e os demais estados de São Paulo ao Espírito Santo constituiriam uma terceira grandeza. Cada um desses territórios teria a capacidade de manter uma administração juntamente com um responsável que não estivesse vinculado a uma comunidade, de forma que tivesse tempo para se dedicar integralmente aos compromissos sinodais³⁰³.

Percebe-se, no discurso do P. Wüstner, uma questão relacionada à questão confessional que ainda não parece estar suficientemente clara. Por um longo período de tempo, o Sín. Evang. Lut., através dos seus pastores, rejeitava qualquer tipo de união, tendo-se em mente aqui o conceito de união conforme apresentado no primeiro capítulo. Agora, argumenta-se em favor da união, mesmo que não

³⁰¹ WÜSTNER, 1958, AHIECLB – SL7/2/027/1.

³⁰² "Bekennnismaessig muessten wir doch wohl wissen, wohin wir gehoeren! Die Bezeichnung 'Evang. Kirche lutherischen Bekenntnisses' kann fuer uns nicht nur Aushaengeschild und Propagandaschild sein, sondern innerste Verpflichtung, die unser kirchl. Handeln bestimmt. Der Hinweis auf die geschichtliche Entwicklung der Einzelsynode und ihres Sondercharakters duerfte wohl kaum ein ueberzeugendes Argument gegen den Anfang einer neuen geschichtlichen Entwicklung sein, in der auch menschliche Faktoren mitbestimmend sind." – WÜSTNER, 1958, AHIECLB – SL7/2/027/1.

³⁰³ WÜSTNER, 1958, AHIECLB – SL7/2/027/1.

exatamente nesses termos, como uma forma justamente de manter a fidelidade confessional.

De um lado, pode-se dizer que o pano de fundo com a problemática em torno das "uniões" e que constituía o fundamento sobre o qual as divergências intracomunitárias e intersinodais se apoiavam não existe mais. Ou seja, o discurso que alimenta esse tipo de divergência não era mais alimentado por um exterior que lhe fornecia sentido. Desse modo, por exemplo, será possível a adoção do termo "unido" no novo sínodo. Além disso, as mudanças conjunturais no Brasil também forçaram os sínodos a seguir uma caminhada "com as próprias pernas". Nesse sentido, foi preciso refletir meios que garantissem a auto-sustentação, de forma que em alguns casos a opção provavelmente tenha sido a de união ou então a falência da estrutura. Por outro lado, pensando que grande parte dos imigrantes alemães protestantes que vieram ao Brasil eram de confissão luterana, é de se supor que grupos minoritários nesse meio tenham sido reprimidos através de processos de estigmatização. Não há, até o momento pelo menos, notícias de estudos que procurem avaliar quantos membros se desligaram das comunidades sinodais, organizando comunidades próprias ou então filiando-se a outras comunidades eclesiais. Quando perguntarmos pelo papel das comunidades nesse contexto, essas considerações precisarão ser levadas muito a sério.

Numa notícia de 15 junho de 1961, sobre a segunda convenção pastoral do ano, realizada em Itouporanga, nos dias 3 e 4 de maio, a comunidade local é saudada com a afirmação de que ela pertence a uma grande comunhão de fé (*Glaubensgemeinschaft*). Na ocasião apresentou-se o protocolo do encontro intersinodal de Ponta Grossa, mas, apesar do "grande desejo das comunidades" para que ocorra a união, ainda nada pode ser decidido, visto que algumas questões de ordem confessional ainda precisariam ser esclarecidas³⁰⁴.

Em 13 de novembro de 1961, aconteceu em Blumenau a quarta reunião anual da diretoria da Assoc. Evang. de Comunidades. Na ocasião foi feito um relatório detalhado sobre o Concílio da Federação Sinodal ocorrida em outubro, em São Paulo, no qual a pergunta pela fusão da Assoc. Evang. de Comunidades com o

³⁰⁴ Pfarrkonvent in Itouporanga. **Mensageiro do Evangelho**, Rio do Sul, 15 jun. 1961. Aus der Synode, p. 13.

Sín. Evang. Lut. teria sido apresentada aos demais pastores da "Igreja Luterana no Brasil" [IECLB]. Após o consentimento dos pastores em favor da união, foi solicitado ao P. Schlieper, presidente da Federação Sinodal, que conduzisse as negociações referentes à fusão daquele momento em diante e que "removesse do caminho eventuais obstáculos"³⁰⁵!

No dia 20 de outubro de 1962, em Curitiba, ocorreu a fusão da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut., constituindo o Sínodo Evangélico Luterano Unido. Na assembléia constituinte também se discutiu e aprovou um esboço para uma Ordem da Igreja³⁰⁶. Quanto à definição confessional, Wachholz o resume:

Enquanto a **Assoc. Evang. de Comunidades** permitiu uma clareza maior do que simplesmente referência às "confissões da Reforma Luterana", o **Sín. Evang. Lut.** "abriu mão" do Catecismo Maior de Lutero, da formulação "inalterada" (Confissão de Augsburgo), da Apologia, dos Artigos de Esmalcalde e da Fórmula de Concórdia (obviamente deve-se observar que os estatutos de 1962 não necessariamente os excluem ao mencionarem somente "as confissões da Reforma da Martim Lutero, sobretudo a *Confessio Augustana* e o Catecismo Menor de Martim Lutero", mas também não os contemplam necessariamente)³⁰⁷.

3.6 As comunidades e o Sín. Evang. Lut. Unido

Para falar sobre as implicações comunitárias da união entre o Sín. Evang. Lut. e a Assoc. Evang. de Comunidades entrevistas com pessoas que vivenciaram a união parece constituir um meio privilegiado de pesquisa. Esse tipo de pesquisa, entretanto, implica um projeto de maior envergadura.

³⁰⁵ SYNODALVORSTAND zu seiner 4. Jahressitzung in Blumenau. **Mensageiro do Evangelho**, Rio do Sul, 15 dez. 1961. Aus der Synode, p. 12.

³⁰⁶ VEREINIGTEN Evangelischen Lutherischen Synode, **Mensageiro do Evangelho**, Rio do Sul, 15 dez. 1962. Aus der Synode, p. 12.

³⁰⁷ WACHHOLZ, Wilhelm. Associação Evangélica de Comunidades de Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.ieclbhistoria.org.br>>. Acesso em: 16 de outubro de 2006.

CONCLUSÃO

Evidentemente a pesquisa esboçada no presente relatório não está encerrada com os resultados que foram apresentados acima. Na realidade, muitas questões ainda carecem de maior aprofundamento e reflexão. Entretanto, pode-se concluir que foi dado um passo significativo na direção de uma história da aproximação da Assoc. Evang. de Comunidade e do Sín. Evang. Lut. que não considera apenas a história institucional e política, mas está preocupada com a repercussão da formação da Igreja de confissão luterana em diferentes esferas comunitárias.

Ao longo do primeiro capítulo da presente pesquisa, percebemos que uma uniformidade confessional nas bases da formação de comunidades nas áreas geográficas da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut. era inexistente. Assim, as divergências confessionais entre essas duas instituições não representam necessariamente uma novidade para as comunidades pré-sinodais. Mas também vimos que as divergências confessionais intersinodais não foram uma reprodução de diferenças comunitárias, e sim a reprodução em larga medida do conflito luterano X unido do contexto alemão. Esse conflito foi criado e incentivado nas comunidades pelos pastores provenientes dos centros de formação teológica na Europa e representantes das respectivas linhas teológico-confessionais.

À medida que adentramos no século XX, percebemos que houve uma desvalorização do discurso e conflitos em torno da confessionalidade no que diz respeito à relação que a Assoc. Evang. de Comunidades e o Sín. Evang. Lut. mantinham entre si. Gradativamente assume o primeiro plano do discurso institucional autorizado a questão étnica. O cultivo do etnicismo alemão é visto por um grande número de pastores como o fundamento sobre o qual repousa a igreja de confissão luterana. Por outro lado, pode-se perceber a existência de vozes críticas a tais reflexões, mas que não recebem a devida atenção por parte das autoridades competentes, pois estas também se encontravam comprometidas com o cultivo da germanidade.

De forma quase paralela à ascensão do nacionalismo na Alemanha, no Brasil também há uma reflexão em torno do que viria a constituir a brasilidade. Germanismo e brasilidade, nesse sentido, são o resultado da reflexão ideológica de dois projetos políticos distintos e mutuamente excludentes. Os imigrantes de origem européia no Brasil dessa época, ou seja, primeira metade do século vinte principalmente, são o ponto de intersecção desses dois projetos. Os pastores e seus respectivos sínodos, dos quais são os porta-vozes, juntamente com as escolas ligadas a esses grupos são os que reproduzem e incentivam os discursos de preservação da germanidade. Dessa forma, essas instituições passam a ser vistas como inimigas do Estado brasileiro e foram sistematicamente perseguidas e reprimidas através da criação de leis que inviabilizaram o seu funcionamento.

Desse desenvolvimento histórico surgiu a necessidade de reflexão em torno de uma Igreja no Brasil. O passado marcado pelas divergências confessionais e pelo cultivo da germanidade não foi posto de lado como se fosse possível iniciar uma nova caminhada a partir a partir da estaca zero. Esses temas servem para a reflexão acerca do papel da Igreja de confissão luterana no Brasil.

Assim, pode-se concluir que a caminhada convergente da Assoc. Evang. de Comunidades e do Sín. Evang. Lut. é perpassada por conflitos e "guerras", mas também as Guerras e as ações delas decorrentes provocaram profunda reflexão teológica no meio sinodal. Essa reflexão possibilitou que velhos conceitos ganhassem um novo significado. União, nesse sentido, deixa de ser sinônimo de um cristianismo inferior e passa justamente a expressar o compromisso primordial da igreja cristã em meio a guerras e conflitos, que é o de ser elemento de união, de irmandade, de cooperação, de aceitação e valorização de diferenças.

REFERÊNCIAS

1. ASSEMBLÉIA Geral Extraordinária. **Mensageiro do Evangelho**, Rio do Sul, 15 set. 1962. p. 3.
2. Aufruf für die Deutsche Woche in Curityba vom 24. April bis 2. Mai 1937. **Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt**, Joinville, 1. Apr. 1937. p. 27.
3. AUSZUG aus dem Protokoll der 19. Synodalversammlung der “Deutschen Lutherischen Kirche in Brasilien” im September 1936. **Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt**, Joinville, 1. Okt. 1936. p. 75-77.
4. BANTON, Michael. **A idéia de raça**. São Paulo: Martins Fontes, 1979. p. 153-173.
5. BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras [1969]. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
6. BAUER, Martin W., GASKLELL, George, ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento. In: BAUER, Martin W., GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com textos: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 17-36.
7. BESIÉ, Gerhard. Die Auslandsarbeit des Evangelischen Oberkirchenrats, In: ROGGE, Joachim, RUHBACH, Gerhard (Hrsg.). **Die Geschichte der Evangelischen Kirche der Union**. Leipzig: Evang. Verl.-Anst., 1994. Bd. 2. p. 457-480. p. 457-480.
8. BEYER, Michael. Unionen, Kirchliche. I. Sprachgebrauch und Begriffsbestimmung. In: MÜLLER, Gerhard (Hrsg.). **Theologische Realenzyklopädie**. Berlin: de Gruyter, 2002. Bd. 34. p. 311-313.
9. Blumenau 1868: Memorial histórico na pedra fundamental da Igreja Evangélica. In: FLOS, Max-Heinrich. **Nossos Pais**. Um livrinho que conta da nossa história centenária. São Leopoldo: Rotermond, 1961. p. 32-41.
10. BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992b. p. 327-348.
11. BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992a. p. 7-37.
12. CERTEAU, Michael de. **A Cultura no Plural**. Campinas-SP: Papirus, 1995.

13. CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica**. 5.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.
14. DEUTSCHER EVANGELISCHEN GEMEINDEVERBAND VON SANTA CATARINA. **Zwei Vorträge über Die Sicherung des Gemeindevermögens**. [S.l.: s.n., s.d.]. (cópia de documento em posse do pesquisador)
15. Die Fusion. **Mensageiro do Evangelho**, Rio do Sul, 15 mai. 1962. Aus der Synode, p. 13-14.
16. DIE THEOLOGEN als Kämpfer im Weltkrieg. **Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt**, Joinville, 1. Jul. 1937. p. 53.
17. DREHER, Martin N. **A Igreja Latino-Americana no Contexto Mundial**. São Leopoldo: Sinodal, 1999. 244 p. (Coleção História da Igreja, V.4).
18. DREHER, Martin N. **Igreja e Germanidade**. São Leopoldo: Sinodal, 1984. 287 p.
19. DREHER, Martin N. O Estado Novo e a Igreja Evangélica Luterana. In: MÜLLER, Telmo. **Nacionalização e imigração alemã**. São Leopoldo: UNISINOS, 1994. p. 87-110.
20. ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
21. ES NAHT DER 50. GEBURTSTAG unserer Synode. Wie kamm es zur Gründug der Synode? **Mensageiro do Evangelho**, Rio do Sul, 15 jun. 1961. Aus der Synode, p. 13-14.
22. EVANGL. PRESSEDIENST. Jubiläumsgruss. **Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt**, Joinville, 1. Jul. 1936. Kirchliche Rundschau, p. 55-56.
23. FISCHER, Erich. Der Tag steigt aus dem Dunkeln. **Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt**, Joinville, 1. Feb. 1938. p. 10-11.
24. FISCHER, Joachim H., Identidade confessional – Lições da história, **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 29-42, 2003.
25. FRANK, Karl. Gemeinde oder Gemeinschaft? **Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt**, Joinville, 1. Mar. 1936. p. 20-22.
26. GASSMANN, Günther; HENDRIX, Scott. **As Confissões Luteranas: uma introdução**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.
27. GERTZ, René. Cidadania e Nacionalidade: história e conceitos de uma época. In: MÜLLER, Telmo. **Nacionalização e imigração alemã**. São Leopoldo: UNISINOS, 1994. p. 13-26.
28. GERTZ, René. **O perigo alemão**. Porto Alegre: UFRGS, 1991.

29. GOETERS, J. F. Gerhard. Die Anfänge der Union unter landesherrlichem Kirchenregiment (1817-1850). In: GOETERS, J. F. Gerhard, MAU, Rudolf (Hrsg.). **Die Geschichte der Evangelischen Kirche der Union**. Leipzig: EVA, 1992. Bd.1. p. 27-40.
30. GRAF, Friedrich Wilhelm. Konfessionalismus. In: BETZ, Hans Dieter, BROWNING, Don S., JANOWSKI, Bernd, et. all. (Hrsg.) **Religion in Geschichte und Gegenwart**. 4.Aufl. s.l.: Mohr Siebeck, 1998[?]. Bd.4. p. 1548-1549.
31. GRIMM. Ein Wort an die Nichtmitglieder. **Der Christenbote**, Blumenau, n.6, 14.Jahrgang, Jun. 1921. p.3.
32. HÄGGLUND, Bengt. **História da teologia**. 7.ed. Porto Alegre: Concórdia, 2003.
33. HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**. Vol. 22, n. 2, 1997, p. 15-46.
34. HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.
35. HECKEL, D. Theodor. Grusswort des Herrn Bischof D. Heckel na die deutschen evangelischen Gemeinden im Ausland. Berlin-Charlottenburg, den 14. Dezember 1936. **Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt**, Joinville, 1. Feb. 1937. p. 12.
36. HECKEL, D. Theodor. Grusswort des Herrn Bischof D. Heckel. **Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt**, Joinville, 1. Jan. 1938. p. 2.
37. HILLESHEIM, Jaime; BRUNS, Camile Rebeca. Associações escolares: elementos históricos para o debate sobre associativismo civil em Blumenau. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XLIII, n. 03/04, p. 60-66, 2002.
38. HOBSBAWM, Eric. Etnia e nacionalismo na Europa de hoje. In: BALAKRISHNAN, Gopal. **Um Mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 271-282.
39. INTERSYNODALE Pfarrkonferenz in Ponta Grossa. **O Mensageiro do Evangelho**, Rio do Sul, 15 Mar. 1961. Aus der Synode, p. 11.
40. JUNG, Jaime. **“O Inferno no Paraíso”, de Oswaldo Jung**. 2004. 118 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras) – Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo.
41. KILPP, Nelson (Coord.). **Manual de normas para trabalhos científicos: baseado nas normas da ABNT**. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2006.
42. KLEUTING, Harm. Konfessionalisierung. In: BETZ, Hans Dieter, BROWNING, Don S., JANOWSKI, Bernd, et. all. (Hrsg.) **Religion in Geschichte und Gegenwart**. 4.Aufl. s.l.: Mohr Siebeck, 1998[?]. Bd.4. p. 1547-1548.

43. KLUG, João. A Escola Teuto-Catarinense e o Processo de Modernização em Santa Catarina - A Ação da Igreja Luterana Através das Escolas (1871-1938). São Paulo: USP, 1997 (tese de doutorado).
44. KLUG, João. **Imigração e Luteranismo em Santa Catarina**. Florianópolis: Papalivro, 1994.
45. KRAUSE, Henrique. **Lutherische Synode in Brasilien: Geschichte und Bekenntnis**. Erlangen: Ev.-Luth. Mission, 1993. 347 p. (Erlanger Monographien aus Mission und Ökumene, Band 10)
46. LANGE, Wilhelm. Aus den Erinnerungen eines alten Pfarrers. **Der Christenbote**, Blumenau, n.4, 15. Jahrgang, April 1922. p. 3.
47. LANGE, Wilhelm. Der Lutherischen Gotteskasten. **Sonntagsblatt**, São Leopoldo, p. 18-19, 30. Jul. 1905.
48. LAVILLE, Christian, DIONNE, Jean. **A Construção do Saber**. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
49. Lutherfeier in Wittenberg 4.-6. März 1922. **Der Christenbote**, Blumenau, n. 6, Ano 15, jun. 1922. p. 4.
50. **Lutherische Kirche in Brasilien**. Festschrift zum 50-jährigen Bestehen der lutherischen Synode am 9. Oktober 1955. São Leopoldo: Rotermund, 1955.
51. MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. **Identidades Traduzidas: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
52. MÜLLER, Hans. Ernennung Präses Schlünzen zum Ständigen Vertreter des Kirchlichen Aussenamtes für unsere Deutsche Lutherische Kirche in Brasilien. **Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt**, Joinville, 1. Mar. 1936. p. 18.
53. MÜLLER, Hans. Presidente Vargas. O Estado Novo e suas realizações. **Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt**, Joinville, 1. Jun. 1938. Bücherbesprechung, p. 48.
54. MUMELTHEY, Walter. 50 Anos do Sínodo de Santa Catarina e Paraná. **Mensageiro do Evangelho**, Rio do Sul, 15 ago. 1961. Edição Comemorativa, p. 21-22.
55. NIXDORF, Wolfgang. Die lutherische Separation. Union und Bekenntnis (1834). In: GOETERS, J. F. Gerhard, MAU, Rudolf (Hrsg.). **Die Geschichte der Evangelischen Kirche der Union**. Leipzig: EVA, 1992. Bd.1. p. 220-240.
56. NÜSSEL, Friederike. Unionen, kirchliche. In: BETZ, Hans Dieter, BROWNING, Don S., JANOWSKI, Bernd, et. all. (Hrsg.) **Religion in Geschichte und Gegenwart**. 4.Aufl. s.l.: Mohr Siebeck, 1998[?]. Bd.8. p. 749-752.

57. Obreiros que atuaram em Santa Catarina. Disponível em: <<http://www.ieclbhistoria.org.br/modulos/obreirosEstados.php?estado=Santa+Catarina>>. Acesso em 20 mar. 2007.
58. Persönlichkeiten aus Luthers Leben. **Der Christenbote**, Blumenau, n. 10, Ano 15, out. 1922. p. 2-3.
59. Pfarrkonvent in Itouporanga. **Mensageiro do Evangelho**, Rio do Sul, 15 jun. 1961. Aus der Synode, p. 13.
60. POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
61. PRIEN, Hans Jürgen. Formação da Igreja Evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal, 2001. 581 p.
62. Reformationsfest. **Der Christenbote**, Blumenau, n. 11, Ano 16, nov. 1923. p. 1.
63. RIEGEL, [Pastor]. Unser neuer Katechismus. **Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt**, Joinville, 14. Jahrgang, Jan. 1920. p. 10-11.
64. RIETH, Ricardo W. Imigração, colonização e associativismo evangélico: acerca da presença da “Associação/Obra Gustavo Adolfo” no Brasil, **Estudos Teológicos**, v. 43, n. 1, p. 114-123, 2003.
65. ROCHA, Everaldo P. Guimarães. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
66. ROSER, Hans; KELLER, Rudolf. **Ich bin bereit**. Erlangen: Martin-Luther-Verlag, 1997.
67. SCHELLENBERG, Peter. Diasporawerke. In: KRAUSE, Gerhard; MÜLLER, Gerhard. **Theologische Realenzyklopädie**. Berlin: deGruyter, 1981. p. 719-726.
68. SCHWARZ, Hans. VII. Reformationszeit bis 17.Jh. In: MÜLLER, Gerhard (Hrsg.). **Theologische Realenzyklopädie**. Berlin: de Gruyter, 1984. Bd. 13. p. 416-429.
69. SERVIÇO DE DIVULGAÇÃO DA POLÍCIA DO RIO, A espionagem e a contra espionagem, na Rússia (sic!). **Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt**, Joinville, 1. Apr. 1938. p. 31.
70. SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. 240 p.
71. Synodalvorstand zu seiner 4. Jahressitzung in Blumenau. **Mensageiro do Evangelho**, Rio do Sul, 15 dez. 1961. Aus der Synode, p. 12.
72. SÍNODO EVANGÉLICO DE SANTA CATARINA E PARANÁ. Estatutos (1939). **Estatutos do Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná**: registrados em 5 de dezembro de 1939. Florianópolis: [s.n.], 1939. 3 p.

73. STIEWE, Martin. Unionen IV/1. Deutschland. In: MÜLLER, Gerhard (Hrsg.). **Theologische Realenzyklopädie**. Berlin: de Gruyter, 2002. Bd. 34. p. 323-327.
74. STOER, H. 50 Jahre Synode von Santa Catarina und Paraná. **Folha Dominical**, São Leopoldo, 10 set. 1961. Suplemento da Folha Dominical, p. 2.
75. Synodalbericht. **Messageiro do Evangelho**, Rio do Sul, 15 nov. 1962. p. 12-13.
76. SYNODALVORSTAND zu seiner 4. Jahressitzung in Blumenau. **Messageiro do Evangelho**, Rio do Sul, 15 dez. 1961. Aus der Synode, p. 12.
77. UNBEHAUN, Oskar. Unsere Schulen. **Der Christenbote**, Blumenau, n.6, 14. Jahrgang, Jun. 1921. p.3-5.
78. Vereinigten Evangelischen Lutherischen Synode, **Messageiro do Evangelho**, Rio do Sul, 15 dez. 1962. Aus der Synode, p. 12.
79. WACHHOLZ, Wilhelm, **Federação Sinodal/Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. Disponível em: <<http://www.ieclbhistoria.org.br>>. Acesso em: 16 outubro 2006.
80. WACHHOLZ, Wilhelm. **Sínodo Rio-Grandense**. Disponível em: < <http://www.ieclbhistoria.org.br>> Acesso em: 16 outubro 2006.
81. WACHHOLZ, Wilhelm. **“Atravessem e ajudem-nos”**. São Leopoldo: Sinodal, 2003a. 658 p. (Série Teses e Dissertações – v. 19)
82. WACHHOLZ, Wilhelm. “IECLB”: caminhos de uma confessionalidade (diagnósticos e prognósticos), **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 14-28, 2003b.
83. WACHHOLZ, Wilhelm. **Associação Evangélica de Comunidades de Santa Catarina**. Disponível em: <<http://www.ieclbhistoria.org.br>>. Acesso em: 16 outubro 2006.
84. WACHHOLZ, Wilhelm. **Teologia e Etnia**. 1990. 47 p. Terceiro Trabalho Semestral (Bacharelado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo.
85. WARUM schliesst sich deine Gemeinde nicht der Synode an? **Evangelisch-Lutherisches Gemeindeblatt**, Joinville, 1. Okt. 1936. p. 78-80.
86. WEBER, Max. **Economia e sociedade**. 3 ed. Brasília: Editora da UNB, 1994. vol. 1. p. 269-277.
87. WELK, Rosane. Os Professores da "Escola Alemã" de Rio da Luz Victoria. **Blumenau em Cadernos**, Blumenau, Tomo XLI, n. 6, p. 49-57, Jun.2000.
88. WIRTH, Lauri Emilio. Protestantismo Brasileiro de Rito Luterano, **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 68-77, set/nov 2005.

89. WIRTH, Lauri Emilio. **Protestantismus und Kolonisation in Brasilien.** Erlangen: Ev.-Luth. Mission, 1992. (Erlanger Monographien aus Mission und Ökumene, Band 15)
90. WÜSTNER, Fr. São Leopoldo. Begründung des Antrages zu Punkt 15 des Protokolls der Sitzung des Rates des Bundes der Synoden (Evang. Kirche Luth. Bekenntnisses) am 11. und 12. März 1958 in São Leopoldo. AHIECLB – SL7/2/027/1.

ANEXO I

Begründung des Antrages zu Punkt 15 des Protokolls der Sitzung des Rates des Bundes der Synoden (Evang.Kirche luth.Bekenntnisses) am 11.und 12.März 1958 in São Leopoldo.

Punkt 15, Abschnitt 2 und 3 (Synodale Gebietsänderung).

Die Gründung des "Bundes der Synoden" bedeutete für jede der Gliedsynoden einen Meilenstein ihrer geschichtlichen Entwicklung. Aus härtesten Anfängen heraus gestaltete sich allmählich erst, was wir heute Synode nennen. Lebten die einzelnen Gemeinden, die geistlich betreut wurden zuerst zusammenhanglos nebeneinander, so brach sich im Laufe der Zeit doch der Wille Bahn, sich zusammen zu schließen. Wie die Gemeinden selbst oftmals in ihrer Existenz bedroht waren, so auch die einzelne Synode. Das Gefühl, auf sich allein angewiesen zu sein, der weite Raum des Einwandererlandes und der stark Wille zur Unabhängigkeit gab dem Freiheits-Gedanken Nahrung genug, so dass das Autoritätsprinzip im kirchl. Raum eher abgelehnt als angenommen wurde. Wer die Geschichte seiner Synode verfolgt, wird immer wieder auf diesen Punkt stoßen und wer einige Jahrzehnte in der hiesigen Gemeinde –und Synodalarbeit steht, weiß es, dass dieser demokratische Gedanke noch nicht völlig überwunden ist.

Der Wille zur Selbsthauptung fand auch im Blick einzelne Synode, die sich ihre Rechtsordnung schaffte, lebhaften Ausdruck. Dies führte oftmals zu Kämpfen, die zwischen zwei Synoden ausgetragen wurden und mehr Schaden als inneren Gewinn brachten.

Der Anschluss unserer Synoden an den Evangelischen Kirchenbund, dem späteren kirchlichen Aussenamt hat, zu einer Überbrückung der scheinbaren Abgründe und zu einem friedlicheren Nebeneinander der Synoden geführt. Jede Synode behielt ihre eigenen Rechte, was seitens des kirchl.Aussenamtes der "Lutherischen Kirche" gegenüber zum Ausdruck kam, dass Präses F.Schlunzen DD auch zugleich als Vertreter des kirchl.Aussenamtes innerhalb seiner Synode ernannt worden war.

Die grossen Noete der Kriegsjahre, die unsere Synoden unterschiedslos zu tragen hatten, das "Auf-sich-gestellt-sein", als alle Verbindungen mit der Mutterkirche abgeschnitten waren, und die Scweren gemeinsamen Aufgaben unmittelbar nach dem Krieg haben den Gedanken eines Zusammenschlusses der vier evang.Synoden reifen lassen und die fuehrenden Maenner der einzelnen Synoden veranlasst, die Gruedung eines Bundes der Synoden scharf ins Auge zu fassen.

Praeses Schluenzen DD, dessen Name in diesem Zusammenhang mit dem des spaeteren ersten Praeses des BdS. D.Dohms, genannt werden darf, schreibt von der ersten Praesidenkonferenz, die 1946 stattgefunden hat, dass "die Bekenntnisgrundlage der 4 Synoden festgestellt worden sei" und "dass sich erwiesen haette, dass alle 4 Synoden sich auf Grund der heiligen Schrift zu den Symbolen Dr.Martin Luthers bekannten, vornehmlich der Augsburgischen Konfession und Luthers Kleinem Katechismus". D.Dohms fuehrt anlaesslich der ersten Kirchenversammlung im Jahre 1950 aus: "Diese Kirche ist bekenntnismaessig bestimmt durch die Augsburgische Konfession und Luthers Kleinem Katechismus, gehoert in die Familie der von der Reformation Martin Luthers gepraeigten Kirchen und wird das, wenn sie sich, wie wir hoffen, bald nicht mehr "Federação Sinodal" (Synodalbund) sondern Kirche nennt, in ihrem Namen zum Ausdruck bringen". Wir wissen, dass diese Hoffnung auf der zweiten Kirchenversammlung 1954 in Erfuellung ging. Es ist nicht zu leugnun, dass dieser Zusammenschluss Umdenken und den Willen zur Neuorientirung verlangte. Die einzelnen Synoden, die bisher mehr oder weniger ihren Partikularinteressen nachgingen, mussten sich nun den grossen gesamtkirchl. Aufgaben zuwenden. Es galt sich den wichtigeren Gesichtspunkten ein-und unterzuordnen. Wohl hat bis heute noch jede Synode ihre eigene Verwaltung und synodale Ordnung. Es darf ruehmend hervorgehoben werden, dass von kleiner Seite der Versuch gemacht worden war, irgend eine Synode in der Ausuebung ihrer Rechte und Pflichten, die sie als synodale koerperschaft hat, zu hindern, oder gar zu bevormunden. D.Dohms, der Praeses des BdS, der zugleich auch Praeses der groessten Gliedsynode war, war viel zu klug und in seinem theologischen Denken zu sauber, als dass er nur andeutungsweise den Versuch gemachthaette, einer Entwicklung vorzugreifen, die Zeit noetig hat, um auszureifen.

Nun sind seit jenen Tagen, als von den Praesiden der einzelnen Synoden das Ziel: Schaffung eines Bundes der Synoden, ins Auge gefasst worden war, 12 Jahre vergangen und die Entwicklung hat gezeigt, dass ein Zusammen wachsen der Gliedsynoden seitens der Pfarrer und vielleicht noch mehr seitens der Gemeinden äusserst begruesst wurde. Diese Dinge haben sich entwickelt, so dass von einem gewaltsamen, unnuerchternen Vorwaertsdraengen in keiner Weise die Rede sein kann. Wir haben dabei nur gewonnen. Mehr als es frueher geschehen konnte, haben wir uns hinter die gesamtkirchlichen Aufgaben stellen koennen. Die Opferwilligkeit hat betraechlich zugenommen. Gegensaetze zwischen manchen hart an der Synodalgrenaze gelegenen Gemeinden konnten gemildert werden. Der Bund der Synoden, mit seinen mehr als 500000 Seelen tritt nach aussen hin in Erscheinung und kann von kath.Seite, wie auch von anderen Dominationen nicht mehr uebergangen werden. Eine einheitliche Urlaubs-Besoldungs-und Disziplinarordnung laesst erkennen, dass unsere Synoden auf dem Wege sind, ihre Lieblings und Sonderinteressen zurueckzustellen, um dem grossen Gedanken der inneren und äusseren Gestaltung der "Evangelischen Kirche lutherischen Bekenntnisses" Raum zu geben.

Der geschichtliche Entwicklung der einzelnen Synoden hat im Laufe der vielen Jahrzehnte dahin gefuehrt –die Riograndenser Synode ausgenommen, die ein geschlossenes Gebiet verwaltet- dass ihre Gemeinden, regional gesehen, bunt ineinander liegen. Greifen wir einige Beispiele heraus: Die Gemeinde Indaial, die zur luth.Kirche gehoert, liegt eingeklemmt zwischen den angrenzenden Gemeinden der Ev.Synode von Santa Catarina und Paraná. Die Aussengemeinden Benedito Novo liegt naeher am Pfarrsitz der zur Ev.Synode gehoerenden Gemeinde als an demdes [sic] Pfarrers von Indaial. Eine Kirche, die von Itoupava bedient wird, liegt kaum 500 m vom Pfarrhaus in Massaranduba entfernt. Die Gemeinden der Evang. Synode von Sta.Catarina, Corupá, São Bento und Rio Negro-Mafra liegen an der Bahnstrecke Canoinhas und Porto união, deren Gemeinden zur Luth.Kirche gehoeren. Die Gemeinde Paranás, Toledo, Maringá, Rolandia, Riograndense, Ponta Grossa und Castro sind synodal der Luth.Kirche angeschlossen, waehrend die Gemeinde Curitiba zur Ev. Synode von Sta.Catarina und Paraná gehoert. Zwischen dem synodalen Gebiet der luth.Kirche in Sta. Catarina, Paraná und Espirito Santo, liegen

der Staat S.Paulo und der Distrito Federal, wo die Mittelbrasilianische Synode arbeitet.

Wir muessen uns heute doch fragen, ob frei aller Wertschaetzung der geschichtlichen Entwicklung der Synoden dieser Status unter allen Umstaenden und fuer alle Zeiten beibehalten werden muss, oder ob eine regionale Gebietsteilung ins Auge zu fassen, nicht viel ratsamer waere. Welche Gruende sollten uns abhalten, diesem Gedanken naeher zu treten? Bekennnismaessig muessten wir doch wohl wissen, wohin wir gehoeren! Die Bezeichnung "Evang.Kirche lutherischen Bekenntnisses" kann fuer uns nicht nur Aushaengeschild und Propagandaschild sein, sondern innerste Verpflichtung, die unser kirchl.Handeln bestimmt. Der Hinweis auf die geschichtliche Entwicklung der Einzelsynode und ihres Sondercharakters duerfte wohl kaum ein ueberzeugendes Argument gegen den Anfang einer neuen geschichtlichen Entwicklung sein, in der auch menschliche Faktoren mitbestimmend sind.

Wie sahe die neue Gebietsteilung aus? Ohne Anspruch auf Vollstaendigkeit oder gar Durchfuehrung meiner Gedanken zu erheben, wuerde ich vorschlagen, dass die Gemeinden in Santa Catarina und Paraná einen Synodalkoerper bilden, wie die Riograndenser Synode. Ebenso auch die Gemeinden von São Paulo bis Esp.Santo. Es entstuedenalso neben der Riograndenser Synode zwei Synoden, die geografisch geeint, d.h.regional zusammengeschlossen, stark genug waeren, um je einen hauptamtlichen Praeses zu tragen, der sich rein den synodalen Aufgaben zuwenden koennte, und, da er an keine Gemeinde gebunden ist, auch die noetige Zeit faende, seine Pfarrer und ihre Gemeinden zu besuchen. Jede dieser beiden Synoden wuerde, wie Rio Grande, ihr eigenes Synodalblatt herausgeben. Die Frauen-wie die Jugendarbeitet koennte intensiviertwerden und die Mittel fuer gesamtkirchliche Aufgaben innerhalb der eigenen Synode, wuerden wesentlich leichter beschafft werden koennen. Ausbildungsstaetten fuer diakonische Kraefte oder Katecheten sollte es doch wohl nicht nur in Rio Grande und Espirito Santo geben! Zeit, Kraft und Geld wuerde auf diese Weise gespart und dem inneren Aufbau der Arbeit zugute kommen. Die Gemeinden, ganz gleich welcher Synode sie angehoert haben, wuerden sich als eine Gemeinschaft fuehlen und oftmals noch genaehrt Gegensaezte einzelner Gemeinden beider Synoden wuerden voellig gegenstandslos sein werden. Nicht zuletzt bedeutet dieser Schritt auch eine

ungeheure Erleichterung der Arbeit der Praesident und ganz besonders der Praeses des BdS, der die Gesamtleitung der Kirche in Haenden hat.

Ich bin davon ueberzeugt, dass der Weg zur Verwirklichung dieses Vorschlags gangbar ist, wenn auf Pfarrkonferenzen und auf den kreis-und Synodalversammlungen Arbeit geleistet wird, wenn wir uns nicht von nichtigen kirchenpolitischen Gesichtspunkten leiten lassen, wenn wir ganz offen un ehrlich zueinander sind, wenn wir als Glieder einer Kirche zusammenstehen und wenn wir die Frage des Bekenntnisses ernst nehmen, das Evangelium von Jesus Christus bezeugen und die Einigkeit des Glaubens und Bekennens als Evang.Kirche lutherischen Bekenntnisses mit aller Hingabe pflegen und foerdern.

Joinville, den 9.Mai 1958

Fr.Wüstner, DD, Präses